

PRÊMIO *Paulo Freire*

DE QUALIDADE
DO ENSINO MUNICIPAL

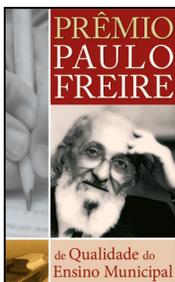
PROJETOS PREMIADOS

2016



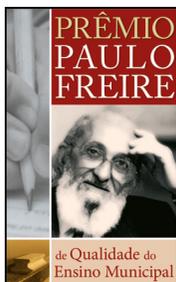
CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal



Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETOS PREMIADOS 2016



Os projetos premiados da edição 2016 do Prêmio Paulo Freire estão publicados neste caderno, conforme disposto nos itens 1.7 e 5.4 do regulamento. Os textos dos projetos são de responsabilidade dos respectivos autores.

Sumário

1º LUGAR

Círculo Literário de Itaquera: a poesia que fazemos, a poesia que somos.....6

2º LUGAR

Alegrias de quintal – autonomia, alegria e conhecimento 16

3º LUGAR

EMEF Doutor Sócrates Brasileiro: Democracia se constrói nas escolas
e no território com consciência política e participação..... 26

MENÇÕES HONROSAS:

- A construção da identidade do(a) educando(a) no espaço escolar,
a partir do lugar40
- A cidade de São Paulo como espaço para a construção da cidadania:
diferentes tempos e espaços na perspectiva de seus habitantes..... 49
- Cores e sabores: de olho na influência da cultura afro 61
- Quarto de Despejo – Desconstruindo narrativas hegemônicas de identidade..... 66
- Construindo viveiros de infância 74
- Mediação e resolução de conflitos – Um novo olhar 87
- Sou indígena 93

1º LUGAR

Projeto:

Círculo Literário de Itaquera: a poesia que fazemos, a poesia que somos

Unidade Educacional:

EMEF Professor Aurélio Arrobas Martins

Responsável:

Daniel Carvalho de Almeida

RESUMO DO PROJETO

Após a publicação de dois livros de poesia, os alunos-poetas da EMEF Prof. Aurélio Arrobas Martins tiveram uma responsabilidade ainda maior: a de sustentar a produção cultural em sua região. Deixamos de fazer um projeto educacional para criar um coletivo artístico. Deixamos de apenas fazer poesia para tentar ser a expressão poética de Itaquera. Assim, o Círculo Literário de Itaquera consiste na intervenção social por meio da arte dos jovens poetas da região.

JUSTIFICATIVA

Um projeto, seja ele educacional ou não, remete às ações de projetar, idealizar e de planejar a concretização de algo. Tais ações são inerentes à atividade humana, tanto que Marx (1996), ao fazer uma analogia entre o trabalho de uma abelha e de um tecelão, recorre a ideia de projeto para distinguir o trabalho dos dois. Enquanto o trabalho da abelha é algo inato e instintivo, o tecelão, antes de construir sua obra, é capaz de construí-la em sua mente.

Ou seja, no fim do processo de um trabalho humano, existe um resultado que, no início, existiu idealmente na imaginação do indivíduo. A particularidade do ser humano está no fato de ser capaz de organizar seus atos pelo pensamento, projetar uma ação, planejá-la e realizá-la. Nesse sentido, um projeto educacional é fruto de um trabalho humano e coletivo, que consiste em uma série de ações cujo intuito é, por meio do planejamento, vontade e realização, transformar determinada realidade, satisfazendo determinadas necessidades e buscando melhorias. Pensando nisso, procuramos levar os alunos-poetas a refletir, estudar, pesquisar e a desenvolver determinadas ações, a fim de que, ao final do processo, houvesse um resultado significativo, que compreendesse a realização de um desejo, sonho ou ideal desses próprios alunos. Essa forma de pensar o ensino contribui, não apenas para a formação cognitiva do educando, mas para sua formação social, uma vez que o educando parte do processo tomando decisões, discutindo problemas, descobrindo caminhos, dialogando com seus colegas, vivenciando experiências em grupo e, sobretudo, vendo mais sentido naquilo que ele mesmo produz. Além disso, pensar em um projeto educacional implica em projetar um ideal de pessoa ou sociedade que se pretende desenvolver e promover, o que nos permite afirmar que o trabalho por meio de projetos compreende uma função não somente educacional, mas social e política. É justamente essa ideia de projetividade no projeto “Círculo Literário de Itaquera” que deu sentido a nossa produção artística e propiciou que os alunos se reconheçam autores não somente de seus textos, mas de suas ações, e que buscassem, por meio de seus conhecimentos, interferir na realidade que os cerca. Trata-se, portanto, do aprender a ler e a escrever para mudar o mundo (FREIRE, 1979), do aprender tendo como base a ideia de projetividade, do aprender buscando sentido naquilo que fazemos.

OBJETIVOS

- Partindo da arte e do prazer estético, voltar-se a uma educação mais humana e sensível, com foco na formação social dos educandos e na reflexão concernente aos Direitos Humanos;
- Conceber a arte como forma de resistência tanto ao caos interior, quanto a exclusão social;
- Proporcionar reflexões para que os educandos entendam melhor a si mesmos, o mundo que os cerca e, conseqüentemente, o outro, desenvolvendo, assim, a percepção, o sendo de alteridade e a empatia;

- Colaborar na elaboração da identidade e da subjetividade dos educandos, tendo como ferramenta o texto literário;
- Viabilizar a participação mais efetiva dos educandos na comunidade a qual pertencem e na sociedade como um todo;
- Levar os educandos a ocuparem e a atuarem em diferentes espaços, transcendendo as paredes da Unidade Escolar;
- Oportunizar momentos em que os próprios educandos aprendam e ensinem uns aos outros, como também multipliquem suas experiências em diferentes ambientes, desde escolas, a saraus feitos em pontos de cultura;
- Promover aprendizagens diversificadas, valendo-se de situações reais e de diferentes áreas do conhecimento (tais como Política, Sociologia, Estética, História, etc.);
- Incentivar formas de expressão artísticas, sobretudo as que possam servir como intervenção social;
- Possibilitar ações em que cada educando possa reconhecer-se como sujeito histórico, construir-se como pessoa, transformar o mundo e fazer cultura e história em sua comunidade local (FREIRE, 2006, p. 45).

METODOLOGIA

O projeto Círculo Literário de Itaquera é a continuidade dos projetos Entre Versos Controversos (2014) e Arte e Intervenção Social (2015). Antes, nossas ações eram mais voltadas a um projeto educacional; já com o Círculo Literário, criamos um coletivo artístico, cuja sede é a E.M.E.F. Prof. Aurélio Arrobas Martins. Partindo desse novo viés, as estratégias que elaboramos tinham como intuito permitir que cada aluno-poeta atuasse além das paredes da sala de aula, ocupando diferentes espaços e afirmando-se como artista de sua região. Para que isso ocorresse, adotamos os seguintes métodos:

- Oficinas de criação literária (esse método envolve conhecimentos mais específicos de escrita criativa);
- Debates políticos (esse método engloba conhecimentos interdisciplinares);
- Participação em eventos, especialmente saraus e batalhas de Slam Poetry (esse método, assim como os seguintes, estende-se a conhecimentos atitudinais e transdisciplinares);
- Promover lançamentos do livro Entre versos controversos: o canto de Itaquera, escrito pelos alunos-poetas em 2015;

- Realizar, na Unidade Escolar, um evento de Slam Poetry (batalha de poesias), envolvendo alunos de outros anos, sobretudo aqueles que não participam do Círculo Literário de Itaquera, a fim de incentivá-los a serem autores.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Em 2015, durante a realização do projeto Arte e Intervenção Social, já discutíamos sobre a probabilidade do projeto reinventar-se, tornar-se outro, principalmente porque ele não era formado apenas por alunos da Unidade Escolar, uma vez que ex-alunos também compareciam a nossos encontros e eventos. Essa estratégia de convidar ex-alunos para continuar trabalhando conosco tinha como intuito construir uma elo maior entre escola e comunidade, como se tais alunos encadeassem uma “ponte” para o entorno escolar. Além disso, outras pessoas (estudantes, professores e poetas), que não possuíam vínculo com nossa escola, começaram a participar de nossas atividades e a criar amizade com os alunos-poetas. Daí surgiu a ideia de fazer algo semelhante ao que Dostoiévski e seus contemporâneos faziam com o Círculo Petrashevsky. A diferença é que nosso objetivo não era apenas fazer encontros para discutir Literatura e Política, mas fazer desses encontros uma espécie de treinamento, de preparação para quando atuássemos em outros espaços (houve também momentos em que ficamos somente nas conversas informais ou tocando e cantando algumas canções, afinal, nem tudo por ser levado tão a sério e os momentos de descontração são importantes para o grupo criar uma relação mais próxima). O intuito não residia apenas na transformação do aluno, mas na transformação da realidade desse aluno a partir de suas próprias ações. Percebemos que nosso projeto transitava nas esferas educacional e cultural e que assumia, aos poucos, os aspectos de um coletivo artístico. Vários fatores, portanto, contribuíram para a formação de um Círculo Literário de Itaquera: a) a presença de ex-alunos e de outras pessoas que não possuíam vínculo algum com a escola em nossos encontros; b) a participação em diferentes eventos, tais como jornadas estudantis, saraus e batalhas de poesias; e c) a publicação em 2015 da obra *Entre versos controversos: o canto de Itaquera*, escrito pelos alunos-poetas, um livro voltado sobre si e sobre seu contexto, que visa mostrar o “encanto que há no canto” das periferias (ALMEIDA, 2015, p. 15) e que busca resgatar a identidade e a autoestima do bairro de Itaquera. É importante ressaltar que no Círculo Literário de Itaquera todos eram tratados como poetas, isto é, embora outros educadores convidados de outras escolas e eu estivéssemos juntos ao alunos-poetas, o combinado era de não tratar nenhum de nós como “profes-

sor". Além disso, nós realizávamos as atividades e participávamos dos debates, recebendo, inclusive, críticas, análises e impressões dos alunos-poetas sobre o que fazíamos. Tal forma de conduzir os encontros estreitou a relação entre os poetas do projeto e permitiu a cada aluno reconhecer seus textos como formas de arte, sem se sentir inferiorizado por poetas ou professores mais experientes.

As ações do Círculo Literário de Itaquera podem ser divididas em três momentos: a) oficinas de criação literária, a fim de aperfeiçoar a escrita criativa e a declamação dos alunos-poetas; b) debates políticos, com ênfase em Direitos Humanos; e c) participação e realização de eventos, divulgando o livro *Entre versos controversos*: o canto de Itaquera e buscando formas de intervir socialmente por meio de nossa arte.

No que se refere às oficinas de criação literária, dividimos nossos estudos em três partes. A primeira era voltada à construção de imagens em poemas. Já a segunda, referia-se a despertar sensações no leitor a partir do texto, algo semelhante ao "sencionismo" de Fernando Pessoa. Por último, nossas atividades consistiam no aperfeiçoamento da declamação dos alunos-poetas, a partir da poesia Slam, um estilo poético próximo ao rap e que vem crescendo nos saraus de poesia nas periferias de São Paulo.

Durante as oficinas, procuramos valorizar o papel social da Literatura e a experiência estética que ela proporciona. Não é raro, nas escolas em geral, sobretudo no Ensino Médio, exigir dos alunos uma espécie de deciframento de sentidos ou ainda um trabalho baseado nas definições de metáfora, metonímia, sinédoque, perífrase, entre outras figuras de linguagem. Não é ideal que a experiência pessoal da leitura ou da escrita literária se restrinja apenas às características técnicas de um texto, pois, como nos mostra Petit (2013, p. 63), é importante "deixar-se levar por um texto no lugar de querer sempre controlá-lo". Dependendo da forma que escolhemos trabalhar o texto literário, em vez de motivar o aluno a ler e a escrever, corremos o risco de assassinar a experiência estética. Sendo assim, o Círculo Literário de Itaquera tem como característica a formação de um grupo em que a leitura e, principalmente, a escrita literária implicassem a possibilidade de reinventar-se, fazendo da literatura um instrumento de reconstrução das identidades das pessoas ali envolvidas, proporcionando reflexão sobre si e sobre os outros quando se trata de expressar pensamentos e desejos em sociedade.

No que tange à reconstrução da identidade, concebemos a Literatura como um espaço que, potencialmente, possibilita o aluno a decifrar sua própria experi-

ência, levando-o a perceber que, muitas vezes, um poema, uma frase, um fragmento de um texto, “funcionam como insights” para as pessoas, “como tomadas de consciência de uma verdade interior, como esclarecimentos sobre uma parte de si mesmos até então desconhecida” (p. 46). Dentro dessa perspectiva, “cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo” (PROUST, 1995, apud PETIT, 2013, p. 46). Dessa forma, em vez de usarmos um texto literário como pretexto para exercícios de interpretação textual, procuramos senti-lo, como se o próprio texto também lesse o leitor.

No nosso Círculo Literário, valorizamos a função reparadora da arte, tendo como base três pontos levantados por Petit (2009), concernente aos papéis da Literatura. O primeiro é que a experiência da leitura proporciona ao leitor um espaço de intersubjetividade, um espaço de acolhimento. O segundo se refere a outra dimensão de espaço e tempo oferecido pela leitura; esse espaço e tempo permite construir um país interno capaz de estabelecer ligações entre acontecimentos de uma história e universos culturais. O último ponto diz respeito ao fato de que a experiência da leitura não propicia uma imitação da vida, nem constitui uma fuga do real, antes é a criação de metáforas e uma pausa necessária para curar as feridas de uma realidade cujo contexto é de crise. Portanto, tratamos a Literatura como um instrumento de resistência às adversidades existentes em tempos difíceis e espaços de crise, sejam essas adversidades o caos interior ou a exclusão social. A leitura e a escrita compartilhada que fazemos servem para proporcionar experiências literárias que cooperem para a formação de uma sensibilidade.

Com relação aos debates políticos, fizemos uma série de discussões sobre determinados temas que tinham ligação com a temática Direitos Humanos e que, geralmente, geram polêmica quando debatidos. Ao todo, foram oito encontros, nos quais sentávamos em círculo e escolhíamos, a cada encontro, um aluno-poeta diferente para mediar o debate. Além disso, outros alunos-poetas eram selecionados para apresentar um poema de própria autoria para contribuir com o diálogo. Os demais faziam uma análise crítica dos poemas apresentados pelos colegas, expondo, desse modo, sua visão acerca do assunto tratado e dos poemas. Assim, por meio da poética e da crítica, os educandos apresentavam seus argumentos sobre o tema escolhido. Essa estratégia serviu de incentivo para que os alunos escrevessem poemas de cunho político-social. Ademais, foi o momento do Círculo Literário que mais contamos com a presença de pessoas que não possuíam vínculo com a escola, pois a cada encontro havia um convidado especial, a fim de colaborar com a construção de conhecimento e de percepção dos alunos-

-poetas e dos ex-alunos que frequentavam nossas reuniões. Tais convidados eram desde amigos pessoais meus, poetas que residiam próximo à região, até figuras públicas, como Eduardo Suplicy, ex-Senador e ex-Secretário Municipal de Direitos Humanos e de Cidadania de São Paulo.

O terceiro momento do Círculo Literário de Itaquera, a saber, a participação e realização de eventos, trata-se de uma série de estratégias que oportunizam a participação dos alunos-poetas em eventos que não são realizados na Unidade Escolar, a fim de que eles possam atuar e a ocupar diferentes espaços. As oficinas de criação literária e os debates políticos serviram para preparar os alunos para esse momento de atuação frente a outros públicos e espaços. Tal preparação ocorreu num sentido que vai desde à formação humana, sensível, política, até cultural e acadêmica dos alunos-poetas. Já o momento propriamente dito da atuação, isto é, o momento em que o aluno-poeta declama seu poema em uma sarau, participa de uma batalha de poesias, toca ou canta uma música em um evento, refere-se a saberes atitudinais e até interpessoais. A partir dessa articulação entre o que estudávamos no Círculo Literário e o que aplicamos nos eventos, começamos a nos afirmar como um coletivo artístico. Os debates políticos, bem como os eventos que já participamos ou realizamos, serão descritos de forma mais detalhada nos anexos.

O projeto Círculo Literário de Itaquera está ainda em execução. Pessoas de outros coletivos já nos procuraram para integrar e participar de nossas atividades, bem como nos incluir nas que eles desenvolvem. Pretendemos realizar, no segundo semestre desse ano, um grande evento de Slam Poetry (batalhas de poesia) na nossa escola, a fim de descobrirmos e incentivarmos novos alunos-poetas. Desejamos também aumentar o número de visitas a outras escolas, visando multiplicar trabalhos artísticos e a continuar a publicar novos volumes da obra *Entre versos controversos*, contudo, envolvendo alunos de escolas da região, não somente se limitando a alunos-poetas da E.M.E.F. Prof. Aurélio Arrobas Martins. Ademais, estamos fazendo clips de poesias com os alunos-poetas; a meta é gravar todos até o final do segundo semestre desse ano.

Transcendendo as paredes da sala de aula, acreditamos que cada poeta do Círculo possa se conhecer como sujeito histórico, autor de suas ações, cujos escritos cooperam para a produção de cultura e para a história de Itaquera. Durante a realização do projeto *Arte e Intervenção Social*, o livro que publicamos dialoga com a seguinte frase de Franz Kafka: “uma gaiola saiu à procura de um pássaro”, uma vez nosso intuito é dizer que os moradores das periferias - representados pela metáfora dos pássaros em alguns poemas da obra - podem cantar sua po-

esia e voar além dos muros, das diferenças sociais e dos preconceitos, mesmo com os olhares frios de uma sociedade querendo os engaiolar. Nessa nova fase, almejamos que cada poeta do Círculo Literário de Itaquera seja o “pássaro diurno e noturno, / O pássaro misto de carne e lenda”, de Murilo Mendes, descrito no poema “Começo de biografia”. Que cada um de nós possamos ser o pássaro “encarregado de levar o alimento da poesia e da música / aos habitantes da estrada do arranha-céu e da nuvem”.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O projeto produziu efeitos políticos, culturais e educacionais. As ações realizadas no Círculo Literário de Itaquera nos levou a refletir que estão em jogo não apenas o direito à cultura, mas o direito a produzir cultura, de modo que ela possa ser reconhecida. Começamos a pensar na leitura e na escrita como instrumentos dos quais nós - sobretudo que somos da escola pública - podemos nos valer para construir nossas identidades e resistir às adversidades que nos são impostas, sejam elas de ordem social, cultural e política.

Percebemos que, por meio da escrita criativa, muitos de nossos alunos-poetas puderam se descobrir, (re)construindo suas identidades. A escrita para eles, portanto, proporcionou a elaboração de um espaço subjetivo no qual eles puderam refletir sobre si mesmos e sobre sua relação com a sociedade em que vivem. Tanto que a abertura para o outro e o desenvolvimento do senso de percepção nos alunos ficaram mais evidentes a partir do momento em que eles começaram a ler mais literatura marginal. Além de se descobrirem na escrita, encontraram formas de resistir às adversidades, refletiram sobre sua relação com o outro e ainda se reconheceram como sujeitos históricos que escrevem histórias e fazem cultura na comunidade em que vivem, o que nos permite retomar a frase do psicanalista tunisiano Fethi Benslama: “com a literatura, passamos de uma humanidade feita pelo texto para uma humanidade que faz o texto” (RUSHDIE, 1993, p. 90, apud PETIT, 2013, p. 57).

DEPOIMENTOS

“Eu fiquei mais sensível aos conhecimentos do mundo, de tudo. Eu passei a ver as coisas de um outro jeito e aprendi a interpretar muitas coisas, conheci muitas pessoas novas e isso abriu muitos horizontes, não só da mente, mas da forma de viver em geral”.

Beatriz Brasileiro, aluna-poeta

“O projeto mudou muito minha interpretação das coisas. Eu tinha a mente meio fechada, não só para a Literatura, mas pra tudo. Eu lembro que no primeiro dia do projeto, a gente começou interpretando um quadro. E o professor foi explicando o que tinha naquele quadro e eu fiquei tipo: caramba, jamais imaginei que por trás dessa imagem tinha todo esse significado”.

Maria Paula, aluna-poeta

“A maioria das pessoas tem essa visão que eu tinha. Que aqui é um ambiente em que nada bom vai crescer, onde nada bom vai nascer, como se a única coisa que tem é a criminalidade. Mas não é bem assim. Em qualquer lugar, em qualquer escola que você vá, tem algum projeto sendo desenvolvido, tem escritores, tem slammers, tem saraus de poesia. É só buscar. O problema é que muitas vezes isso não chega até nós”.

Pedro Boal, aluno-poeta

“O projeto foi tudo pra mim, foi uma porta que abriu pra mim, que mexeu muito comigo, porque o aluno ele passa por processos de quem eu sou, pra que que eu sirvo, aquela crise existencial. E o projeto, e agradecemos demais o Daniel, porque ele descobriu um lado meu que eu mesmo não conhecia”.

Larissa Araújo, aluna-poeta

“Participar do projeto, pra mim, é uma forma de ver a realidade da forma que ela é, e não ficar acreditando no que falam, em qualquer coisa que dizem, porque não é sempre isso que é a verdade. A realidade não é leve, nunca foi leve. Eu gosto de jogar na cara, gosto de falar a verdade”.

Glaicon Lopes, aluno-poeta

“Eu tinha poesia como uma coisa chata, melancólica. Hoje, poesia pra mim é que nem rap. Eu gosto de ler, ouvir e principalmente de fazer. É diferente do que as pessoas pensam”.

Larissa Alves, aluna-poeta

“Eu era muito fechado pela opinião dos pais e pelo que via na TV também. Aí, através do projeto, a gente foi abrindo nossa mente, vendo novas opiniões, novas formas de pensar”.

Kauê Nascimento, aluno-poeta.

“A literatura marginal e a cultura popular, ela é algo que em e nasce com a gente, é o nosso ao redor, de quem vive na Zona Leste, é algo que ninguém pode camuflar, ou desmoronar, por que é a realidade, entendeu? É o que sentimos, é o que a gente passa todos os dias, e só quem pode mudar isso é a gente, juntamente com a literatura marginal, essa é a importância pra nossa sociedade, a visibilidade, traz força, voz em tudo

isso. Antes do projeto eu só escrevia versinhos largados. As frases vinham na mente, achava bonito e escrevia. Depois que entrei no projeto, aprendi a juntar tudo e criar um poema, uma reflexão. Depois que comecei a escrever e participar de saraus, eu tive um pouco mais de controle sobre tudo aquilo que tinha envolta e acabei aprendendo com outros problemas sociais que eu posso fazer a diferença onde vivo. E pra todos que acham que a gente não tem voz, estamos aqui pra mudar isso, somos um grupo de resistência!”

Millene Felipe

2º LUGAR

Projeto:

**Alegrias de Quintal – Autonomia, Alegria e
Conhecimento**

Unidade Educacional:

EMEI Jardim Monte Belo

Responsáveis:

**Karina dos Santos Cabral
e Sandra Francisca de Oliveira**

RESUMO DO PROJETO

O projeto Alegrias de Quintal fundamenta-se na perspectiva da criança como ator social ativo, com direito a voz, produtor de cultura e sujeito de direitos. Planejamos ações para e com as crianças em que elas possam direcionar o tempo, o espaço, os parceiros e os materiais, tomando contato com propostas simultâneas de livre escolha e de qualidade, como: artes, movimento, leitura, jogos, escrita, brincadeira, alimentação, montagem, materiais não estruturados, movimento, sendo planejadas e oferecidas por professoras e educadoras de apoio.

JUSTIFICATIVA

Na EMEI Jardim Monte Belo, temos uma equipe estável de educadores que há muito tempo vem tentando construir um projeto de Educação Infantil que atendesse a dois grandes anseios nossos: fazer da escola realmente um lugar de infância e dar às crianças o justo direito de viver a autonomia, o conhecimento, aprendizagens e a expressão de suas linguagens.

Diante da mudança de uma política pública da educação da cidade de São Paulo – aumentar o período de permanência das crianças na EMEI de quatro para seis horas, sem mudar a jornada dos professores e professoras que estavam nas escolas –, pensamos em maneiras de tornar esse tempo a mais das crianças na escola mais significativo e especial.

No ano de 2011, mudamos a forma de conduzir o período intermediário da escola para que as crianças pudessem aproveitar esse tempo de maneira diferente, e as educadoras não se sentissem fazendo um trabalho fragmentado. Queríamos uma proposta diversa do que já acontecia nos turnos da manhã e da tarde, com as professoras e turmas tradicionais.

Iniciamos fazendo projetos para as classes separadamente, mas no ano de 2013, resolvemos ousar um pouco mais: pensar um tempo em que as educadoras, trabalhando juntas, oferecessem várias atividades em espaços externos à sala de aula na escola; e as crianças, todas juntas, escolhessem o que, quando, com quem, por quanto tempo e onde querem fazer suas atividades (incluindo o almoço). Ou seja, durante o projeto “Alegrias de Quintal”, a escola é, de fato, das crianças; as educadoras (todas elas, não apenas as professoras) são, de fato, mediadoras das ações dos pequenos; e eles são, de fato, donos de seu tempo e suas possibilidades de aprendizagem, sentindo-se responsáveis por si mesmos e seu próprio aprendizado.

Estamos amparadas pelos documentos oficiais que pensam a escola infantil como um lugar onde as crianças podem viver relações saudáveis em muitas direções – com adultos que as respeitam, compreendem e estimulam; com outras crianças, de várias idades; com os espaços, tempos e materiais (que, ao nosso modo de ver, também educam); e também com o conhecimento em suas múltiplas linguagens e formatos. Estamos também apoiadas em nossos estudos sobre as teorias que falam sobre conhecimento e criança, especialmente aquela que vê a criança como um sujeito capaz de absorver, pensar e fazer cultura, em seu tempo histórico e seu lugar. É assim que vemos a criança... Capaz. Capaz de aprender tudo; capaz de se cuidar; capaz de construir relações inteiras e de significado com todas as pessoas; capaz de decidir coisas sobre ela mesma; capaz de falar sobre tudo que precisa e pensa, sabendo que serão ouvidas; capaz de se expressar. Capaz de viver uma relação de horizontalidade e dialogicidade com os adultos que a cuidam e educam, e também com o conhecimento, sentindo-se pertencente à cultura em que vive – não só como receptora passiva dessa cultura... Mas também como cidadão, cidadã capaz de atuar nela, produzi-la, influenciá-la.

Não queríamos mais viver autonomia “de mentirinha”, deixando que o adulto continuasse no centro do processo educativo; queríamos pensar um currículo que incluísse não só os anseios das famílias, os interesses das crianças, as determinações das educadoras... Mas sim um currículo vivo, que possa ser construído todos os dias, com todos os envolvidos.

Além disso, também queríamos uma mudança profunda de paradigma dentro do percurso das educadoras e educadores da escola. O habitual discurso de que “todos são educadores” dentro do ambiente escolar precisava criar vida, precisava se tornar real. Uma escola feita de gente, e não apenas de muro, como propôs Paulo Freire. E para isso, precisaríamos de uma profunda mudança de mentalidade, precisaríamos romper com hierarquias e opressões as quais nos acostumamos ao longo dos anos, incluindo, de fato, e de maneira atuante, as educadoras de apoio no processo educativo do começo ao fim – planejamento, ação e avaliação.

E haviam outros paradigmas para serem quebrados também em relação à comunidade do entorno da escola. Queríamos nossos alunos e alunas maiores de volta para compartilhar conhecimento com as crianças pequenas; queríamos que percebessem que a escola continua sendo deles. Queríamos as famílias das crianças informadas, formadas e com chances de participar das atividades que estávamos oferecendo – não como meros encaixes de um plano pré pensado, mas como cidadãos e cidadãs valorizados em sua origem, cultura, história e conhecimento dentro da escola.

Queríamos também riqueza de propostas. Por isso, precisamos passar por um processo de fortalecimento da criatividade das professoras, de afinação da equipe (deixou de existir “minha sala”, “meu aluno”), e também por tornar prática uma concepção que há muito já tínhamos claro em teoria: todos e todas, dentro da escola, são educadores e podem contribuir com as crianças em seus processos. Incluímos as famílias também: desde pedir um material para uma atividade, até discutir ou vivenciar uma brincadeira, temos feito um sistemático esforço de mostrar essa mudança de concepção de educação infantil a todos que cuidam das crianças fora da escola.

Todos esses anseios faziam parte de nossos estudos, discussões... De nossos sonhos. E depois de um fortalecimento e tomada de coragem – que só poderiam ser coletivos – nos arriscamos a começar esse quintal.

O estudo foi nosso companheiro, e é até hoje. Philippe Ariès, na década de 1960, com a publicação do trabalho “História Social da Criança e da Família”,

trouxo inúmeras contribuições sobre o entendimento da infância como uma construção social e da criança como um sujeito histórico. Por muito tempo, a infância e as crianças foram consideradas como um fenômeno natural da vida humana, onde eram seres passivos e à disposição, para internalizar todos os conhecimentos e habilidades transmitidas pelos adultos.

As teorias da Sociologia da Infância constituídas a partir de 1980 apresentam outra forma de entender a socialização das crianças. Elas propõem que, na relação com outras pessoas, a criança apropria-se, reinventa e reproduz a cultura. Corsaro (2011) utiliza a denominação “Reprodução Interpretativa”; de acordo com essa ideia, a criança é considerada protagonista da interpretação do convívio social. “As crianças participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares, quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações” (CORSARO, 2011, p. 31)

Essa é a base teórica do projeto “Alegrias de Quintal”, pois não concebemos a infância como um fenômeno natural. Sabemos que existem várias infâncias, e que as crianças são atores sociais ativos nesse processo. Crianças e adultos partilham as diferenças sociais e culturais e aprendem na relação com o outro.

Com a prática, começamos a atentar para a questão dos tempos e espaços. Sentimos a necessidade de repensar o termo “rotina”, tão comum na Educação Infantil, e que muitas vezes denota um motivo de controle, para as professoras, e de extrema dependência dos adultos, para as crianças. No quintal, procuramos deixar o tempo fluir de maneira diferente; o tempo é o da atividade, da fruição, da vontade. Fora certa organização geral (que as crianças compreendem muito bem), elas escolhem quando começar, interromper ou fazer durar mais ou menos uma brincadeira, uma atividade.

Quanto ao espaço, subvertemos também o conceito tradicional, como fizemos com a rotina. Acreditamos que o espaço e os materiais também educam, também são mediadores entre a criança e o conhecimento. Então, procuramos tornar o espaço potencializador de novas ideias, ousando na maneira de concebê-lo. O parque é lugar de movimento, mas também de arte, de matemática, de construção; o ateliê é lugar de arte, mas também de montagens, de relações afetivas, de conversa; o pátio é lugar de tudo – de jogar, de brincar, de descansar, de construir, de movimentar-se, de falar e ser ouvido. Enfim, os espaços começaram a ser ambientes propícios e cheios de possibilidades de aprendizagem, e fazemos isso observando de perto os movimentos e respostas das crianças.

O resultado é um delicioso, fervilhante e incrível quintal, com crianças circulando livremente pela escola, atividades significativas ocorrendo simultaneamente e educadoras motivadas a propor coisas interessantes e desafiar as crianças, acompanhando-as de perto. Uma escola pensada não para preparar as crianças para um futuro... Mas para dar a elas a oportunidade de sorver e pensar o mundo aqui e agora, vivendo a infância, respeitadas como sujeitos inteiros, cidadãs e cidadãos capazes que são, e sendo muito felizes na escola.

OBJETIVOS

- Que as crianças tenham autonomia real e responsabilidade nas escolhas que fazem acerca do tempo que passam na escola;
- Interação das crianças com os adultos, e entre elas, nas diferentes idades, criando vínculos baseados em confiança;
- Apropriação das crianças e adultos dos espaços e materiais, vendo-os como mutáveis e a serviço das aprendizagens, pelo poder de criação de cada um e coletivo;
- Reinvenção coletiva da rotina e autonomia das crianças na maneira de gerir o tempo.
- Que a criança consiga respeitar o outro e a diversidade, responsabilizando-se por seus atos e desenvolvendo autocontrole;
- Que as crianças possam participar com frequência e regularidade de atividades expressivas, que ampliem seu universo de conhecimento, de cultura e comunicação com outras pessoas;
- Que todos os funcionários e funcionárias da escola sejam educadores e educadoras de fato, e que a comunidade escolar seja incluída, ativa e conscientemente, no processo educativo das crianças.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Valéria Marques Mendes (professora), Daniela Lopes da Silva (professora), Juliana Venancio Narciso (professora), Elaine Cristina Nunes da Luz (professora), Grazielli Alessandra Ferreira Lopes (professora), Roseli Zapparolli (professora), Sílvia Cavalheiro dos Santos Melo (professora), Rodrigo Tavante (diretor de escola), Ana Cristina de Souza Carvalho (assistente de direção), Maria Aparecida Pinheiro dos Anjos (auxiliar técnico de educação), Renata Souza Pardo (auxiliar técnico de educação), Cibele Regina dos Santos (edu-

cadora de apoio), Meire Festa (coordenadora pedagógica aposentada em fevereiro de 2016).

METODOLOGIA

Por não se tratar de uma proposta comum nas escolas de educação infantil, tivemos que ir criando estratégias para que o projeto “Alegrias de Quintal” acontecesse e trouxesse qualidade para educação de nossas crianças. Algumas de nossas ações coletivas que resultam e garantem nossas ações:

- Formação para todos os educadores e educadoras – estudo, discussão, enriquecimento cultural, orientação e debate horizontal de ideias e propostas;
- Estudo de teorias e relatos de prática acerca da infância, da educação de crianças pequenas, da educação dialógica e da prática educativa libertadora e inclusiva de todas as pessoas;
- Reuniões semanais de planejamento e avaliação das ações, com a presença de várias educadoras e também das crianças;
- Planejamento de oficinas quinzenais que ampliem o contato das crianças com o conhecimento e a cultura;
- Registro e divulgação de relatos de prática coletivas;
- Discussões e registros individuais sobre as crianças, seus avanços e dificuldades;
- Trocas com as educadoras de outros períodos da escola e de outras escolas.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Durante o período matutino ou vespertino as crianças pertencem a uma turma, com uma educadora específica. As salas das turmas estão organizadas em “cantinhos” de brincadeiras: de artes, casinha, jogos, desenho, computador, biblioteca, materiais não estruturados e estruturados. Já tínhamos, antes mesmo do quintal, uma disposição em reorganizar os espaços da escola a serviço da criança. Cada turma organizou seu espaço e a dinâmica de atividades livres, dirigidas, de intervenção e de registro. Em nossa sala, as turmas são mistas, ou seja, não há separação por idade.

As crianças foram nos mostrando que o espaço da sala limitava consideravelmente a expansão de suas experiências. O Projeto “Alegrias de Quintal” veio para tentar ajudar as crianças a ir além do óbvio. A equipe de trabalho planeja coletivamente ações baseadas nas interações e nas brincadeiras.

Todas as crianças de todas as turmas se reúnem com todos adultos envolvidos no pátio para uma conversa que firma algumas regras combinadas, e divulga as vivências e os espaços que serão oferecidos no dia. Essa assembleia é de extrema importância para o projeto. Após, as crianças fazem suas escolhas e gerem seu próprio tempo: escolhem a proposta que mais lhes interessa, com qual adulto e com quais crianças querem estar e o tempo que desejam permanecer em cada atividade. No momento do almoço, a criança é quem escolhe o horário que irá almoçar, e quais alimentos colocará em seu prato.

Os adultos se dividem em diversos espaços externos com propostas desafiadoras e motivadoras, visando atender as crianças em suas necessidades e interesses. Na maioria das vezes, são as próprias crianças que nos dão a direção para as propostas que pensamos, planejamos e organizamos. As propostas, os materiais selecionados, as relações que se constroem em cada ambiente, influenciam muito as escolhas e ações das crianças, e elas nos surpreendem sempre com suas criações. A cada quinze dias, os adultos mudam as propostas, indo para outros espaços/ambientes, e introduzindo novos materiais.

Entendemos que é possível trabalharmos em grupo. Cada um dos funcionários (inclusive as auxiliares de limpeza e cozinha) tem importância, com suas funções e atribuições, nesse coletivo. Acima de tudo, a criança é o motivo de estarmos neste ambiente. Sabemos que o cuidar, o ensinar e o aprender são indissociáveis.

O que vemos é o uso livre das crianças do tempo e do espaço. Elas são capazes não só de fazer escolhas, mas também de planejar e avaliar ações conosco. Elas nos dão respostas sobre como melhorar cada vez mais as propostas do quintal, e avançamos com elas nisso.

Na troca de lugar e propostas, é interessante observar como se dão as escolhas das crianças. Há crianças que seguem o adulto por conta do vínculo, da confiança estabelecida na relação ou por se identificar com o estilo do adulto. Há crianças que brincam e exploram um pouco de cada espaço e há também as que sempre procuram o mesmo local.

Se você é criança, no nosso quintal, você pode escolher brincar no parque, se movimentar; pode ir almoçar; pode montar uma pista de carrinho; pode ir fazer alguma atividade de artes; pode ir jogar; pode ir mexer com madeiras e outros materiais não estruturados; pode descansar; pode ir fazer brincadeiras criativas, ou dirigidas; pode ler, ou escrever; pode ir fazer uma máscara, ou uma experiência científica com luz e sombra; pode ir andar de motoca ou sentar um pouco

pra bater papo com seu amigo; pode fazer um castelo de areia, ou balançar. Pode tudo isso junto... E pode só uma coisa dessas. Porque o quintal que é de todo mundo, ao mesmo tempo, é também de cada um.

E sempre vai ter por perto uma educadora te observando, te ensinando, te propondo desafios, falando de pertinho com você e olhando seu crescimento, respeitando e ao mesmo tempo tentando te mostrar algo diferente.

E essas educadoras conversam! Semanalmente, elas se reúnem. E trocam muitas ideias e olhares sobre você. E pensam novos desafios... E fazem a coisa acontecer com proximidade, diálogo. As educadoras não estão só brincando no quintal. Elas pensam para você, que é criança, atividades muito interessantes que façam você sair de onde está e avançar mais um pouquinho na sua trajetória intelectual, social, pessoal, emocional... Cultural.

No nosso quintal é assim: a gente brinca, se alegra, come, aprende, conversa, convive... E vive. Nosso quintal é território de aprendizagem, de infância, de brincadeira, de gente. É gente que faz escola, que faz quintal, que faz coisas boas pra si mesma e pros outros, que faz cultura, que troca ideias.

Anualmente, surgem novos desafios. Em 2011, pensamos em fazer algo diferente. Em 2012, entendemos que precisávamos ir além dos limites turma/sala de aula/professora. Em 2013, desenhamos a proposta do quintal e nos arriscamos a fazê-la; em 2014, estabelecemos tempos e espaços; em 2015, cuidamos da qualificação das propostas; em 2016, estamos ampliando o quintal também para os outros períodos da escola e cuidando dos registros. E a cada ano, o projeto vai se ampliando e se reconstruindo, coletivamente, e considerando, sempre, as crianças e suas famílias.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Creemos que “Alegrias de Quintal” foi uma ousadia que deu certo. Temos dividido isso com muitas outras educadoras e educadores interessados em fazer uma escola diferente. Temos recebido visitas, ido falar dessa experiência em muitos lugares.

Um dos frutos desse processo é que o atendimento aos meninos e meninas dessa escola já está fundamentado em princípios comuns, que regem as ações de todos da unidade. Esses princípios são ao mesmo tempo motivo de orgulho e de responsabilidade. Há a clareza de que não chegamos ao ponto desejado, mas vemos os avanços.

Mas nossa maior evidência de sucesso é a possibilidade de ver diariamente, pelos corredores da escola, crianças cada vez mais falantes, atuantes, questionadoras e que demonstram autonomia intelectual.

Estamos nos tornando profissionais mais observadores e reflexivos, e isso nos tem possibilitado “estranhar” o cotidiano, o que nos faz cada vez mais buscar formas de transformá-lo e qualificar nossas ações com a infância. Ainda há muito a andar... Mas já sabemos que gostamos muito desse caminho.

Em nosso encontro semanal trazemos nossas anotações, observações, dúvidas, anseios, preocupações e as intenções de propostas para a próxima quinzena. Nesse momento temos a oportunidade de discutir, opinar, sugerir e compartilhar sobre as experiências que cada uma vivencia com as crianças, sendo uma oportunidade de muitas riquezas e de muitos olhares, agregando e aprendendo umas com as outras. A avaliação está sempre em processo, pois são realizadas de acordo com o que as crianças nos mostram durante as brincadeiras e nesse processo vamos ouvindo, observando, conversando com as crianças e aprendendo e transformando a cada dia.

Nosso quintal já resultou em salas mistas, em mais encontros com as famílias e também em mudanças nos outros períodos além do intermediário - já estamos ampliando esse tempo do quintal, fazendo a escola toda, o tempo todo, funcionar assim, alternando entre atividades coletivas, individuais e de livre escolha. Queremos transformar velhas formas de conceber o tempo e o espaço para as crianças. Quanto mais tentamos... Mais vemos que é possível.

Ainda temos a dificuldade do registro, e isso é algo que nos preocupa e motiva. Estamos trabalhando cada vez mais para tornar esses registros coletivos e de livre acesso para as famílias e para outros educadores e educadoras. Em anexo, enviamos um vídeo sobre o projeto e um relato específico sobre a linguagem de artes, apresentado, entre outros, no último COPEDI – Congresso Paulista de Educação Infantil.

DEPOIMENTOS

“Como mãe, eu vim um dia participar do quintal na escola, e fiquei muito, muito surpresa com o que vi. É impressionante como meu filho se mostrou capaz de cuidar de si mesmo. Nem ligou pra mim, soube colocar a comida no prato, soube brincar e se relacionar com várias pessoas, em vários espaços. Isso mudou muito o meu jeito de olhar para ele, entender a criança que ele é!”

Libna Cristina, mãe de aluno

“Conhecendo o projeto Alegrias de Quintal que propõe atividades diversificadas de brincuedos, interações e materiais de forma a estimular a criatividade, interação e autonomia das crianças”.

Hebe N. F. Domingos- Supervisora de escola- Trecho retirado do livro de visitas da unidade

“O trabalho na Educação Infantil na EMEI Jardim Monte Belo retrata o pensamento de uma educação libertadora, uma educação que entende o aluno como foco no processo, sujeito de suas aprendizagens, mas também compreende cada envolvido no processo (Pai, mãe, Professora, Cozinheira, Diretor...) como fundamental para o sucesso na aprendizagem da criança, é uma escola viva, cheia de alegrias em seu quintal. Atuo na Educação Infantil há cerca de 10 anos e antes de me remover para essa Unidade sempre sonhei com uma Escola que não aprisione seus alunos em suas regras arcaicas e desmotivadoras, que transcenda a ideia de que a educação já vem pronta e o aluno que tem que se encaixar no sistema, no entanto quando cheguei aqui vi que esse sonho é possível, uma equipe empenhada em trazer o melhor para os educandos, valorizando seu trabalho não apenas no ensino, mas fundamentalmente na aprendizagem, aprendizagem por campos de experiências que estão presentes no cotidiano de todos nós, fazendo com que todos nós possamos aprender desde os conceitos mais básicos como pedir licença, falar obrigado, respeitar as diferenças até os mais complexos como o estudo da cultura africana, noções de economia etc. Oxalá que um dia nossas Universidades possam trazer experiências ricas como a EMEI Jardim Monte Belo, para quem sabe formarmos mais do que Profissionais tecnicamente qualificados, mas sobretudo formarmos seres humanos”.

“Desde que iniciei meu trabalho na Educação, eu nunca tinha me sentido assim, como me sinto aqui nessa escola. Eu sou mais que uma pessoa que serve a comida e limpa o chão, e as crianças também são mais do que alguém que segue as nossas ordens e faz tudo que um adulto manda. Elas fazem coisas lindas, e eu fico emocionada por isso, porque elas podem conversar com a gente, se relacionar, aprender um monte de coisas. Todo mundo aprende nesse quintal.”

Magna Cândido, agente de apoio

3º LUGAR

Projeto:

EMEF Dr. Sócrates Brasileiro: Democracia se constrói nas escolas e no território com consciência política e participação

Unidade Educacional:

EMEF Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira

Responsáveis:

Solange Aparecida Cabrito de Amorim e Eliseu Marcolino Rosa Muzel

RESUMO DO PROJETO

Ao redimensionar o Projeto-Político-Pedagógico 2016, o Conselho de Escola, tensionado pela polarização política do país e pela recente conquista do nome da unidade, decidiu reafirmar a sua identidade escolar aprofundando, por meio de projeto, a discussão sobre a importância da democracia na escola e na sociedade, como estratégia fundamental para o avanço da gestão democrática, da qualidade de ensino e das transformações sociais.

JUSTIFICATIVA

“Democracia não se concede, se realiza” (PARO, 2001, p.19)

Escola não é um território neutro, uma ilha, indiferente ao que acontece no bairro.

ro, cidade e país. Escola também é solo político onde ideias, concepções, visões e opiniões se opõem, contrapõem e sobrepõem, em permanente dialética.

“A educação é política... para que fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação ao modo de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a serem encarnados” (FREIRE, 1996, p.42).

A ideia de espaço sem conflito, sem disputa se desmancha no ar. De acordo com Paro (2001, p. 18 e 20), “os conflitos não se superam por fazer-se de conta que eles não existem” e “democratização se faz na prática”.

Historicamente, a educação brasileira sempre apresentou um caráter elitista, dual, seletivo, meritocrático e, portanto, antidemocrático em nossa concepção.

A educação popular, democrática e inclusiva para todos e todas é fenômeno recente da história do Brasil, resultado de lutas políticas e sociais. Assim como também é bastante jovem a nossa democracia.

A escola já foi hegemonizada pela igreja, pelos militares e hoje é pelo estado. Marcas de seu passado e percurso não se apagaram, revelando que passado e presente estão em permanente disputa pelo futuro.

Apesar das determinações legais e dos avanços políticos e sociais, a escola ainda não é plenamente laica e nem democrática. A tolerância consentida no ambiente escolar, institucionalmente laico, às manifestações religiosas de matriz cristã, não é a mesma em relação às religiões de matriz diversa. Continência à pátria, uso de uniforme, carteiras e alunos enfileirados, relações verticalizadas e autoritárias de poder são exemplos da “quartelização” ainda presente nas escolas.

O acesso à vaga, sem a garantia de condições de permanência e efetivo direito à aprendizagem e sucesso escolar, contraditoriamente, se opõem à democratização do saber, resultando em elevados índices de evasão e reprovação, cujos números com o recorte étnico-racial tornam-se ainda mais alarmantes.

Democratizar radicalmente a educação para nós exige mudanças políticas profundas, a começar pela escola que deve assumir uma postura crítica de ação, estudo, pesquisa, reflexão, participação e intervenção social, como sugere Freire em a Pedagogia do Oprimido: “A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação: o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do

oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente de libertação” (FREIRE, 2002, p. 41).

Cientes de que o que acontece em outras esferas política, econômica e social reverbera na escola, defendemos a necessidade pedagógica de alunos, pais, professores e funcionários compreenderem e discutirem na escola categorias políticas, tais como o impeachment, golpe, estado democrático de direito, estado de exceção, fascismo, democracia, manipulação, imparcialidade, setividade, fortemente presentes nesse momento nos meios de comunicação, na mídia e internet, como direito intrínseco à democracia, o direito à participação da vida política do país e à formulação e/ou elaboração crítica de suas opiniões.

“Ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem. Na crença em que ele não só pode mas deve discutir os seus problemas. Os problemas do seu País. Do seu Continente. Do mundo. Os problemas do seu trabalho. Os problemas da própria democracia” (FREIRE, 1967, p.96).

A proposta é construir repertórios para análise e reflexões sobre o momento político atual, sem doutrinação ou proselitismo, relacionando-o ao passado e à nossa vida na periferia, à democracia militarizada das nossas quebradas, à violação dos direitos humanos e liberdades na perspectiva de classe social, gênero, raça e etnia, local de origem e faixa etária, tendo como pressupostos a ideia de uma ditadura mal superada, uma democracia ameaçada e que necessita de afirmação e avanços reais.

A meta é pôr o currículo crítico em ação, proposto pelo PEA (Planejamento Especial de Ação), buscando resgatar os sentidos político, filosófico e sociológico esvaziados intencionalmente do currículo escolar nas últimas décadas de neoliberalismo econômico globalizado.

Por meio da gestão democrática e participativa, da pesquisa e da análise, do diálogo e do debate - entendendo que a participação é pressuposto para a aprendizagem e que “formar para a participação é, também, formar para a cidadania, isto é, formar o cidadão para participar, com responsabilidade, do destino de seu país”(GADOTTI, p.1, 2014) - pretende-se sim discutir política na escola. Não a política partidária; mas a política com P maiúsculo, presente em todas as dimensões da vida humana, com o objetivo de alargar visões sobre as relações de poder, em especial sobre o que nos enfraquece ou pode nos empoderar da perspectiva democrática.

Pretende-se, também, combater a intolerância, o ódio e o *bullying* político fortemente presentes nos dias de hoje nas ruas, mídias, redes sociais e também nas escolas. Além da demonização da política por causa de más práticas políticas, com objetivos políticos.

Trazer à tona memórias e verdades intencionalmente apagadas sobre o momento mais sombrio da nossa história e, ao mesmo tempo, problematizar a realidade, reconstruindo conhecimentos para refutar bandeiras atuais pedindo a volta da ditadura, desconsiderando a brutal violação de direitos e liberdades cometida nos anos de chumbo e a não superação de práticas de tortura, violência e extermínio do presente.

Por fim, espera-se com esse trabalho alertar para os erros e atrocidades cometidos no passado, a fim de não os repetir novamente; reafirmar a democracia como estratégia política fundamental para a humanização das relações sociais, políticas, econômicas e culturais; contribuir para a formação cidadã, preconizada na legislação educacional brasileira e fundamentada em nossa Constituição Federal, e, quiçá, colaborar, também, com a ampliação de direitos sociais, civis e humanos e com a melhoria da qualidade de vida para todos e todas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 33ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. 25ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996. Disponível em < http://http://www.apeesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf > . Acesso em 13.Jul. 2016.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967. Disponível em < http://http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pratica_liberdade.pdf > . Acesso em 13. Jul.2016.

GADOTTI, Moacir. *Gestão Democrática com participação popular: No planejamento e na organização da educação nacional*. Disponível em < http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/artigogadotti_final.pdf > . Acesso em 13.Jul.2016.

PARO, Vítor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2001.

OBJETIVOS

O presente projeto tem por objetivos estudar o atual momento de polarização política, relacionando-o à história recente do período da ditadura civil-militar e à luta pela redemocratização do país.

A intenção é promover a compreensão de categorias políticas em debate sobre o momento político atual, presentes nas mídias e internet, tais como o estado de exceção em contraposição ao estado democrático de direito; fascismo; democracia; impeachment; golpe de estado; ditadura civil-militar; redemocratização.

Re-conhecer e problematizar narrativas de violação de liberdades e direitos humanos do passado e do presente, com ênfase na periferia, região onde nos encontramos. Considerar os avanços democráticos, os retrocessos, as lutas e resistências e opinar criticamente sobre esses assuntos, na perspectiva de proposições de saídas para a crise política atual do Brasil.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Alessandra Ferreira Diniz, Aline do Prado Ferraz, Ana Clara dos Santos Monteiro, Antonio Augusto R. Marcatti, Daniele Lino Oliveira, Elisane Santos Souza, Jair Brás da Silva, João Gilberto de Oliveira, Katiane Ap. Alves da Silva, Regina Cunha G. S. Augusto, Sandra Regina M. Carvalho e Tereza Cristina Bessa de Melo.

METODOLOGIA

O presente projeto foi desenvolvido durante o 1º e 2º bimestres, na forma de uma sequência didática, com o evento aberto à participação da comunidade no dia 30 de abril com Debate sobre a construção da democracia em nossa escola, território e país, exposição de parte dos trabalhos produzidos pelos estudantes e Sarau com recital de poesias e performances artísticas dos alunos.

O nosso patrono, Sócrates Brasileiro, protagonizou um dos momentos políticos mais importantes da luta pela redemocratização do país, o movimento das Diretas Já. Para melhor entender essa história e o momento político atual, alunos e professores realizaram pesquisas, leituras, assistiram a filmes e documentários, participaram de aulas-abertas, rodas de conversa, debates, ouviram depoimentos, vivenciaram apresentações teatrais e construíram opiniões críticas que deram origem ao OPINÁRIO, mural que se tornou permanente na unidade.

O Opinário consistiu na elaboração de um painel no hall do pátio principal da escola com fatos sobre a situação política nacional, cartazes e as opiniões dos alunos, mediados pelos professores e colegas da turma, na perspectiva de adequação ao gênero texto de opinião, gramaticalidade, coesão e coerência textuais, respeito aos princípios éticos, com o cuidado de não pactuar com o ódio.

Também foi construído o Corredor Sensorial em um dos espaços internos da escola, com situações e/ou narrativas de ausência ou violação de liberdades e direitos humanos do passado e do presente, aberto à visita da comunidade escolar. O objetivo foi criar um circuito, explorando múltiplas linguagens, traçando uma linha do tempo do golpe de 64 aos dias atuais, de modo a despertar sentidos e percepções do visitante sobre a importância de conhecer o passado, os horrores da ditadura, suas marcas (sequelas deixadas) manifestas nas relações atuais, para avançar na construção de uma democracia real da perspectiva do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar.

Por último, realizamos uma Mostra de Teatro, denominada Território do Povo, em parceria com a Brava Companhia. Foram quatro espetáculos gratuitos e de qualidade, feitos por artistas, periféricos como nós, de 31 de maio a 28 de junho, sempre às 3^{as} feiras, às 20h, tendo como público alvo os estudantes do ciclo autoral e da EJA, mas, aberto também à participação da comunidade, com o objetivo de aprofundar temas políticos abordados durante a sequência didática sobre a Democracia. No encerramento da Mostra, houve um jantar de confraternização entre todos os participantes.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

1. Elaboração de Roteiros de Estudo para os diferentes ciclos de aprendizagem com vídeos, textos, charges e músicas visando à construção de repertórios para análises e reflexões.
- Ciclo de Alfabetização: Discutir convivência democrática a partir: do curta-metragem produzido nos anos 2000, nos EUA, por Ralph Egleston, no qual um bando de pássaros rejeita um pássaro de outra espécie quando este tenta ficar entre eles; e da leitura dos livros Cidadania é quando..., de Nilson José Machado e Tudo bem ser diferente de Toad Parr. Como fechamento reflexivo: Numa democracia as pessoas convivem em harmonia e participam das decisões da sociedade. No desenho (de Egleston), houve democracia? Que relação há entre democracia e o patrono da escola, Sócrates Brasileiro?
 - Ciclo Interdisciplinar e Autoral: Iniciar a discussão sobre o período da ditadura

civil-militar a partir do vídeo “Amor e Revolução”, trecho da novela escrita por Tiago Santiago exibida pelo SBT em 2011. A telenovela é a primeira a apresentar a ditadura como parte central de seu enredo e a exibir um beijo entre duas pessoas do mesmo sexo. Promover reflexão sobre o momento político atual a partir da paródia à música Baile de favela do MC João, realizada pelos alunos secundaristas, pedindo ao governo mais atenção às escolas. A partir de jornais (televisivos e impressos), redes sociais etc. levantar palavras-chave que sintetizam o momento político atual, tais como protesto; tortura; violência policial; ditadura; relacionamento homoafetivo; corrupção etc. Construir dois grandes quadros: o que pode e o que não pode em uma democracia.

- EJA: Tendo como suporte textual o gênero charge/tira de quadrinhos (tirinha) discutir diferentes temas políticos presentes na mídia e internet, tais como democracia, estado democrático de direito, liberdade de imprensa e manipulação da mídia, fascismo e ditadura militar. Rodas de conversa nas aulas de Leitura a partir de músicas, como “Música pela democracia” de Chico César e amigos, “O morro mandou avisar” de Tico Santa Cruz e Renegado, “Para não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré, “Selvagem” de Paralamas do Sucesso, “Zé Ninguém” de Nenhum de Nós, “Anos de Chumbo” de Faces da Morte. Leitura do texto “10 músicas de protesto à ditadura militar” – Editado e debate sobre o filme “O ano em que meus pais saíram de férias” do diretor Cao Hamburger (2006).
- 2. Construção de mural sobre atualidades (política).
- 3. Pesquisa sobre a repressão política e militar no período da ditadura. O que é censura; os presos políticos mortos e desaparecidos durante o regime. Estabelecer analogia com os presos políticos do presente; as chacinas nas periferias; as mortes no campo e a repressão aos movimentos sociais.
- 4. Aula-aberta das 12 às 13h30, aberta à participação dos estudantes do ciclo II: 25/4- Quem foi Santo Dias? Vídeo e Roda de conversa; 26/4 – Quem foi o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra? Leitura do texto e depoimento da Sr. Ana Maria Ré Vizioli, esposa do ex-presos político Luiz Carlos Prado Vizioli, que ficou paraplégico após torturas e maus-tratos no DOPS; 27/4 – Oficina de escrita: o gênero artigo de opinião; 28/4 – Documentário “Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile”. Vídeo e Roda de Conversa.
- 5. Debate “Democracia se constrói com Luta”, com a participação especial de Ana do Carmo Dias e Luciana Dias (familiares do metalúrgico Santo Dias, assassinado pela Polícia Militar em 1979, em São Paulo, quando comanda-

va um piquete de greve); Antonio M. Oliveira, ex-presos político do DOPS, militante da Var-Palmares; Padre Jaime Crowe, liderança comunitária do Jardim Ângela, da Sociedade Santos Mártires; José Afonso, membro da secretaria do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto); Walter Falceta Júnior, jornalista da Democracia Corinthiana; Kátia Bagnarelli, viúva de Sócrates Brasileiro. Mediação; estudante Maria Vitória Tavares da Silva do 9ºA e professor Antonio Augusto Ribeiro Marcatti.

6. Sarau Democrático da Dr. Sócrates Brasileiro: com recital de poemas de própria autoria dos alunos da EJA, elaborados durante as aulas de regência compartilhada de português, história e leitura; coreografias de dança elaboradas pelas docentes de Arte, juntamente com os estudantes: performance do Grupo Diversidade Periférica com a paródia ao funk Baile de favela, feita pelos alunos secundaristas, para manifestar o apoio à luta estudantil em defesa da escola pública de qualidade; performance dos alunos dos 8ºs e 9ºs anos para denunciar a censura e a violência na periferia com a música “Eu só quero é ser feliz”, do grupo Rap Brasil; performance dos alunos do ciclo I com a música “Brasil, mostra a tua cara” de Cazuza para denunciar a corrupção na política e na sociedade; performance de música dos alunos do ciclo II com a canção “Que país é esse” da Legião Urbana, para refletir sobre a crise política nacional; performance de música dos alunos da EJA com a canção “Para não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré para não esquecer e não repetir os horrores da ditadura.
7. Visita monitorada dos alunos do ciclo autoral e da EJA ao Memorial da Resistência como parte do roteiro de estudo.
8. Mostra de Teatro Território do Povo: 31/5 - O que não fazer, com o grupo Núcleo Vermelho; 07/6 – O perrengue da Lona Preta, com a Trupe Lona Preta; 14/6 – Marruá, com o Grupo Teatral Parlandas; 21/6 – Corinthians, meu amor, segundo Brava Companhia; 28/6 – Festa de Confraternização.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Ao som de “Ditadura Nunca Mais”, a EMEF Dr. Sócrates Brasileiro encerrou o debate sobre Democracia, uma das etapas dessa sequência didática em comemoração ao primeiro ano oficialmente Sócrates Brasileiro.

As vozes dos alunos povoaram as paredes da escola, numa manifestação de que os “muros da censura e da repressão” jamais devem ser reerguidos no-

vamente. “Queremos opinar e decidir sobre o nosso próprio futuro e sobre o futuro do país”, diziam os alunos.

Durante o projeto vimos que o “conhecimento” foi sendo tecido por meio de muitas fontes, e a mais emocionante foi o relato vivo das pessoas. Foi um momento de grande crescimento para todos nós, principalmente humano. Conhecemos histórias tristes de pessoas, com algumas até convivemos, e que, através deste trabalho, vieram à tona.

Para ilustrar isso, podemos citar o depoimento do Sr. Antonio M. Oliveira, ex-preso político, o qual conhecemos quando da visita ao Memorial da Resistência; o dos colegas de trabalho, os professores Carlos, Odete e Renato; o da professora aposentada da rede estadual Ana Maria Ré Vizioli, viúva do ex-preso político Luiz Carlos do Prado Vizioli que ficou paralisado após tortura e maus-tratos no DOPS, cujo amor entre os dois sobreviveu a tudo, ao conservadorismo da família e à ditadura; o dos familiares de Santo Dias, importante militante operário de nosso território que perdeu a vida lutando por direitos trabalhistas durante a ditadura; o da aluna Sonia Veloso da EJA, presa durante uma manifestação estudantil na ditadura, sofrendo maus-tratos e violência sexual.

Para os nossos estudantes “Democracia é progresso, significa ter direitos iguais, respeitar o próximo, ter educação de qualidade e o direito de votar”.

Num momento de grande divisão social e confrontos políticos, a EMEF Dr. Sócrates Brasileiro se propôs a politizar o debate, a refletir sobre a democracia que temos e a que queremos. O resultado foi o fortalecimento da ideia de que a democracia que almejamos está em permanente construção e precisa ser conquistada.

O projeto contribuiu para uma melhor reflexão sobre o momento político atual. Permitiu uma leitura mais atenta e seleção crítica dos fatos noticiados pela mídia e veiculados pela internet. Possibilitou o aprofundamento histórico sobre o período da ditadura civil-militar; o desvelamento de marcas que ela deixou no território, em pessoas próximas e que não constam dos livros oficiais. Aquilo que parecia ficção, ganhou uma carga enorme de verdade. Uma verdade socialmente banalizada, lamentavelmente, pela falta de conhecimento, de escuta e ocultamento intencional, e que deve ser combatida pedagogicamente em nome do direito à memória.

Passados 31 anos do fim do regime militar, da conquista da redemocratização do país, a custo de muita luta e sacrifício de vidas humanas, a violação dos direitos humanos e liberdades, que marcaram esse período tenebroso da história, ainda faz parte da realidade brasileira.

Há extermínios de índios; assassinatos no campo e na cidade; repressão aos movimentos sociais; mortos e desaparecidos, principalmente nas periferias contra a população pobre e preta. A cada 11 minutos uma mulher é estuprada e a cada 15 segundos uma é espancada. O Brasil é campeão mundial de crimes homo-transfóbicos e o debate sobre gênero foi retirado do plano municipal de educação de São Paulo.

A desigualdade social constitui uma das principais causas de toda violência. A falta de educação, saúde, transporte, moradia, trabalho e salário digno retira de boa parte da população do país o direito à vida e ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades humanas.

Por isso, entendemos que o debate fomentado por essa sequência didática é tema permanente e central de nosso Projeto Político-Pedagógico. Queremos conhecer não apenas para não repetir, mas para combater qualquer permanência da ideologia autoritária e fascista que levou ao assassinato, ao desaparecimento, à violação e à perda de direitos e liberdades daqueles que possuíam pensamento diferente e ousavam manifestá-lo.

Pretendemos, anualmente, por ocasião do aniversário da escola, que tem como marco a conquista do nome de seu patrono, eleito por meio do voto direto e popular de toda comunidade escolar, rememorar a luta pela redemocratização do país, a sua indignação contra as injustiças sociais e contra o regime militar que ceifou vidas, na tentativa de calar o pensamento.

DEPOIMENTOS

“Em 1986, eu participava de movimento estudantil e era representante de matemática da faculdade OSEC. Era um dos diretores do partido humanista(PH) e também representante sindical. Por apresentar outra tese sobre a morte de Tancredo, fui abordado por militares à paisana para calar a minha boca, senão eu morreria. Fui perseguido por 2 anos.”

Professor Carlos Alberto Fernandes Garcia

“Fomos deduradas. Presas, ficamos num lugar onde fomos interrogadas e assediadas. Rasgaram minhas roupas, me pegaram pelos cabelos, me arrastando pelo chão. Passaram as mãos pelo meu corpo. Foi horrível. Eu conheci a ditadura na pele! Passamos 3 dias ali, sofrendo torturas verbais e também emocionais.”

Estudante Sonia Veloso, EJA – 3ª Etapa A

“Luiz Carlos era simpatizante do partido comunista. Em 1966, foi indicado em São Paulo para realizar pesquisa de mercado e opinião política, sem saber quem patrocinava esse estudo, pelo IPOM (Instituto de Pesquisas de Opinião e Mercado), no Rio Grande do Sul. Em uma das entrevistas em campo foi abordado por dois policiais, com a clássica frase: ‘Teje preso, seu comunista’ e levado para diversas instâncias militares. Aí começava seu martírio: interrogatórios para falar o que não sabia do estudo, torturas e incomunicabilidade. Depois de solto por um habeas corpus, ele e seus companheiros retornaram ao trabalho. Percebendo que não estava bem pediu para voltar a São Paulo, e em 21 de abril daquele ano foi trazido por uma avião da FAB para o Hospital das Clínicas, onde teria o diagnóstico fatal ‘Mielite Ascendente de Landrit’. Estava paraplégico. Assim mesmo continuamos a nos ver, agora mais do que nunca ‘escondido’, porque meu pai e meus irmãos não o aceitavam nessa nova condição física. Luiz prosseguiu lutando por seus ideais e por aquilo que acreditava, em plena ditadura, sem se deixar abater por sua deficiência física. Aliou-se a entidades de Direitos Humanos, foi membro do grupo ‘Tortura Nunca Mais’ de São Paulo, presidente-fundador da ‘Sociedade para a Emancipação do Deficiente de São Paulo’... Também se indignaria, fiel aos seus princípios de democracia, com uma entrevista do Coronel Brillhante Ustra à extinta TV Manchete, em 09/03/1987, enviando ao departamento de jornalismo uma moção de repúdio a esse repressor e torturador infame. Relatou o fato, por carta, à Secretária da Cultura, Beth Mendes, também torturada por esse monstro...”

Professora aposentada da rede estudual de ensino de SP, Ana Maria Ré Vizioli

“Iniciei meus estudos universitários em 1981 e junto com outros colegas montamos uma chapa para concorrer ao Centro Acadêmico da Geografia. Acabamos vencendo. Foi nesse período que comecei a participar como militante do Partido Comunista... Um dia policiais à paisana me obrigaram a dar uma volta com eles na Universidade e perguntavam se eu conhecia o responsável pela hemeroteca e se tinha algum conhecimento de colegas que pertenciam a movimentos de esquerda. Respondi que não conhecia ninguém. No outro dia tive minha casa invadida por policiais também à paisana... Tive medo e saí de casa no mesmo dia. Neste mesmo ano teve início o ‘Movimento Diretas Já’, que reivindicava principalmente eleições diretas para Presidente da República. Houve a mobilização de estudantes, trabalhadores, sindicatos, partidos políticos, setores da igreja e outras organizações... Foi muito emocionante participar desse momento político do país, pois tínhamos esperanças em mudanças reais. Hoje vivemos momentos difíceis, de desrespeito à Democracia e isso nos corrói, porque acreditamos na justiça e no respeito à liberdade.”

Professora Odete Maria de Fátima da Conceição Cabral de Mello

“Meu serviço militar obrigatório foi no 2º Batalhão da Polícia do Exército de maio de 1975 a junho de 1976... Uma das responsabilidades era dividir com a Polícia Militar a guarda do DOI CODI, localizado na época na Rua Tutóia... Quando houve uma reforma do nosso alojamento, fomos dividir alojamento com o 3º grupo (que trabalhava no local, mas não sei identificar a qual corporação pertencia), inclusive o uso do banheiro que era localizado no último andar, em um prédio de 3 ou 4 andares (não me lembro bem), onde o refeitório ficava no térreo. Quando subíamos pela escada para ir ao banheiro, passávamos pelas portas das alas numeradas em cada andar (cela 1, 2,...). Uma vez, quando ia ao banheiro, por acaso de uma das celas saía uma mulher para ser interrogada, encapuzada, chorando baixinho. Lembro-me que o carcereiro tentava acalmá-la dizendo: “Calma, só vão te fazer algumas perguntas”. Lembro-me bem das mãos dela, que era a única parte do corpo visível. Suas unhas estavam todas roxas.”

Professor Renato Pens

“Estou emocionado de estar aqui, por estar entre jovens... por ver fotos na exposição de companheiros. Alguns tombaram, outros estão vivos; outros estão desaparecidos, tidos como mortos... mexeu muito comigo, com o meu emocional. Algumas eu convivi. Sou um ex-presos político. Fiquei, infelizmente, 5 anos nas masmorras da ditadura... Senti na própria pele o significado real da ditadura... estive duas vezes no DOPS. A tortura é monstruosa. Faz parte daquele contexto animalesco, de uma forma, de um lado irracional da espécie humana, entende. Sabe-se que no reino animal nós somos a única espécie que torturamos a nós mesmos. Os outros animais não fazem isso... Com 15 anos de idade, através de um tio meu, comecei a passar por um processo de conscientização política... Vivía num governo legalmente democrático, eleito pelo povo, que era o governo de João Goulart, que era o vice-presidente de Jânio Quadros, mas eleito pelo povo diretamente... Naquela época nós vivíamos num clima de liberdade... entrei na juventude comunista, me tornei um comunista na época. O partido comunista não era legalizado e nós tínhamos toda a liberdade de expressão e livre pensamento. Quando veio o golpe, eu tinha 18 anos de idade. Um mês depois do golpe, eu fui preso, torturado... Fui solto porque o regime ainda estava no início e porque ainda não tinha vindo uma sequência de leis arbitrárias que eles criaram e foram fechando o cerco em termos de vivência democrática no Brasil... Fui solto e o advogado me disse o seguinte, você toma cuidado que o major do exército encarregado do seu processo vai pedir a sua preventiva. Ou você se apresenta, ou vai para a clandestinidade... entrei numa rigorosa clandestinidade e fiquei atuando contra a ditadura nesse eixo Rio-São Paulo... era uma democracia de mentira. Os sindicatos não funcionavam. A imprensa sob censura e os espaços para nós estudantes na época também não tínhamos, porque as nossas organizações foram decretadas ilegais... Os diretores

dos grêmios estudantis, todos eles ficaram sob vigilância... Participei de uma organização chamada Vanguarda Armada Revolucionária Palmares... as duas vezes que fui preso, torturado, me mantive na minha condição de silêncio total... Então, gente, ditadura, seja ela qual for, não presta, não serve. É ceifadora do chamado direito de livre expressão que é essência de toda a democracia... Lutei contra a ditadura, vejo pessoas querendo que ela volte. Se ela voltar, apesar de todos os pesares, dos meus 70 anos, eu vou para a luta novamente."

Antonio M. Oliveira, ex-presos político

"Sou Ana Dias, viúva de Santo Dias, que foi assassinado na ditadura militar... Nessa minha caminhada eu aprendi tanto e nunca páro de aprender, porque a gente não é tão novo que não aprende nada e nem é tão velho que não tem nada para aprender. Hoje eu estou aqui, aprendendo com vocês, esse evento; é essas crianças que vão dar continuidade na luta que eu não vou ver, mas vocês vão ver. E eu acho que é através desses conhecimentos, desse trabalho, de tudo que eu vi aqui hoje na escola, eu fico tão feliz de saber que tem gente comprometida como vocês pra fazer essa mudança. Que a mudança não vem de cima... Se nós não temos organização, conhecimento direito, nós nunca vamos mudar a nossa sociedade. Então, a luta é pra sempre. O dia em que eu vi o meu marido assassinado, que eu saí de madrugada junto com ele pra fazer porta de fábrica, pra gente participar juntos nas greves... entrei com o seu corpo no camburão da polícia para que ele não fosse desaparecido. Depois de rodar por horas pela cidade de São Paulo, conseguimos com a ajuda de Padre Jaime Crowe e do arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns, que Santo Dias fosse sepultado... o meu marido foi assassinado sim, mas a luta não é um dia, é a vida inteira. Então eu acredito nessa luta. E, parabéns, que vocês continuem lutando."

Ana Maria do Carmo Dias, viúva de Santo Dias

"Sou Luciana Dias, filha de Ana Dias e do Santo Dias da Silva... nós tínhamos uma diretora... ela era uma diretora extremamente antidemocrática e nós éramos os filhos dos subversivos. Era como nós éramos chamados no corredor da escola... A minha mãe era proibida de entrar na escola, porque eu comecei o meu 1º ano estudando nos fundos de uma igreja; e o 2º ano também porque não havia escola no bairro, nenhuma escola. E nós conseguimos a vaga a partir da participação da minha mãe na Associação de Pais e Mestres, que hoje em dia chamamos de APM. E com a participação dela eu vejo que nós conseguimos outro espaço que é o Conselho de escola, deliberativo, que nós temos hoje dentro das escolas municipais. Isso é uma conquista, não veio assim de mão beijada. Então, muita gente lutou para conseguir a escola, as creches, o transporte, a água encanada... E hoje nós temos uma escola que nós podemos discutir a democracia dentro da escola. Então a gente percebe o avanço da luta do povo e a conquista a partir desse mo-

mento que a gente tem aqui, que a gente pode falar abertamente no microfone e sabe que não vai sair preso, não vai ser torturado, por enquanto. Então nós temos um papel muito importante enquanto educadores para não deixar que aconteça novamente o que aconteceu nos 20 anos de ditadura..."

Luciana Dias, filha de Santo Dias, professora da rede municipal de SP, DRE Campo Limpo

"Os nossos direitos mais básicos nos são negados, como o direito à dignidade, à moradia, à educação e à saúde de qualidade..."

José Afonso da Silva, membro da Secretaria do MTST

"O Jardim Ângela era uma das regiões mais violentas do mundo em 1996. Não tinha um dia em que eu não via um corpo estendido em uma calçada... organizamos uma passeata pela paz no dia de finados... a manifestação terminou no cemitério São Luís, onde os mortos são enterrados e fez nascer o Fórum em Defesa da Vida e pela superação da Violência... O trabalho fez nascer também a Sociedade Santos Mártires, uma ONG que coordena uma rede de entidades que oferecem desde creche até atendimento psicológico a mulheres agredidas por seus parceiros..."

Padre Jaime Crowe, liderança comunitária da Sociedade Santos Mártires

"Acompanhar o Projeto Político Pedagógico da EMEF Sócrates Brasileiro nos enche de esperança. Esperança do verbo esperar! Esperança de que é possível ter uma escola para todos e todas. Esperança de que é possível construir um currículo crítico, popular em uma escola da periferia de São Paulo, que contribua na formação de sujeitos autônomos e reflexivos! Esperança de que existe uma escola pública, em que cultura popular e construção de conhecimento caminhem juntos, como deveria sempre ser! Viva a Democracia! EMEF Sócrates Brasileiro, presente!"

Rozane Guilhem, Supervisora de Ensino

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**A construção da identidade do(a) educando(a)
no espaço escolar, a partir do lugar.**

Unidade Educacional:

EMEF Professora Marili Dias

Responsáveis:

**Fábio Augusto Machado
e Adriana da Silva Ferreira**

RESUMO DO PROJETO

Pautado em uma educação crítica e libertadora o Projeto “A construção da identidade do (a) educando (a) no espaço escolar, a partir do lugar” busca intervir na realidade potencializando a construção do conhecimento na construção permanente da identidade de todos os envolvidos no processo educativo. Identidade essa que, liberta, norteia, questiona, mobiliza e transforma por meio da “ação crítica, situada, experimental, que cria as condições para a transformação” ((FREIRE & SHOR, 1986, p.38).

JUSTIFICATIVA

O projeto surgiu a partir da necessidade da identificação, por parte da comunidade escolar e local, da construção identitária constante, vista e experienciada, pelos indivíduos presentes na localidade que permeia a Unidade Escolar Prof. Marili Dias: Distrito Anhanguera – Morro Doce. Assim, pensando em um projeto que pudesse potencializar a reflexão de educadores, educandos e comunida-

de acerca de práticas vivenciadas in loco no ambiente educativo que revelasse uma perspectiva mais abrangente frente à construção identitária dos indivíduos, projetamos atividades, encontros, rodas de conversas, produções escritas, teatrais, musicais entre outras, em que educadores, educandos e comunidade, pudessem expressar valores, levantar ideias e posicionar as suas vozes para a importância do “Morro Doce” e mostrar, por meio de diversas ações, a força desse coletivo, pois gente não é, gente está sendo (FREIRE, 1995).

OBJETIVOS

- Intervir na realidade por meio de ações coletivas, criadas pelos educandos, que expressem e divulguem a cultura local, os movimentos sociais e artísticos da comunidade local, do qual muitos educandos fazem parte, e suas produções literárias;
- Contribuir para o entendimento dos educandos no que se refere ao pertencimento, ao respeito ao diferente, a compreensão democrática e a coragem de discordar (FREIRE, 1995), respeitando sempre as outras opiniões;
- Desenvolver nos educandos maior senso crítico e autonomia, sobre a realidade que os cerca, de modo que, coletivamente e interdisciplinarmente, possamos trabalhar sobre a singularidade do seu lugar de vivência;
- Promover o protagonismo e a dialogicidade (FREIRE, 1997) caminhando sempre na busca da compreensão crítica do mundo;
- Estimular e fortalecer a autoestima nos educandos respeitando seus saberes, suas dúvidas, permitindo a construção de conhecimento, a partir das necessidades de sua realidade e cotidiano;
- Dialogar com os educandos, a respeito de seus sentimentos, ideias, sugestões, entendimento e história do lugar socialmente construído, que é o “Morro Doce”;
- Contrapor a falsa ideia de um mundo que vem pronto e é apenas reproduzido mundialmente através da globalização;
- Apresentar o projeto na XII Semana de Geografia – USP, estimulando a participação e o estudo, assim como, conhecer outros espaços de aprendizagem.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Professora Daniela Carita Gissoni

METODOLOGIA

O Projeto “A construção da identidade do (a) educando (a) no espaço escolar, a partir do lugar” está relacionado à prática da pedagogia de projetos que vem sendo desenvolvida na Unidade Escolar há quatro anos. Durante esse período trabalhamos com diversas temáticas nos diversos projetos e percebemos a necessidade de nos aprofundarmos nas questões identitárias por entendermos que esse trabalho fortaleceria, ainda mais, as relações pedagógicas entre os educadores, a interdisciplinaridade, o desenvolvimento da autoria nos educandos e as relações sociais estabelecidas com a comunidade, sendo possível, de um modo ou de outro, intervir em nossa realidade. Assim, desenvolvemos etapas ao projeto que pudessem garantir a construção do diálogo permanente.

Etapas

A seguir descrevemos as etapas e os métodos utilizados no desenvolvimento do projeto, assim como, o endereço eletrônico do registro das atividades:

1º Etapa

- Sondagem Inicial: levantar elementos dos quais os educandos já tivessem conhecimento como: o que é identidade, o conhecimento histórico da criação da comunidade local, os espaços para atividades esportivas e artísticas na comunidade, a importância da escola para a comunidade, entre outros.
- Refletir com os educandos o significado dos conceitos de identidade, lugar, território e globalização. Para essa primeira etapa nos pautamos em alguns autores que escrevem sobre os temas a serem abordados no projeto, como BAUMAN (2005) que reflete sobre a questão da identidade no contexto global, LIBÂNEO (2003) que escreve sobre a democratização da escola pública e SANTOS (1997) que descreve sobre a natureza do espaço.
- Após a sondagem e reflexões, com os educandos, sobre as informações e dúvidas que foram levantadas, exibimos o vídeo “Bairros de São Paulo: Distrito Anhanguera”, como recurso para entendermos como surgiu a comunidade onde a nossa escola está localizada.

Registros:

<http://portalmarilidias.blogspot.com.br/2015/05/oficina-do-projeto-de-geografiausp-2015.html>

2º Etapa

- Discussão e desenvolvimento de atividades que versem sobre a importância da escola no desenvolvimento da construção identitária do indivíduo por meio de textos reflexivos, escritos pelos educandos, a partir das reflexões abordadas na etapa anterior como: O que a escola representa para a comunidade? O que podemos entender por “Território Marili Dias”?
- Exibição do filme “Escritores da Liberdade” e exercícios de reflexão em grupo que estimulassem a autoconfiança e a autoestima;
- Pesquisa de campo no entorno da Escola.

Registros:

<http://portalmarilidias.blogspot.com.br/2015/08/pesquisa-de-campo.html>

3º Etapa:

- Elaboração de entrevistas e coletas de depoimentos para resgatar o histórico do lugar, com posterior elaboração de relatórios e investigação do histórico da professora Marili Dias (patrona da escola) e a sua importância no bairro;
- Oficina de RAP com o grupo “Raiz Crioula” com produções dos próprios educandos;
- Preparação e realização de um sarau, intitulado “Sarau Social: poesia de protesto”.

Registros:

<http://portalmarilidias.blogspot.com.br/2015/07/i-sarau-social.html>

<http://portalmarilidias.blogspot.com.br/2015/06/oficina-de-rap-na-escola.html>

<http://portalmarilidias.blogspot.com.br/2015/09/sarau-morro-adentro-sarau-social.html>

4º Etapa:

- Aprofundamento de conceitos e discussões em grupo (rodas de conversas) após exibição de filmes/documentários: “Hiato”; “Por uma outra Globalização”; “Entre os Muros da Escola”.

- Produção de um documentário em vídeo, com os registros das atividades desenvolvidas e criação de um espaço virtual que pudesse ser visitado por todos com a possibilidade de apresentar sugestões aos trabalhos.

Registros:

<http://portalgeograficom.blogspot.com.br/p/planejamento-das-aulas-de-geografia.html>

5º Etapa:

- Apresentação do projeto pelos educandos, contando sobre o desenvolvimento do projeto e suas expectativas para os próximos anos, na XII Semana de Geografia da USP.

Registros:

<http://portalgeograficom.blogspot.com.br/2015/11/apresentacao-do-projeto-na-usp.html>

<http://portalgeograficom.blogspot.com.br/p/planejamento-das-aulas-de-geografia.html>

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Em anos anteriores trabalhamos com diversas temáticas nos diversos projetos que desenvolvemos na escola, todos voltados as questões sociais e ao protagonismo para intervenção social na realidade local. Ao término dos trabalhos, sempre pensávamos em aprofundarmos os conceitos e experiências vividas com os educandos e comunidade local.

No início de 2015, já na primeira Reunião Pedagógica do ano (Fevereiro) estávamos com muitas ideias e perspectivas para o início dos projetos e nos perguntávamos: Como podemos aprofundar os estudos, com os educandos, no contexto da intervenção social na realidade do “Morro Doce”? Assim, a partir dessa indagação pensamos em deixar com que os educandos explanassem um pouco mais sobre suas inquietações e suas sugestões para o aprofundamento da temática já trabalhada em outros momentos para este contexto.

Muitos deles expuseram suas preocupações e inquietações a respeito da própria vida no Bairro, como lugar de pertencimento e cultura local e muitos desafios também, pois o local não contava com aparelhamentos públicos que propusessem maiores condições que favorecessem a comunidade, como: saúde

(não há posto médico), laser (não há praças ou parques, ou quadras para esportes), Educação (não há escolas técnicas próximas, nem Ensino Médio na Escola e nenhuma Biblioteca pública) e Cultura, pois o único lugar de acesso é o CEU, que fica longe da Escola.

A partir dessas conversas entendemos que as questões da motivação, da autoestima, da confiança e da luta social para a melhoria do Bairro eram para eles (educandos e comunidade) a temática que queriam se aprofundar a fim de garantir seus direitos como cidadãos no mundo e indivíduos inseridos na construção constante de sua própria identidade.

Para garantir o protagonismo dos educandos pensamos em estabelecer uma abordagem pedagógica que fosse essencial na perspectiva do projeto. Assim, nossa prática foi totalmente dialógica, tendo todas as pautas e atividades construídas e refletidas com os educandos.

Durante o processo de construção, já com o tema definido (a Identidade) recebemos o tema e as instruções para a XII Semana de Geografia da USP, que para nossa surpresa tinha como tema central “a construção identitária no espaço escolar a partir do lugar”. Inscrevemos nosso projeto, do qual foi aprovado pela organização do Evento e iniciamos nossos trabalhos.

Ações

- Circuitos de Palestras: elaboradas pelos educadores e por pessoas da comunidade, que abordassem os temas propostos para o desenvolvimento do projeto;
- Trabalhos de Campo: para que os educandos pudessem, na prática, vivenciar experiências individuais e coletivas. Essas atividades desenvolveram-se em espaços como: CEU Parque Anhanguera, “Cachoeira” do Morro Doce, Oficina de Rap no Bairro, Cinema, Shopping, entorno da escola e outras escolas do entorno;
- Sarau Social: desenvolvido pelos educandos e realizado na escola e na rua para toda comunidade;
- Vídeo-documentário: produção de um vídeo, pelos educandos, abordando o trabalho desenvolvido e suas expectativas quanto ao projeto;
- Entrevistas: atividade realizada com intuito de aquisição de experiências e desenvoltura na prática vivenciada e nas relações interpessoais com os diversos agentes do processo no projeto pedagógico;
- Rodas de Conversas: atividades desenvolvidas, todos os dias do projeto,

como estratégia de aprimoramento dos temas abordados e conhecimento das necessidades, das propostas, das críticas construtivas entre o grupo de trabalho do projeto;

- Criação de Poemas e Músicas: atividades desenvolvidas com os educandos para o desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade. As composições foram apresentadas durante os eventos na escola;
- Criação de Textos Reflexivos: atividades reflexivas e sistemáticas relacionando conceitos, expressando pensamentos para criação dos textos e estabelecendo relações a partir das diferentes escalas geográficas para a compreensão e a valorização dos fundamentos da cidadania e democracia, assunto essencial para o desenvolvimento do projeto.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Procuramos avaliar o percurso por meio das atividades propostas, não somente por nós, mas também pelos educandos, no sentido de pensarmos sempre no processo, valorizando o desenvolvimento coletivo, a diversidade nas produções textuais e musicais, o respeito ao outro e ao seu processo de formação identitária. Valemo-nos, também, da grande iniciativa, por parte dos educandos, no projeto, pois muitos participavam buscando melhorias nas relações com os colegas, entendimento de mundo, valorização de si e dos outros e a intervenção social na comunidade local.

DEPOIMENTOS

“A experiência de ter participado de um projeto como esse foi sensacional. Eu nunca pude imaginar que um projeto fosse tão importante pra mim. O que sinto é saudade, de cada minuto ao lado de meus professores e amigos”.

Laura Vitória (ex-aluna do 9º ano)

“Foi realmente uma experiência maravilhosa! No projeto descobrimos coisas novas sobre nossas identidades e sobre nós mesmos. Queria muito que o resto da escola tivessem a chance de ter a mesma experiência que tivemos”.

Tayne (aluna do 8º ano)

“A experiência desse projeto mudou completamente minha vida, apenas me fez abrir os olhos pra enxergar o mundo lá fora, como ele era realmente, cada momento, cada palavra, cada atitude desse projeto guardo e realizo no meu dia a dia, saudades de cada choro, de cada desabafo e saber que você não é a única naquela situação, e o

mais importante a união que esse projeto deu a cada um de nos, respeitando o espaço do outro a vida muda.. a atitude cresce, e a alegria verdadeira se renascer “

Karina Souza (ex-aluna do 9º ano)

“No ano passado, infelizmente não pude participar do projeto, pois, não estava na escola, contudo, acompanhei de longe, e nos comentários de alguns alunos é perceptível o quanto foi positivo. O desenvolvimento de atividades diferenciadas para os alunos, aliado a conscientização e sensibilização, promovidas por meio do projeto de Geografia, contribuiu e contribui muito com o desempenho dos alunos e professores da EMEF Professora Marili Dias no processo de ensino e aprendizagem. Percebemos que sozinhos não conseguimos mudar, por isso, a cultura de projetos na escola, cresce a cada ano, pois é por meio destes que conscientizamos o corpo docente e discente e como resultado oferecemos uma formação de excelência para nossos alunos.”

Susete Mendes (atual Diretora da Escola)

“O projeto da USP neste ano foi muito especial para mim. A temática da “construção da identidade” me permitiu identificar a incrível potencialidade dos nossos alunos no desenvolvimento de suas próprias ideias e pensamentos. Mais do que isso: permitiu que nos aproximássemos do mesmo propósito de rompimento com essa estrutura homogeneizante que nos reduz a meros consumidores na chamada era da globalização. Confesso que muitas vezes eu tentava manter o controle sobre o desenvolvimento do projeto, mas não teve jeito: ao sentir o gosto da autonomia e da liberdade os alunos tomaram conta do projeto e o conduziram por si mesmos! Aprendemos muito, rimos, brincamos, brigamos, choramos, todos juntos, aprendendo a cada dia uns com os outros. Nunca me esquecerei desse projeto e sobretudo dos meus alunos”

Fabio Machado (Prof. de Geografia)

“Esse maravilhoso projeto da USP, do qual eu participei na escola Marili Dias, com a ajuda do professor Fábio Machado e entre outros professores, obtive boas experiências inesquecíveis, sempre comento com os meus colegas o quão importante esse projeto foi na minha vida. Eu pude desenvolver bastante no decorrer do ano de 2015 devido a esse projeto! Eu aprendi o quanto a escola é importante na nossa identidade, sobre as mentiras da mídia e entre muitas outras coisas.. Esse projeto além de abrir meu olho me ajudou bastante na minha vida pessoal. E sou totalmente grata por todos aqueles que participaram, e pelo o professor Fábio por ser um ótimo educador e fazer desse projeto uma coisa muito especial e inesquecível na minha vida.”

Thawane Nagalli (ex-aluna do 9º ano)

“A experiência positiva desse projeto possibilitou o desenvolvimento de outros projetos na escola. Os poemas e músicas que foram compostas pelos próprios alunos potencializaram o trabalho de autoria durante o processo”

Daniela Gissoni (Prof. de Tecnologias para Aprendizagem)

Registros:

<http://portalgeograficom.blogspot.com.br/2015/11/apresentacao-do-projeto-na-usp.html>

<http://portalgeograficom.blogspot.com.br/2015/08/projeto-de-geografia-2015.html>

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

A cidade de São Paulo como espaço para a construção da cidadania: diferentes tempos e espaços na perspectiva de seus habitantes

Unidade Educacional:

CIEJA Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu

Responsáveis:

Ana Paula Rodrigues e Luiz Carlos Borges

RESUMO DO PROJETO

Este projeto, desenvolvido pelos professores da área de Ciências Humanas do CIEJA Prof^a Marlúcia Gonçalves de Abreu, buscou mostrar para os nossos estudantes a diversidade cultural, étnica e regional presente na cidade de São Paulo.

JUSTIFICATIVA

O projeto procurou evidenciar o patrimônio cultural presente na cidade de São Paulo, sobretudo a partir das diferentes contribuições de seus habitantes. Seu principal objetivo foi propiciar aos estudantes à constatação e a reflexão sobre seu protagonismo na construção do patrimônio cultural de São Paulo – palco do encontro de diferentes tempos e espaços. Para este fim, foram selecionados temas pertinentes à área de Ciências Humanas (História/Geografia), que através de uma abordagem interdisciplinar, buscou atender as especificidades destes educandos, valorizando suas experiências de vida e os saberes que adquiriram ao longo de sua trajetória pessoal, respeitando (e incentivando o respeito) às diversidades culturais, étnicas, regionais, de gênero, religiosas, entre outras que

se fazem presentes na população brasileira. Foi de suma importância procurar garantir que os estudantes construíssem os saberes necessários para compreender a realidade em que vivem, a partir da análise dos diversos elementos que compõem o espaço regional, brasileiro e mundial, bem como suas transformações e permanências ao longo do tempo. Tornou-se fundamental, portanto, articular a história da cidade de São Paulo não apenas com a história brasileira e mundial, mas também com a história de seus habitantes, representados nesse projeto pela comunidade escolar.

OBJETIVOS

Os objetivos deste projeto foram:

- Propiciar aos educandos a percepção de si mesmos enquanto sujeitos da História e cidadãos de São Paulo;
- Promover uma educação de qualidade, pautada na valorização dos saberes e conhecimentos dos estudantes e na autonomia dos mesmos;
- Evidenciar aos alunos e alunas do Cieja que a construção do conhecimento ocorre em um processo contínuo e gradativamente mais profundo, conforme os questionamentos levantados no decorrer das relações de ensino e aprendizagem tornavam-se mais complexos;
- Valorizar o diálogo e o respeito entre os diversos participantes do processo educativo, partindo da premissa que o respeito à diversidade se inicia com o respeito ao próximo. Isto foi fundamental para o sucesso do projeto, visto que o grupo discente do CIEJA Prof^a Marlúcia Gonçalves de Abreu caracteriza-se, além das diversidades presentes nas demais escolas de ensino fundamental (étnicas, sociais, religiosas, etc), pela diversidade etária. Sobretudo nos módulos III e IV dos períodos diurno e vespertino, jovens recém-egressos das escolas regulares convivem com adultos das mais variadas idades e experiências – causando muitas vezes uma espécie de “conflito geracional” e tornando imprescindível a garantia de espaços e momentos propícios ao diálogo, ao exercício permanente de se posicionar e sobretudo, ouvir e respeitar o outro;
- Garantir aos nossos alunos e alunas instrumentos para análise, compreensão e reflexão sobre o contexto social e econômico em que vivem, a partir da análise dos diversos elementos que compõem o espaço regional, brasileiro e mundial, bem como suas transformações e permanências ao longo do tempo. A proposta foi mostrar como os sistemas econômicos, as estruturas de poder

e as influências da cultura se articulam com a vida cotidiana dos indivíduos, bem como os movimentos em prol da garantia dos direitos básicos de cada ser humano. Este tema enfatizou a gênese das estruturas sociais, políticas e econômicas do Brasil. Para atingir esse objetivo, sempre articulado aos objetivos citados anteriormente, procurou-se incentivar o conhecimento e uso dos saberes e práticas específicos das Ciências Humanas.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Cecília Inês Negri (professora), Maria Socorro Almeida Santos Kockis (professora) e Regiane Cardoso Aparecido (professora).

METODOLOGIA

Um dos princípios que nortearam o projeto foi o que Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2002), chamou de “reconhecimento e assunção da identidade cultural”. Em todas as etapas do projeto, procurou-se desenvolver, nos educandos, o reconhecimento de sua identidade cultural e de si mesmos enquanto “ser social e pensante”. Os professores envolvidos no projeto não estiveram alheios a este processo, fundamentado no diálogo aberto. Ao optar pela construção e o entendimento coletivo de conceitos e por atividades que, gradativamente, passaram do âmbito individual para o trabalho coletivo, frequentemente fomos levados a refletir, redimensionar e redefinir nosso olhar enquanto educadores, cidadãos e seres humanos. Partindo de outro ponto da já citada obra de Paulo Freire, “não há docência sem discência”: os envolvidos, professores, alunos e alunas, ensinaram e aprenderam com a mesma intensidade.

Em termos práticos, utilizou-se como métodos para o desenvolvimento do projeto:

- Sensibilizações e diálogos sobre os conceitos e temas desenvolvidos em cada etapa;
- Desenvolvimento das possibilidades e limitações do discurso pertencentes ao gênero oral e ao escrito;
- “Resgate” das memórias individuais e coletivas, através de momentos específicos para esta finalidade e em inserções ao longo do projeto;
- Coleta e análise de materiais relacionados à temática desenvolvida, visando à percepção e o entendimento dos procedimentos e dos saberes provenientes

das Ciências Humanas (análise de documentos históricos e cartográficos, bibliografia específica, pesquisas);

- Exibição de filmes e documentários;
- Visitação ao Museu da Imigração e à aldeia Tekoa Pyau (Terra Indígena do Jaraguá) – esta última articulada ao projeto da área de Linguagens e Códigos e realizada em parceria com o CIEJA Iguatemi, da DRE São Mateus.
- Socialização dos saberes adquiridos, sempre relacionando-os com as experiências e saberes pessoais e coletivos, buscando a superação do senso comum e o desenvolvimento da criticidade e do conhecimento dos educandos (FREIRE, 2002);
- Orientação e mediação para o desenvolvimento dos trabalhos culminantes em cada eixo temático. Estes trabalhos foram realizados individualmente, em grupos e coletivamente (envolvimento de todo o grupo-classe em uma mesma atividade), demandando o planejamento, a organização e a realização de tarefas pelos próprios estudantes, o que tornou imprescindível a mediação dos professores não apenas para orientação como para a mediação de conflitos;
- Apresentação dos trabalhos produzidos pelas diferentes turmas (exposição e explicação do que foi desenvolvido).

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto foi desenvolvido de forma interdisciplinar, pautado nos princípios já expostos anteriormente. Apesar de predominantemente ser desenvolvido pela área de Ciências Humanas, em vários momentos articulou-se aos projetos específicos de outras áreas de conhecimento que compõem o currículo do CIEJA – a saber Ciências da Natureza e Códigos e Linguagem (citados oportunamente). Os eixos temáticos que estruturam a realização do projeto, bem como as atividades desenvolvidas em cada um deles, estão descritas a seguir:

1. Identidade/Fontes históricas:

Neste eixo, procurou-se aliar o resgate das memórias individuais, promovendo o reconhecimento do educando enquanto sujeito da própria história, com uma das faces do trabalho do historiador, a coleta e análise de fontes históricas, incluindo aqui não apenas sua descrição como também sua problematização. Neste eixo, priorizou-se o diálogo e o exercício de escuta do outro. Foram desenvolvidas as seguintes atividades:

1.1. Sensibilização:

Conversa com os alunos sobre as possibilidades e dificuldades para a compreensão do passado;

1.2. Definição do conceito de fontes históricas:

Análise de foto da rua XV de Novembro, em São Paulo, tirada em 1901 e presente no livro didático História - Educação de Jovens e Adultos (ed. Moderna, livro 6), que serviu de material de apoio.

1.3. Coleta e apresentação de objetos da memória pessoal, caracterizando e ampliando a descrição do conceito de fontes/documentos históricos. Neste momento, além da descrição dos objetos, cada estudante, individualmente, relatava aos colegas o significado daquele objeto específico, situando-o em sua trajetória pessoal. Oportunamente, eram feitas ponderações, tanto pelo professor quanto pelos alunos, sobre o contexto em que tais objetos estavam inseridos. Os prazos para a realização desta etapa foram flexíveis, visto que optou-se por respeitar o tempo dos alunos na exposição de suas memórias pessoais. Todos os documentos exibidos foram fotografados para posterior exposição.

1.4. Exibição do filme “Narradores de Javé”, de Eliane Caffé (2005?), para suscitar o debate sobre o direito à memória, a definição do patrimônio cultural (material e imaterial), a memória, a oralidade, as diferentes possibilidades de interpretação e entendimento dos fatos históricos e as fontes históricas.

1.5. Análise de fonte histórica selecionada pelos professores para aprofundar as discussões (esta atividade permeou todo o projeto). Neste caso, para promover a integração destas atividades com o projeto mais abrangente que ocorria no CIEJA, sobre as questões de gênero, optou-se por fontes relacionadas à história da mulher e à reportagens sobre a legislação referente ao combate à violência contra a mulher. As fontes usadas neste módulo são parte do acervo digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo e compreendem sobretudo anúncios da Revista A Cigarra, no início do século XX.

2. Fluxos migratórios:

A migração está intimamente relacionada a história de nossos educandos, muitos deles migrantes ou, assim como a maioria de nós, descendentes de migrantes ou imigrantes. Partindo das reflexões levantadas na visita ao Museu da Imigração, a “história da migração é uma história de todo nós” – evidenciaram-se as relações entre a história pessoal e coletiva e o contexto socioeconômico. Os

estudos sobre a cidade de São Paulo, em seus aspectos históricos, econômicos e sociais, foram inseridos neste momento: não apenas pela sua importância, mas por ser o palco do encontro de diferentes culturas - sobretudo por ser o ponto de intersecção onde a história dos nossos alunos se encontra e desenvolve.

2.1. O território brasileiro: formação e organização do espaço.

A partir da análise cartográfica, os alunos puderam identificar sua origem, analisar as condições socioeconômicas regionais e identificar as diferentes causas das migrações internas.

2.2. Visita ao Museu da Imigração

Organizada em momentos distintos, ao longo do mês de agosto, (uma visitação prévia de todos os educadores do CIEJA, uma durante a semana e outra em um sábado - para atender os alunos do período noturno e seus familiares) essa visita ampliou o entendimento sobre as questões migratórias, bem como aprofundou o conceito de fontes históricas. A visita à exposição, sobretudo na forma como a mesma foi conduzida pelos monitores e percebida pela comunidade escolar, aprofundou o conceito sobre as migrações porque promoveu o olhar não apenas para a imigração europeia do século XIX, mas também inseriu as migrações indígenas (anteriores e posteriores à chegada dos portugueses), a própria vinda dos portugueses e a Diáspora Africana. Foi a partir da visitação que os estudantes iniciaram a reflexão sobre as recentes ondas de migração para o Brasil;

2.3. Exibição e discussão de documentários (em filmes de curta-metragem e produções educacionais) para ampliar o conhecimento sobre o tema:

- "A História do Brasil em 15 minutos", documentário em forma de animação com imagens do período, especificamente do período entre o Segundo Reinado e a Primeira República, visando ilustrar o contexto político do desenvolvimento da economia cafeeira em São Paulo;
- "A História do café e o desenvolvimento industrial no Brasil", produção do SESI para o TELECURSO, abordando às diferentes implicações da economia cafeeira, inclusive a imigração. Uma das abordagens tratadas neste material, a de que "É possível estudar história indo ao supermercado", foi retomada no próximo eixo;
- "Nova onda de imigração atrai para São Paulo latino americanos e africanos", reportagem da TV FOLHA sobre as recentes ondas migratórias para São Paulo. É importante destacar que nas discussões sobre este material apareceram, em diversos momentos, falas intolerantes e preconceituosas, e que foram, através da mediação e reflexão, ressignificadas, procurando mostrar que é

inverídica, por exemplo, a culpa dos imigrantes pelo desemprego ou crise econômica (dentro das possibilidades e limitações da sala de aula).

2.4. Visita à aldeia guarani Tekoa Pyau (Terra Indígena do Jaraguá) e ao Parque Estadual do Jaraguá, em parceria com o CIEJA Iguatemi.

O objetivo desta visita foi compreender como vivem atualmente os povos indígenas em São Paulo, e de que maneira a ocupação da terra e do território urbano relaciona-se com diferentes interesses políticos e econômicos e os conflitos inerentes ao processo. Essa visita levou a importantes reflexões sobre a história brasileira, sobre a importância das culturas indígenas e sobre a realidade das comunidades na periferia de São Paulo, independente da região da cidade. Além do CIEJA Iguatemi, esta visita foi feita em parceria com a área de Linguagens e Códigos – que trabalhavam neste momento, dentro do projeto específico da área, a temática indígena.

2.5. Exposição Fontes Históricas/ Fluxos Migratórios:

Para a Mostra Cultural, realizada em de 2015, foi montada uma instalação em que as fontes fotografadas anteriormente foram exibidas em uma espécie de varal. Esses fios partiam de mapas representando as diferentes regiões brasileiras, e todos se dirigiam para o mapa central, representando o Sudeste e, em destaque, São Paulo.

3. Alimentação e Cultura:

Os conceitos trabalhados até então (fontes históricas, patrimônio cultural, imigração, regionalização) foram retomados. Mais uma vez, optamos por promover o diálogo entre a história individual e a história geral, através da história da alimentação. As atividades desenvolvidas foram:

3.1. A origem dos alimentos

Pesquisas dirigidas sobre a origem dos alimentos (no material de apoio ou na Internet), provocando nos estudantes a curiosidade e até espanto ao constatarem que muitos dos alimentos mais conhecidos e consumidos pelos brasileiros não são autóctones, ou seja, não são originários do nosso território. Assim, inserimos a história da colonização portuguesa no Brasil, a partir do estudo das causas e das consequências da introdução de novas culturas agrícolas.

3.2. A história da alimentação.

Aqui desenvolveram-se atividades que relacionaram a alimentação (ingre-

dientes, diferentes modos de preparo, a transmissão oral ou escrita das receitas, os hábitos alimentares) com a cultura. Entre elas, podemos destacar leitura do material de apoio e análise do documento “Xarope de Café”, fac-símile do caderno de receitas de Hermelinda Pereira de Mello, datada de 1911 (Fonte: Belluzzo, Rosa. São Paulo: Memória e Sabor. São Paulo: editora UNESP, 2008, p.69). Neste momento também foi abordada a influência de diversas culturas na culinária brasileira, que por sua vez também evidencia a importância dos fluxos migratórios para a cultura do Brasil e de São Paulo.

3.3. Degustação:

A proposta desta etapa foi permitir que os educandos, aliando seus próprios conhecimentos com os adquiridos até o momento, realizassem uma exposição sobre a História da Alimentação no Brasil, produzindo e explicando as origens de cada prato típico, finalizando a apresentação com a degustação dos mesmos. Para tal empreitada, sugeriu-se que as turmas se organizassem em grupos menores, mas alguns alunos optaram por trabalhos individuais, outros por envolver a sala toda. Cada grupo decidiu o prato típico que iria apresentar bem como a divisão de tarefas dentro do grupo. A interferência do professor neste processo foi mínima, cabendo apenas orientar como pesquisar as origens dos pratos, a caracterização/decoração dos mesmos, ressaltando as culturas que os originaram, cuidados com preparo e a higiene e a dinâmica da degustação. Foi criado um “cardápio” para o evento, com as recomendações descritas de forma leve e divertida, lido para todas as turmas na véspera do evento e afixado na entrada do pátio. Na data estipulada, todas as turmas dirigiram-se ao pátio, onde os pratos foram dispostos em uma grande mesa. Todos os grupos apresentaram para os colegas seus “trabalhos/pratos” de forma ordenada, explicando sua história e características. Ao final, foi realizada a degustação dos mesmos. A degustação foi realizada em parceria com a área de Ciências da Natureza, que dentro de seu projeto de Sustentabilidade, promoveu o estudo das propriedades terapêuticas das ervas medicinais. Além dos pratos típicos, houve a apresentação e degustação dos chás. Os módulos I e II também participaram da degustação, a partir do tema “Alimentação Saudável”, sendo facultativa sua apresentação para os demais alunos.

4. Africanidades:

Esta temática já tinha sido trabalhada no CIEJA em anos anteriores. Em 2015, procuramos enfatizar a importância dos diversos povos africanos como elementos formadores da cultura brasileira. A matriz africana já havia aparecido

em outros momentos, como nas discussões sobre o trabalho escravizado na economia colonial e imperial, na análise sobre a economia cafeeira, na Degustação, com a apresentação de pratos de origem africana, como o mungunzá. Porém, se fez necessário redirecionar o olhar, retomando os diversos conceitos trabalhados até o momento e promovendo, mais uma vez, o trabalho colaborativo de nossos estudantes, para ampliar e aprofundar o entendimento sobre a importância da cultura africana e das questões étnico-raciais.

4.1. Introdução ao tema:

Para introduzir de forma mais sistemática as questões raciais, foram retomadas as questões levantadas nos eixos anteriores, utilizando textos e imagens presentes no livro didático, bem como material complementar – como o texto “Depoimentos de ex-escravos”, extraído dos Cadernos do EJA/Diversidade e Trabalho.

4.2. Palestra do Prof. Ms. Luiz Carlos Borges, também docente neste CIEJA, sobre as pesquisas arqueológicas do Cais do Valongo, um dos principais portos de desembarque de africanos escravizados no Rio de Janeiro, e as obras de Jean-Baptiste Debret, que retratam de diferentes formas o trabalho escravo e a violência do trabalho compulsório no Rio de Janeiro no século XIX. A partir desta palestra, foi discutido em sala de aula como esta problemática inseria-se no cotidiano da cidade de São Paulo no mesmo período.

4.3. Pesquisa, socialização e definição dos temas para apresentação

As turmas foram orientadas a realizar pesquisas sobre a história afro-brasileira e sua importância para a nossa cultura. Nas datas estipuladas, as pesquisas foram socializadas com os colegas, que em conjunto decidiram qual seria o tema e a forma de apresentação. As opções foram: Expressões do Sagrado; Som e Movimento; Inspirações (descritos no próximo tópico).

4.4. Apresentação

A proposta foi promover apresentações – valorizando as diferentes formas de manifestação artística, organizadas e desenvolvidas pelos estudantes e envolvendo toda a turma (não mais divididos em grupos). As turmas poderiam escolher um dos três temas propostos, bem as formas de apresentação: teatro, música, poesia, dança, entre outros. Os temas propostos foram: - Expressões do Sagrado: sobre as diferentes manifestações da religiosidade africana e afro-brasileira, desde as religiões animistas às cristãs. Os grupos optaram sobretudo por canções que faziam referências aos orixás e outras divindades do panteão afro-brasi-

leiro, por exemplo. Uma das turmas optou pela história da música gospel; -Som e movimento: sobre a importância da cultura africana no desenvolvimento da música e dos ritmos brasileiros. Neste tema, inseriram-se as apresentações de samba, pagode, samba de roda e rap. Algumas turmas decidiram mesclar as formas de apresentação: realizaram encenações teatrais inspiradas em letras de canções. No período da manhã, por exemplo, uma turma optou por uma encenação sobre a violência contra a mulher, a partir da canção “Maria da Penha”, interpretada por Alcione. Ao final, um dos alunos citou dados que mostram como as mulheres negras são ainda as maiores vítimas da violência. Outra turma optou por recriar o clipe da música “Naquela sala”, do grupo de rap Ao Cubo, mostrando como os jovens da periferia são vítimas da precariedade e da violência. Outro grupo, ainda, realizou uma apresentação teatral retratando o trabalho escravo, o fim da escravidão e a capoeira – e contou com a participação dos familiares de uma das alunas. -Inspirações: biografias de pessoas, famosas ou não, que de alguma forma lutaram contra o preconceito e a discriminação racial. Este eixo perpassou os outros temas, visto que ao escolher, por exemplo, determinada canção, os grupos também homenageavam seus intérpretes – como ocorreu com as turmas que optaram pelo “Sagrado” interpretando canções de Clara Nunes. Algumas turmas se inspiraram em ícones mundiais e combate ao racismo, como a história de Rosa Parks ou de Nelson Mandela. Infelizmente, não é possível descrever com detalhes todas as apresentações realizadas. Porém, é importante que, se no eixo sobre as Migrações percebeu-se o preconceito e a discriminação emergindo nas discussões em sala de aula, em Africanidades a intolerância se mostrou de forma bastante contundente, não apenas nas falas como também em atitudes – como uma aluna, que se recusou a participar de uma apresentação de samba de roda porque era contra seus princípios religiosos. Como combater e desconstruir preconceitos? Com o conhecimento e diálogo aberto entre os envolvidos. Sem exceção, em casos descritos como esse foram os próprios colegas que convenceram esses alunos a buscar uma outra forma de olhar as manifestações culturais afro-brasileiras. Por outro lado, evidenciou-se que apesar da dos direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988 e por legislação específica, como a Lei 10.639/2003, ainda há um longo caminho a percorrer para acabar com a discriminação étnico – racial no Brasil.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação dos resultados foi feita de modo contínuo, sempre baseada no diálogo e na interação entre os envolvidos. Em alguns momentos, as avaliações foram pontuais, como nas análises documentais ou cartográficas. Em outros, as avaliações foram sistematizadas em roteiros previamente elaborados, onde além de descrever de que forma as atividades foram desenvolvidas havia espaço para a auto avaliação e para a avaliação do trabalho realizado. Além das avaliações envolvendo os estudantes, semanalmente, nas reuniões da Área de Conhecimento, discutia-se o andamento do projeto, as possibilidades de continuidade ou alteração do que foi planejado, sempre baseando-se no retorno dados pelos estudantes. Em alguns encontros específicos toda a equipe avaliou o desenvolvimento das atividades, sobretudo quando houve a mobilização de toda a comunidade escolar. Podemos aferir que os objetivos propostos foram alcançados, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento da percepção de si mesmo enquanto sujeito histórico e cidadão. Mas algumas ponderações necessitam ser registradas:

- O protagonismo dos educandos não se deu de forma tranquila e pontual, mas foi conquistado ao longo do ano letivo e com a realização de atividades que culminaram nessa autonomia. Isso é fundamental ressaltar porque muitos alunos e alunas do EJA trazem uma expectativa de escola “tradicional”, baseada em cópias, no binômio “giz e lousa” e em receber ordens. Muitos estudantes questionam e reagem de forma negativa a propostas como essas em um primeiro momento, e é necessário, através da argumentação e da própria prática, mostrar como isso é importante.
- Esta autonomia, por si só, não é garantia de que todos os trabalhos desenvolvidos sejam satisfatórios, nem que todos os objetivos sejam alcançados. Para conseguir realizá-los, foi necessário muito planejamento e preparo para a mediação do processo educativo e, sobretudo, dos conflitos que eclodiram quando as divergências de opiniões surgiram.

DEPOIMENTOS

“Eu nunca pensei que algo tão simples, que fez parte da minha infância, fosse algo de valor...”

Maria Bosca, aluna do módulo III, sobre sua apresentação na Degustação.

“Palestra maravilhosa com o professor Luiz Carlos ! A história da escravidão contada através das telas do Debret ! Encantada com tanta riqueza!!!”

Gildete Teles, aluna do módulo IV

“Eu achei que esta atividade, a de contar a nossa história, foi muito importante. Teve gente que não gostou, que não queria ficar ouvindo as tristezas do outro. Mas eu gostei, porque mudou o nosso olhar em relação a gente mesmo e ao outro.”

Catarina , aluna do módulo III, sobre o trabalho com as fontes históricas.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**Cores e Sabores:
de Olho na Influência da Cultura Afro**

Unidade Educacional:

CEI Yolanda de Souza Santalucia

Responsáveis:

**Joana Olher da Silva e Sheyla Rodrigues
Cardoso Fonseca**

RESUMO DO PROJETO

O presente projeto foi desenvolvido no ano 2015 com os educandos do Infantil I, tendo por finalidade desenvolver a autoestima dos nossos educandos afro descendentes. Para que isso ocorresse o mesmo foi realizado em parceria com as famílias que através de um portfólio tinham acesso as atividades realizadas em sala de aula, e como parte dessa parceria a família realizava em casa uma prato da culinária relacionada a cultura afro, lia um livro protagonizado por negros, e assistia um vídeo também protagonizado por negros.

JUSTIFICATIVA

O Projeto Cores e Sabores, de Olho na Cultura Afro, é planejado após observar que nas festas de aniversariantes do CEI Profª Yolanda de Souza Santalucia, que mesmo nossas alunas sendo negras as decorações de suas festas eram de princesas brancas.

Fazia-se necessário desenvolver a autoestima de nossos alunos afro descendentes, bem como a valorização da identidade destes, com práticas promotoras da igualdade racial na educação infantil.

Se observarmos a nossa realidade local, veremos que as tradições africanas permeiam nosso cotidiano. Essa evidência é perceptível na comida nossa de cada dia, nas cores e estampas das roupas, nos símbolos ADINKRAS nos portões e sacadas das casas de nossos bairros.

Diante de tantas expressões culturais de origem e ou influência africana, fazia-se necessário que os educandos reconhecessem e se apropriarem-se de tais manifestações culturais como forma de combater o preconceito étnico racial.

OBJETIVOS

- Desenvolver a autoestima de nossos alunos afrodescendentes.
- Descolonização do currículo.
- Valorização da identidade com práticas promotoras de igualdade racial.
- Que os educandos conheçam africanos e afros descendentes que influenciaram e influenciam o mundo.
- Realizar atividades com a participação das famílias.
- Provocar mudança de comportamento.
- Colocar em prática a Lei 1063/2003.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica sobre o Continente Africano, dando ênfase aos países de origem das sete princesas africanas. Mostrando-lhes na prática um pouco dos costumes de cada país bandeira de cada país, hábitos alimentares, trajes típicos. Pesquisa sobre o Panamá país de origem da princesa de Liechtenstein.

Apresentação do projeto para as famílias.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Começamos nosso projeto apresentando a história da princesa Akuosua Busia de GANA da Família Real de Wenchi. Apresentamos para nossos alunos o país Gana, trabalhamos os símbolos ADRINKA, que constitui um código do conhecimento

referente às crenças e à história do povo ganes, que é transmitido de geração à geração. Tais símbolos refletem um sistema de valores humano universal: família, integridade, tolerância, harmonia, determinação dentre outros. Pintamos juntos um panô com alguns dos símbolos ADINKRA, as crianças se encantaram ao ver o desenho pintado na lixa de parede ser transferido para o tecido.

E assim sucessivamente fizemos ao contarmos as histórias das princesas africanas de: Burundi, Uganda, Nigéria, Suazilândia, e da princesa afro-panamanha que

Ao contarmos as histórias das princesas, realizamos na escola com as crianças, alguns pratos típicos, destacamos aspectos culturais: música, bandeira, símbolos ADINKRA, fauna, trajes típicos, dança, instrumentos musicais, contos dos país de cada princesa. Apresentamos também aspectos geográficos.

O projeto contempla também a biografia de homens e mulheres negras que influenciaram a vida do povo brasileiro.

Dentre elas apresentamos a biografia dos irmãos André e Antônio Rebouças, engenheiros e arquitetos que planejaram e desenvolveram a mais complexa ferrovia do Brasil, os irmãos Rebouças foram responsáveis pelo planejamento e construção de armamentos bélicos que possibilitaram ao Brasil ganhar a guerra contra o Paraguai.

Para que os alunos assimilassem melhor o conteúdo construíram trilhos de trem coletivos e individuais com palitos de sorvete e palitos de fósforo, montamos uma ferrovia com trem movido a pilhas.

Ao apresentarmos a biografia de Aleijadinho, apresentamos também suas obras. Por conta da faixa etária (4 à 5 anos) as crianças fizeram esculturas com sabão em pedra, sabonetes, massa de modelar com o uso de formas de figuras diversas.

Foi apresentada também a biografia de Ben Carson maior neurocirurgião pediátrico do mundo, responsável pela separação de irmãos siameses ligados pela cabeça, Ben Carson recebeu diversos prêmios e foi presidenciável nos EUA.

Para envolvermos as famílias, a cada semana um educando levava um kit contendo: um livro com história protagonizada pro negros, um DVD com músicas africanas, um dvd com histórias protagonizadas por negros, trajes típicos africanos, um portfólio com atividades realizadas na sala de aula.

Em casa a família realizava uma receita de culinária de origem ou influência africana, leitura do livro, assistiam o DVD e ouviam as músicas. No portfólio colaram fotos dos momentos em que realizaram as atividades.

No final do ano realizamos um encontro com as famílias onde as mesmas trouxeram os pratos típicos realizados em casa, na escola refizemos os pratos que havíamos preparados no decorrer do ano.

Após os alunos terem se apresentado no teatro do CEU, juntos famílias, professores e funcionários degustamos os pratos típicos de origem e ou influência africana.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Podemos afirmar que os objetivos propostos ao idealizarmos o presente projeto foram alcançados:

- Os alunos conseguiram se identificar com as personalidades negras, e sentirem orgulho de serem negros.
- A participação das famílias foi muito grande dos 30 alunos da sala de aula apenas três famílias não realizaram a atividade em casa.
- Pela repercussão positiva do projeto, o mesmo foi ampliado, e em este ano estamos desenvolvendo o Projeto Cores, Sabores e Sons de Olho na Cultura Afro, e está sendo realizado pelas turmas MGII A/B/G e H e em duas turmas de Infantil I da EMEI Cohab do Valo Velho.
- No segundo semestre todas as professoras do CEI Prof^a Yolanda de Souza Santalucia, realizarão o projeto com suas turmas.
- Devido a facilidade de aplicação das atividades e uso do material produzido, fui convidada pela DRE Campo Limpo para realizar o Relato de Práticas no II Congresso Municipal de Educação para as Relações Étnico-Raciais, realizei Relato de Prática no GT Étnico Racial da DRE Campo Limpo.
- O Projeto foi selecionado e pela Faculdade de Geografia da USP, e será exposto na Semana de Geografia da USP no mês de outubro de 2016.

DEPOIMENTOS

“A Maria Eduarda desde que a irmã nasceu ficava muito triste, porque os parentes chegavam em casa e falavam que a bebê era linda e que queriam os olhos azuis dela. Depois do projeto ela ama deixar os cabelos soltos e diz que ela é igual a princesa africana”.

Mãe da aluna Maria Eduarda Sena

“Já na sexta feira dia 26/06/15 assim que a Ana chegou da escola, reviu a sacola que o pai havia trazido da escola pela manhã e disse que estava super ansiosa para realizar a atividade. Ainda na sexta, assistimos aos DVDs que continham as músicas e as histórias de origem africana. Como não tenho muitos dotes culinários, fomos procurar na internet receitas de origem africana e, para minha surpresa, entre outras receitas, tinha a receita de bolo de fubá. Foi então que descobrimos, que o bolo de fubá que tanto gostamos aqui no Brasil, na verdade tem origem africana, assim como muitas outras. A pós a escolha da receita, isso já no sábado 27/06/15, fomos para a contação de história. Lemos a história “Tanto, Tanto” de Trish Cooke, uma história maravilhosa de amor em família. Ana, como sempre, adorou a história e tive que contar várias vezes. Em seguida partimos para execução da receita, o que foi outra festa, pois vestimos os trajes africanos e fizemos tudo coletivamente com Ana protagonizando. E claro que minha cozinha ficou uma bagunça, mas foi gratificante ver a alegria estampada no rosto da minha filha realizando a atividade com a família reunida. Achamos a atividade enriquecedora, pois é muito importante que nossa crianças conheçam outras culturas, principalmente a africana que está intrinsecamente ligada a nossa. Atividades como essas além de nos proporcionar momentos em família, nos possibilita fazer grandes descobertas. Obrigada pela oportunidade.”

Mãe da aluna Ana Clara Ribeiro

“Eu sou da cor dos irmãos que construíram o trilho de trem bem grandão (referindo-se a ferrovia), e eu também sei jogar capoeira bem alto”.

Aluno Vitor Hugo Trindade

“Eu sou muito linda, e mostrou com os dedos: têm oito princesas assim como eu.”

Auna Ana Clara Ribeiro

“Professora Joana não sei onde e como você realizou a pesquisa sobre Gana. Está perfeita. Morei cinco meses em Gana e durante seu relato me senti em Gana novamente”. “Tudo estava bom! Tudo mesmo. Você é mega comprometida”.

Fala da professora Érica Cristina Ferreira da EMEF Mitsutani | Jornalista no GT de julho da DRE Campo Limpo

“O projeto foi lindo. Envolveu os alunos, pais e a escola como um todo. A comida une as pessoas num momento de prazer que nunca mais se esquece. As cores das comidas, os cheiros que sentimos. Enfim achei tudo muito especial. Maravilhoso, completo!!!Um sucesso”.

Estela Vital AD do CEI

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**“Quarto de Despejo” – Desconstruindo Narrativas
Hegemônicas de Identidade**

Unidade Educacional:

EMEBS Anne Sullivan

Responsáveis:

Viviane Marques e Climeria Cordeiro

RESUMO DO PROJETO

A partir da leitura do livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), o projeto propõe uma possibilidade de desconstruir práticas de discriminação racial e cultural e de desigualdade de gênero dentro da escola, com alunos(as) do 9º ano, finalizando com uma apresentação composta de: biografia da autora, ação teatral, performance artística e entrevista com a professora Vera Eunice, filha da escritora Carolina de Jesus.

JUSTIFICATIVA

Segundo o artigo 3º da LDB, o ensino será ministrado com base, dentre outros princípios, considerando a diversidade étnico-racial. Ademais, o art. 26 da referida lei determina que nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Na mesma perspectiva, a publicação da Lei nº 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cul-

tura Afro-Brasileiras e Africanas mediante o Parecer CNE/CP 3/2004, define que cabe aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover uma educação comprometida com a promoção da igualdade racial na escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), ao propor uma educação comprometida com a cidadania, fazem referência à necessidade de discutir e de considerar no processo educativo as diferenças étnico-raciais e de gênero. Assim sendo, o currículo – espaço de disputa ideológica – deve trazer conteúdos e discussões relacionados a questões étnico-raciais e de gênero a fim de preparar o aluno em valores e atitudes que o capacitem para o exercício da cidadania e para a reflexão crítica acerca da realidade de que faz parte.

Acerca do currículo como espaço de disputa ideológica, Silva (1999) esclarece que:

“Em termos de representação racial, o texto curricular conserva, de forma evidente, as marcas da herança colonial. O currículo é, sem dúvida, entre outras coisas, um texto racial. A questão da raça e da etnia não é simplesmente um “tema transversal”: ela é uma questão central de conhecimento, poder e identidade. O conhecimento sobre raça e etnia incorporado no currículo não pode ser separado daquilo que as crianças e os jovens se tornarão como seres sociais. A questão torna-se, então: como desconstruir o texto racial do currículo, como questionar as narrativas hegemônicas de identidade que constituem o currículo?”(p. 102)

A questão levantada por Silva (1999) é fundamental para se discutir a construção de um currículo descolonizado e que leve em consideração os aspectos apontados pela legislação supracitada.

Outrossim, o decreto nº 52.785/11, que cria as Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos – EMEBS na Rede Municipal de Ensino, em seu artigo 8º estabelece que o Ensino Fundamental deve preparar o aluno para o exercício da cidadania, possibilitando a formação de crianças e jovens em conhecimentos, habilidades, valores, atitudes, formas de pensar e atuar na sociedade; de forma a promover o ensino da leitura e da escrita em corresponsabilidade com todas as áreas de conhecimento.

Segundo levantamento de dados referente ao ano letivo de 2016, realizado na EMEBS Anne Sullivan, a caracterização do corpo discente compõe-se de uma população, predominantemente, não-branca, a saber: 59%, conforme autodeclaração efetuada por pais e responsáveis. Verificou-se, durante a análise dos dados atinentes à autodeclaração, dificuldade de reconhecimento de pertenci-

mento étnico-racial – dado que pode sinalizar para a necessidade de um trabalho voltado para a valorização e para a representação positiva de identidades raciais não-hegemônicas.

O livro “Quarto de Despejo” retrata, sem retoques, as entranhas da favela do Canindé na década de 50, contando o dia-a-dia de Carolina, de seus três filhos e de seus vizinhos em episódios que vão do cômico ao trágico. Em pedaços de papel retirados do lixo, Carolina escreve seu diário, que traz a saga da autora por dignidade.

Por ser mulher, negra, pobre, catadora de papel, mãe solteira e escritora na favela, Carolina acumula marcas socialmente vistas como indesejáveis, trazendo essa discussão à tona no livro e transcendendo, por meio da escrita, os limites dos lugares sociais subalternos preestabelecidos pelos aparelhos ideológicos do Estado a pessoas cujas marcas identitárias são calcadas em estigmas sociais.

OBJETIVOS

Valorizar a diversidade e promover a cidadania. Entender-se como um sujeito sócio-histórico marcado por questões identitárias indelévels como surdez, gênero e raça. Entender o funcionamento discursivo do gênero diário. Promover o desenvolvimento do vocabulário. Possibilitar a elaboração e reelaboração das experiências e dos aprendizados diários. Possibilitar produções escritas e em outras linguagens. Desenvolver a competência comunicativa na modalidade escrita da língua portuguesa. Aprender a utilizar a norma urbana culta na modalidade escrita da língua portuguesa de acordo com as diferentes práticas sociais envolvidas. Desenvolver e ampliar o uso de recursos expressivos e discursivos. Conhecer um pouco da vida e da obra da escritora brasileira, Carolina Maria de Jesus. Relacionar o diário ao seu contexto de produção (interlocutores, finalidade, lugar e momento em que se dá a interação) e suporte de circulação original (objetos elaborados especialmente para a escrita, como livros, revistas, suportes digitais). Estabelecer conexões entre o texto e os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores. Inferir, a partir de elementos presentes no próprio texto, o uso de palavras ou expressões de sentido figurado. Interpretar o ponto de vista da narradora. Identificar possíveis elementos constitutivos da organização interna do gênero. Reconhecer o emprego de linguagem figurada e compreender os sentidos conotados. Examinar em textos o uso de primeira ou terceira pessoa e implicações no processo enunciativo. Respeitar as diferentes

variedades linguísticas faladas. Trocar impressões. Comparar as condições de vida das camadas populares, sobretudo negra, da década de 60 em São Paulo com as condições das camadas populares, sobretudo negra, na presente década. Reconhecer questões raciais e de gênero na trajetória de Carolina Maria de Jesus e relacionar com a própria experiência.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Adriana Penha de Sousa (professora) e Ana Marion Loyola de Paula (professora).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será a de sequência didática (SD), que, segundo Dolz et al (2004), é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Assim, uma SD tem a finalidade de ajudar o(a) aluno(a) a dominar melhor um gênero textual e serve, portanto, para dar acesso aos estudantes a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis, permitindo-lhes escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

O tema gerador dessa sequência se dá inicialmente com a apresentação da vida e obra de Carolina de Jesus, com destaque para o livro “Quarto de Despejo”. A partir do material linguístico e temático trazido pelo livro serão desenvolvidas atividades de leitura e escrita, teatrais, performáticas, dentre outras, integrando as disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências e Artes.

Para as atividades dramáticas usaremos uma sequência de jogos dramáticos e cênicos, individuais e coletivos, para percepção do corpo e sua relação com o espaço e da expressividade, com improvisação de cenas, interação com objetos diversos, peças de figurino e cenário, a fim de enriquecer o processo de construção das personagens e da encenação final como um todo.

Também serão estudados em forma de pesquisa os eventos presentes no livro que permeiam entre conhecimento científico e conhecimento popular: a cultura das benzedeadas, saberes e religiosidade das benzedeadas, constituição da prática de benzer, descrição de sintomas de doenças, a Gripe – agente etiológico, sintomas, modos de transmissão, tratamento e prevenção – além do fator insalubridade e periculosidade profissional (catadoras/es de papel).

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

MÊS	DIA	SEMANA	TURMA(S)	DISCIPLINA(S)	ATIVIDADE(S)
Maio	2	1	9º A, B, C e D	Português	Vida e obra de Carolina
Maio	3	1	9º A, B, C e D	Português	Leitura de "Quarto de Despejo"
Maio	4	1	9º A, B, C e D	Ciências	Descrição de sintomas
Maio	5	1	9º A, B, C e D	Ciências	Descrição de sintomas
Maio	6	1	9º A, B, C e D	Português	Leitura de "Quarto de Despejo"
Maio	9	2	9º A, B, C e D	Português	Leitura de "Quarto de Despejo"
Maio	10	2	9º A, B, C e D	Português	Leitura de "Quarto de Despejo",
Maio	11	2	9º A, B, C e D	Artes e Português	Jogos dramáticos
Maio	12	2	9º A, B, C e D	Artes e Português	Leitura e escolha da cena 1 da ação teatral
Maio	13	2	9º A, B, C e D	Artes e Português	Leitura e escolha da cena 2 da ação teatral
Maio	16	3	Prova Mais Educação		
Maio	17	3			
Maio	18	3	9º A, B, C e D	Ciências e Português	Aula "Conhecimento Científico e Conhecimento não-científico"
Maio	19	3	9º A e B	Ciências e Português	Aula "Cultura das benzedadeiras"
Maio	20	3	9º C e D	Ciências e Português	Aula "Cultura das benzedadeiras"

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

Maio	23	4	Professores	Português, Ciências e Artes	Avaliação e definição do cronograma de ensaios, data/local da apresentação e entrevista com Vera Eunice.
Maio	24	4	Avaliações		
Maio	25	4			
Maio	26	4	Feriado e emenda		
Maio	27	4			
Maio	30	5	9º A, B	Português, Ciências e Artes	Leitura e ensaio da cena 1 da ação teatral
Maio	31	5	9º A, B	Português, Ciências e Artes	Leitura e ensaio da cena 2 da ação teatral
Junho	01	5	9º A, B, C e D	Português, Ciências e Artes	Leitura e Ensaio da performance
Junho	02	5	9º A, B, C e D	Português, Ciências e Artes	Leitura e ensaio da performance
Junho	03	5	9º A, B, C e D	Português, Ciências e Artes	Leitura e ensaio das cenas 1 e 2 e performance
Junho	06	6	9º A, B	Português, Ciências e Artes	Ensaio das cenas 1 e 2
Junho	07	6	9º A, B, C e D	Português, Ciências e Artes	Ensaio da performance
Junho	08	6	9º A, B, C e D	Português, Ciências e Artes	Ensaio das cenas 1 e 2 e performance
Junho	09	6	Professores	Português, Ciências e Artes	Definição do Roteiro da apresentação
Junho	10	6	Passeio		

Junho	13	7	9º A,	Português e Ciências	Definir apresentação da Biografia e perguntas para entrevista com Vera Eunice
Junho	14	7	9º A, B, C e D	Português, Ciências e Artes	Ensaio do roteiro da apresentação para definição da duração
Junho	15	7	9º A, B, C e D	Português, Ciências e Artes	Ensaio pontuais
Junho	16	7	Ensaio Geral		
Junho	17	7	Ensaio Geral		
Junho	20	8	Ensaio Geral		
Junho	21	Apresentação das atividades no CEU Vila Rubi			
Junho	22	Avaliação			
Junho	23				

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Ao longo do processo a equipe se reuniu frequentemente para avaliação do cumprimento de cada etapa do projeto, observando sua participação, bem como o interesse e empenho dos(as) alunos(as) nas discussões, produções e representações artísticas.

Ao relacionarem as narrativas do livro “Quarto de Despejo” com sua vida ou de alguém de sua convivência, o que certamente promoveu um olhar mais atencioso e crítico às relações de poder referentes à questões étnico-raciais e de gênero nos dias atuais, os alunos(as) apresentaram também interesse fundamental na leitura, na aquisição de vocabulário novo e clareza na compreensão de questões gramaticais e semânticas. A língua portuguesa na modalidade escrita, ganhou um novo significado, a partir da possibilidade de se registrar o próprio cotidiano, com riqueza de detalhes, como o fez Carolina de Jesus, a partir do gênero diário.

A Finalização do projeto, no Teatro do CEU Vila Rubi, unidade em que a professora Vera Eunice leciona, ocorreu de maneira tranquila, brilhante e eficiente por parte de toda equipe. O desempenho dos alunos(as) foi surpreendente, a equipe técnica do teatro foi acolhedora e receptiva. Toda a apresentação foi devidamente interpretada de libras para português e de português para libras.

Cabe citar também a avaliação do projeto feita pela professora Vera Eunice que mostrou-se profundamente emocionada e bem impressionada com o desempenho dos(as) alunos(as) durante todo o período da apresentação, relatando que foi a primeira vez que viu uma encenação sobre a vida e história de sua mãe em que pôde vê-la representada, ao mesmo tempo, com poesia e verdade.

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

Construindo Viveiros de Infância

Unidade Educacional:

EMEI Dona Leopoldina

Responsáveis:

**Marcia Covelo Harmbach
e Beatriz Garcia Costa**

RESUMO DO PROJETO

O projeto possui como eixos a brincadeira, a arte e a educação ambiental, através dos quais imprime um currículo que incentiva o olhar curioso, problematizador, importantes para a observação e transformação da realidade percebida, provocando um outro modo de interagir com o ambiente, construindo espaços educadores e sustentáveis, favorecendo as relações e oportunizando a autoria das produções culturais de crianças e adultos.

JUSTIFICATIVA

A acelerada transformação ambiental em que vivemos no planeta, no país, na cidade aponta para a necessidade de repensarmos também nossas escolas, como um espaço ímpar para o contato com os elementos da natureza. Terreno rico para o trabalho com o despertar de novas relações com o entorno de forma mais afetiva e cuidadora. Vemos crianças e adultos que não se cuidam, não cuidam do outro, do seu espaço. Como cuidar de algo se desconhecemos o encantamento que pode provocar? A criança pequena conhece com o corpo, precisa tocar, sentir. Despertar o “desejo de curiar”,

como diria Manoel de Barros, nosso poeta da infância, deveria ser o grande ofício do educador e como fazer para que os educadores se sintam responsáveis e encantados foi o que perseguimos nesse projeto. Partindo da teoria de Capra (2008) que todos os espaços e pessoas possuem alto potencial de tornarem-se sustentáveis, o Projeto Político Pedagógico da EMEI Dona Leopoldina, visa construir condições para a proposição e discussão de espaços educadores trabalhando com as relações indivíduo<escola<bairro<comunidade<bioma, sustentando os princípios da alfabetização ecológica (significa entender os princípios básicos da ecologia que os ecossistemas desenvolveram para manter a teia da vida) e da permacultura, aliados aos princípios de Paulo Freire sobre a necessidade da construção da autonomia e da relação dialógica com crianças e adultos.

OBJETIVOS

- Oferecer às crianças e adultos o exercício da autonomia e da participação;
- Possibilitar a construção e a apropriação da cultura através das diversas linguagens;
- Promover a ampliação e capacidade de expressão, comunicação, criação, organização do pensamento e das relações de convivência com o outro e com o meio ambiente, priorizando o diálogo e a sustentabilidade; transformação e ressignificação de espaços educadores.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Simone Cavalcante da Silva (Assistente de Direção) e todos os educadores da EMEI Dona Leopoldina.

METODOLOGIA

Metodologia dialógica: Estudo da realidade; organização do Currículo via Projetos de trabalho que valorizem o protagonismo e a produção de crianças e adultos; Avaliação processual através de portfólios reflexivos e da transformação e construção dos espaços da escola.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O Projeto Construindo Viveiros de Infância, permeado pelo trabalho com Arte e Cultura de Paz, imprime alguns pontos de partida para a formação e construção do Currículo: o papel da infância Contemporânea; o fortalecimento das relações de cooperação; o encantamento com a natureza; a noção de pertencimento e cuidado; a conexão entre as múltiplas linguagens e o conhecimento popular; a criança protagonista e produtora de cultura; o respeito à diversidade; a ressignificação e construção de espaços educadores. Iniciamos as discussões para a concretização desse projeto em 2012 com as demandas das crianças, do grupo de educadores, da escola, da comunidade e com a assessoria da ONG 5 ELEMENTOS: Mônica Borba e educadores ambientais: Estela Cunha, Leila Vendrameto, Gabriela Ribeiro, Paulo Fonseca Neto, Fabiana Oliveira e Casa dos Hólons: Ludmila e Tomaz Ahau, pessoas com as quais foi possível construir uma parceria de saberes e transformações do Currículo e do espaço para a infância de forma educadora e sustentável através da alfabetização ecológica.

Nas rodas de conversa, o tema preponderante foram discussões ambientais e o mapeamento dos espaços da escola, sobre como crianças e adultos o utilizam, o que representam como espaços educadores. Após as discussões e levantamentos das falas de crianças e adultos, lançamos a questão: Qual a proposta de Escola que queremos? Qual currículo construiremos? Caminhamos no uso dos instrumentos metodológicos: observação, registro, estudo da realidade, planejamento, avaliação e reflexão na ação cotidiana no sentido de concretizar nossa proposta. Paralelamente trabalhamos a Albetização Ecológica com todos os segmentos, na formação permanente (crianças, pais, educadores, incluindo os funcionários terceirizados, pois todos na escola são educadores) e todos necessitam entender e participar do Projeto, como dizia Paulo Freire quando Secretário de Educação: “tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, deve ser feito...”

Em uma das problematizações foi observado que apesar da EMEI possuir um espaço privilegiado com muito verde, nem sempre era utilizado, pois havia uma preferência dos adultos pelos espaços fechados, com maior segurança e sem a sujeira da terra, do barro, que incomodava muito aos pais e aos funcionários da limpeza da escola. Por outro lado as crianças solicitavam o contato com a terra, queriam subir nas árvores, observar bichinhos, fazer “meleca” com terra e água, colher frutas, mas não queriam comer verduras e legumes e diziam que não gostavam de dormir sem vontade, de ouvir gritos dos adultos. Frente às contradições

das falas entre crianças e adultos, iniciamos a reflexão sobre a Educação Integral que oferecemos. Como contribuir para o desenvolvimento integral da criança? Como dialogar com os saberes sem segmentá-los? Quanto tempo destinamos ao trabalho com a natureza e suas relações? Quanto resgatamos da cultura da infância? Como tornar a escola um lugar mais livre, brincante, com um currículo que faça vínculo com o mundo? Como trabalhar as relações e cultura de paz entre adultos e crianças?

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1997), provoca uma reflexão sobre saberes essenciais à prática educativa, como a relação entre ética e estética, do quanto precisamos refletir sobre a concepção de educação que assegura nossas práticas educativas, na relação dialética do ensinar-aprender. Aprendemos vivenciando. “A prática não pode ser negadora do nosso discurso”. Esta teoria foi nosso guia, nos anos de 2013 e 2014, trabalhamos as contradições entre o que fazemos e o que deveríamos fazer teoricamente na busca do Currículo que acreditávamos. Partimos do pressuposto de que se nos propomos a formar cidadãos críticos, propositivos, criativos, respeitosos, cuidadores de si, do outro, do mundo, então deveríamos criar condições para a vivência desses princípios, tanto com os adultos como com as crianças. Se apressarmos a infância, confinarmos as crianças em espaços fechados, enrijecendo seus corpos e relações, privando-as do brincar, do diálogo, as levaremos ao empobrecimento da capacidade imaginativa, ao desinteresse pelo mundo e por outros seres. Apagaremos a possibilidade de maravilharem-se diante dos mistérios e belezas e indignarem-se frente às injustiças do mundo. Estávamos presenciando esse fato com crianças, pais e educadores que não mais viam a escola como um espaço para conhecer e interagir, o brincar estava relegado ao horário de Parque, os adultos impunham o como, do quê, quando brincar e, se possível, que as crianças não se sujassem e ficassem em silêncio. Os pais estavam distantes da escola, não opinavam.

Convidamos as crianças e adultos a circular pela escola e a propor novos lugares, novos olhares. Para as crianças indagamos o que gostariam que tivesse na escola, para os adultos propusemos a reflexão de como poderíamos construir espaços como lugares de encontro e saberes. A partir das diferentes visões e após muitas discussões, iniciamos a construção e ressignificação de nossos espaços educadores, inicialmente revitalizando alguns lugares como a Sala Verde, criada pela ONG 5 Elementos em anos anteriores, mas que não estava sendo utilizada. A partir das idéias de pais, educadores, crianças, demos outro sentido à Sala Verde, que é a proposta de uma sala sem paredes. Incluímos sua utilização na linha do tempo como lugar preferencial para conhecer e observar os bichinhos, as plantas e toda vida presente em seus cantos. Um lugar para cantar, dançar, ouvir histórias,

brincar ao som dos passarinhos, ao zumbido das mangabas, sentindo o cheiro do maracujá que contorna a sala com suas flores e frutos que encantam a todos.

Entender que todos fazemos parte da natureza é a sensação que se tem quando entramos na sala verde e nos deparamos com o aroma das plantas medicinais, da alfazema, sentimos a textura das diferentes folhas; é o lugar preferido das crianças e colocado por elas como o mais bonito “para se olhar”. Levamos o minhocário para lá, as crianças alimentam as minhocas com as cascas de frutas, legumes, talos de verduras, previamente separados pela equipe de cozinheiras, observam o trabalho desses seres que transformam tudo isso em húmus e biofertilizante que voltam à terra para deixá-la mais produtiva, percebem o ciclo da vida, fazem questionamentos: “Cadê a cabeça da minhoca?” “Qual é o minhoco?” E assim constroem saberes sobre as minhocas, sobre a terra, sobre os homens e suas diversas relações. Perdem o medo, aprendem a respeitar as diversas formas de vida, responsabilizam-se por essas criaturas.

Na busca da concretização desse conceito, de viver as relações, outro espaço educador criado foi a Horta. Para Fritjof Capra (2008) “a horta é uma sala de aula”, pois nesse ambiente as crianças são religadas aos fundamentos básicos da comida, com a essência da vida. A horta, quando faz parte do Currículo, proporciona à criança interagir com o ciclo da alimentação e com os outros ciclos: plantio, colheita, compostagem, reciclagem; dessa forma, descobre-se que estes ciclos fazem parte de ciclos maiores, que descobrirão mais tarde.

Educadores, pais, crianças, voluntários revezam-se no cuidado com a horta, na escolha do que plantar, de qual seria a melhor lua, do tempo da colheita, no tipo de receita culinária a fazer com os alimentos colhidos, visando à alimentação saudável e orgânica. Ao mesmo tempo em que conversam, abaixados na terra sobre as coisas observadas, o vínculo entre crianças e adultos se fortalece. Uma das características da horta, seguindo os princípios da permacultura, é a sua diversidade: estudamos as plantas companheiras, que auxiliam umas às outras alcançando o equilíbrio ecológico, legumes, verduras, flores comestíveis, ervas medicinais. Os insetos e outras criaturas também fazem parte da biodiversidade que povoam esse espaço, assim como os pássaros que as comem e reduzem pragas. Aranhas, borboletas, joaninhas, besouros, lagartixas, lesmas são habitantes que contracenam com as crianças e estas os observam, investigam, conhecendo-os e aprendendo a respeitá-los, entendendo sua função no ecossistema. Crianças e adultos auxiliam no manuseio da composteira gigante, onde são depositados as cascas e talos de verduras, legumes e frutas que seriam descartados, nosso resíduo orgânico é zero. Muitas perguntas durante o

processo, inúmeras comparações com o resíduo dos vizinhos e das próprias casas. Tudo observado, construído com muito cuidado e vivido por todos, sujeitos protagonistas na busca de uma educação cidadã, que problematiza a realidade, participa ativa e democraticamente de todo processo, buscando soluções para as transformações possíveis. Crianças e adultos levando para casa o que aprenderam na escola e trazendo a cultura de casa para a escola.

Todos possuem conhecimentos e competências para compartilhar: uma criança ensina como retirar o húmus sem machucar a minhoca, diz para a mãe que não precisa ter medo, a “minhoca é boazinha, ela não morde”, um adulto ensina como colher a abóbora, que é preciso ter carinho na hora de tirar da terra e ambos aprendem a amar e respeitar o outro e o ambiente em que vivem. “Educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas, pessoas mudam o mundo...” (Paulo Freire, 1996). Essa é uma das intenções desse Projeto, mudar o pedaço do mundo que nos cabe. Todas as pessoas que entram na escola percebem, em cada canto, um olhar diferenciado, mas que é construído não somente com práticas, mas com muito estudo, reflexões e olhar cuidadoso para os que lá habitam.

O Projeto de Escola que perseguimos na EMEI Dona Leopoldina procura manter vivas essas diretrizes no seu cotidiano, através do trabalho cooperativo e do encantamento dos lugares da escola. Fazemos vários mutirões durante o ano envolvendo toda a comunidade extra e intraescolar, além de atividades práticas de sustentabilidade, palestras, oficinas, festas culturais e discussões promovendo o envolvimento com todos do entorno, construindo a noção de pertencimento e cuidado, transformando espaços e pessoas. Sabemos que um projeto para crianças pequenas hoje, exige um pensar diferenciado do modelo proposto nas décadas anteriores, pressupõe um olhar para o papel da infância contemporânea, um olhar de pesquisador que quer explicitar o fundamental para a criação de práticas para e com a infância, para que esta possa ser vivida, enriquecida, compartilhada e que seja transformadora.

Em 2014 e 2015 os educadores foram convidados a pensar e planejar para que nossas crianças possam de fato viver a infância, viver valores e construir conhecimentos sobre a vida. Cada segmento elaborou o seu projeto utilizando como princípio os eixos do trabalho com a Ecopedagogia. Os professores, além dos projetos das turmas, elaboraram oficinas diversificadas com as várias linguagens utilizando os conceitos aprendidos na formação e reutilização dos recursos materiais. Para o planejamento propusemos que o professor procurasse o que faz sentido para as crianças a partir do que lhe faz sentido,

educando-se em parceria, garantindo e valorizando o protagonismo de cada um. Paulo Freire e Loris Malaguzzi ofereceram grandes contribuições teóricas como os temas geradores e o conceito de linguagem para o desenvolvimento com as linguagens verbais e não verbais usadas pelos pequenos. Todos tiveram oportunidade de manifestação, do modo como cada um é capaz de fazê-lo. A equipe gestora coordenou o trabalho com o Conselho de Crianças, ouvindo-as, empoderando-as, fazendo valer seus direitos e ideias para a transformação do espaço da escola. Discutiram e decidiram o uso de uma parte da verba para projetos da cultura infantil, a cada montante recebido trimestralmente, uma porcentagem é destinada às crianças e seus projetos.

O foco é a construção de cidadania, exercer o protagonismo, planejar, executar, dar ação às vozes. Os pais contribuíram muito na concretização do esboço das crianças. Crianças e adultos projetam espaços, discutem as necessidades, concretizam o sonho. Como falado anteriormente, todos os segmentos foram envolvidos no Projeto, até mesmo os mais burocráticos, como a equipe da Secretaria e agentes escolares, aceitaram novos desafios e trabalharam com a autoria, de si próprios e das crianças, coordenando o grupo de Teatro, fazendo a releitura de textos literários de diversas culturas, de forma que as crianças sejam protagonistas: criam personagens, desenham os figurinos, montam a história e presenteiam os aniversariantes do mês com uma peça. Trabalham a conexão entre o saber popular e outras linguagens. Vivenciam o valor de um presente afetivo que não se compra em nenhum comércio. Linguagem teatral e negativa ao consumismo de mãos dadas com os pequenos, parceria de muitos aplausos.

Outra equipe, formada por vários segmentos (professor, gestor, auxiliar técnico, merendeira) reúne-se semanalmente para o trabalho com alimentação saudável: foca o não desperdício, a aceitação de novos alimentos, a elaboração de receitas, utilizando talos, folhas e alimentos da horta, do pomar, comprados na feira livre pelas turmas semanalmente em complementação aos alimentos que recebemos da PMS. Trabalhamos com o autosserviço: possibilidade de escolhas conscientes com autonomia. Oficinas de culinária saudável são realizadas por educadores e pais. Obtivemos uma mudança consistente na alimentação das crianças percebida nos pratos balanceados com verduras, legumes e peixe que antes recusavam. Os pais relataram que através das crianças mudaram o cardápio da família, algumas inseriram alimentos de pequenas hortas que plantaram em casa, aprendidas nas oficinas realizadas na escola. O Parque Sonoro, outro dos nossos espaços educadores, foi construído com assessoria da Maria Cristina Pires que conseguiu dar concretude às nossas garatujas de brinquedos sonoros, elaborados com sucatas por crianças e adultos. Autoria na confecção de brinquedos reutilizando com ou-

tras possibilidades, materiais que iriam para o lixo. Estudamos possibilidades de musicalização com as crianças e o parque sonoro é mais uma forma de brincar e ressignificar saberes, além de trabalhar o reaproveitamento de materiais.

Na busca de novos lugares e formas de interação, em 2015, o ateliê foi mais um espaço educador criado para proporcionar à criança a possibilidade de expressar o que sente através da arte e para conectar-se a si mesma. A sala foi projetada com e para as crianças: os móveis são da altura delas, assim como as prateleiras, todas abertas e acessíveis para que escolham os materiais, as mesas são coletivas, as janelas grandes para o trabalho com a luz natural e transparência. De dentro do ateliê se vê o parque sonoro, a horta, os brinquedos, as árvores, as flores. Buscamos inspiração nas escolas de Reggio Emília, “o ateliê é uma oficina para as idéias das crianças, que se manifestam pelo uso de muitos materiais usados como linguagem (...) quando as crianças vivem em um espaço, elas se apropriam dele, o vivenciam e encontram seu lugar dentro dele” (Lella Gandini, 2012). Espaço para a autoria, para exercer o poder criativo e a relação com as diversas linguagens e uso de materiais que seriam descartados, mas que se transformam em lindas obras apreciadas por todos e são expostas ao seu redor, em um corredor, ao qual chamamos de corredor cultural. Queremos que nossas paredes e espaços reflitam o projeto escrito nos documentos.

Em 2016, diversos cantos educadores se espalham pela escola com a intenção da interlocução entre a natureza e o conhecimento socialmente construído. Propomos muito mais do que os cantinhos nas salas, também os temos, mas nossas salas vão muito além das quatro paredes, são salas verdes: com rodas de pneus embaixo de uma grande árvore, toquinhos em formato de círculo ao lado da horta, redário entre plantas para vivenciar o ócio criativo, observatório para olhar os pássaros mais de perto sem assustá-los, ateliê ao ar livre, horta, pomar, lugares para olhar e sentir a vida acontecer. Muitos conceitos sociais e científicos são construídos nesse contexto de ambiente educador, os pequenos são verdadeiros cientistas que partem da observação cotidiana, dos questionamentos para a elaboração de hipóteses e ideias. Em qual livro ou canto entre quatro paredes encontrariam tanta riqueza de aprendizados? Tantos espaços que educam por si só? A proposta de projetos de trabalho, organização do espaço a partir das indicações das crianças e não das necessidades e ótica dos adultos, o investimento na formação permanente contribuíram para o desenvolvimento das relações: criança-criança, criança-adulto, criança-espaço, e nos registros que partem da escuta da criança e projetam o currículo na direção da Teia da Vida: tecendo valores, autoria e protagonismo por todos que fazem parte do processo. A Pedagogia da Infância necessita de educadores que realmen-

te se importem com as crianças e sua visão de mundo, que reflitam e refaçam sua prática à luz das teorias e observação das singularidades dos pequenos.

Só assim construiremos uma Escola verdadeiramente com e para as crianças, agentes de transformação para um mundo mais bonito e sustentável. A educação popular e a pedagogia da práxis defendida por Paulo Freire, adquirem amplitude e se fortalecem no projeto da Ecopedagogia, pois visa o trabalho com a realidade local, evidenciando a necessidade de esforços na esfera global. É nítida a preocupação de nossas crianças com a escola, com o entorno, não há sujeira dentro da unidade e nas calçadas, as frutas amadurecem no pé sem que sejam arrancadas. A Ecopedagogia exige a conscientização do ato educativo, pois este é o pressuposto fundamental para trabalhar a educação ambiental. As ações que permeiam as redes da teia da vida começam nos nossos quintais da EMEI e terminam nos quintais do planeta. É visível a transformação da escola, tanto nos aspectos físicos com a construção de espaços educadores, quanto na construção do Currículo ao qual não cabe mais a repetição, a cópia e sim a ressignificação dos saberes da cultura de mundo aliadas à cultura infantil.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Fazemos avaliações processuais através de portfólios reflexivos dos educadores das salas e do coletivo da Unidade Escolar, é um documento que permite o registro e demonstra o processo vivenciado, dando visibilidade ao trabalho realizado, e também para a auto-avaliação. Escolhemos esse instrumento, pois torna visível o processo através de fotos, registro de falas de crianças, reflexão dos adultos como um caderno de memórias. Desde 2012 até 2016, percorremos um longo caminho, com vários conflitos, estudamos teorias que transformaram nossas concepções, nossos registros e espaços. Todos que nos visitam dizem que nossos espaços refletem nosso Projeto, e os que conheciam a escola anteriormente, apontam o quanto se transformou, o quanto está mais alegre, colorida e brincante. Outro fato importante, e para nós fundamental, é a participação das crianças, o modo como se apropriaram da escola e o envolvimento dos pais e comunidade nos projetos desenvolvidos. Acreditamos que nossos objetivos foram alcançados pela maioria dos educadores: todos os segmentos coordenam projetos, desenvolveram sua autoria e o protagonismo dos pequenos, vários espaços educadores foram construídos e ressignificados. Nossa escola é auto-sustentável: nosso resíduo orgânico é zero: tudo vai para a composteira ou para o minhocário que devolvem para a terra em forma de adubo e bio-fertilizante, reciclamos através do trabalho com arte ou destinamos para lugares certos nossos resíduos reaprovei-

táveis, todos os funcionários colaboram com essas ações, compramos pouquíssimos materiais. Todos os professores fazem portfólio para suas turmas apontando o desenvolvimento da sala e de cada criança individualmente, mostrando o processo. O período da tarde promove uma rotina diferenciada para o turno integral, com atividades envolvendo as várias linguagens nos diversos espaços educadores. O Conselho de Crianças e de Educadores e Pais funciona muito bem, com grande participação e em igualdade de condições. Nesse último ano, estamos colhendo os resultados, principalmente com o amadurecimento do projeto que ganha corpo com a prática dos educadores que está cada vez mais coletiva e parcerias que se agregaram: além da ONG 5 Elementos, que nos acompanha desde o início, agora temos a ONG Organicidade, o Instituto Reinventar, o Museu da Casa Brasileira, o grupo étnico-racial de SME com oficinairos, além das voluntárias do entorno: professora de Yoga, costureiras, pessoas que nos ajudam com a biblioteca, feirantes, Clube Escola Pelé. Nossa Escola já foi matéria de jornais, revistas, portal de SME, frequentemente somos chamados para falar em congressos, seminários e recebemos muitas visitas de escolas e educadores estrangeiros e brasileiros que reconhecem nosso trabalho. Quando colocamos o nome da EMEI Dona Leopoldina no Google vemos o quanto nosso Projeto de Escola foi reverenciado, essa é nossa melhor avaliação externa. A interna é vista diariamente na alegria das crianças e participação das famílias.

DEPOIMENTOS

“Ao conhecer o projeto da EMEI Dona Leopoldina, tive o desejo de fazer parte desse projeto. Hoje sou parte da equipe e me sinto realizada em trabalhar em uma escola onde a criança é o foco do trabalho, com direito a participar das decisões, compondo uma escola cada dia melhor. É fascinante ver o encantamento e o brilho nos olhos de crianças, professores, funcionários, pais, parceiros e comunidade que fazem o projeto acontecer, construindo, a cada dia, mais viveiros de infâncias.”

Beatriz Garcia Costa – Coordenadora Pedagógica

“Diante do acompanhamento que temos feito à EMEI Dona Leopoldina, enquanto Supervisora Escolar, temos a destacar que seu Projeto Político Pedagógico ‘Construindo Viveiros de Infância’ reafirma diariamente as concepções da Pedagogia da Infância, onde as crianças, a partir das possibilidades que lhes são oferecidas, diante das diversas propostas presentes, tais como Espaços Educadores, Conselho Mirim, Educação Ambiental, Brincadeiras e Arte, passam a ter uma relação de pertencimento com o espaço-escola, sendo autoras de seus fazeres, manifestando-se de forma criativa e crítica. Assim, fica visível o respeito

às crianças, pois estas desenvolvem seus potenciais, fazendo escolhas de forma cada vez mais autônoma.

Também destacamos a importância da autoria dos diversos segmentos que compõem a Comunidade Educativa, funcionários, professores, gestores, pais e parceiros, cada vez mais atuantes e presentes na Unidade Educacional.

Neste movimento de participação ativa, cada um vai se comprometendo de acordo com o que lhe é mais significativo, conforme suas vivências, ampliando suas experiências, nas diversas interações possíveis: adultos-crianças, crianças-crianças, adultos-adultos e todos estes com os espaços/ambientes educativos.”

Noeli Aparecida Fernandes – Supervisor Escolar

“O projeto ‘Construindo Viveiros de Infância’ da EMEI Dona Leopoldina tem um olhar carinhoso voltado para a infância que teve o espaço do brincar na sua forma natural subtraído pelo cinza do concreto das grandes cidades.

Todos os nossos espaços são pensados e preparados para que as crianças possam explorar a Natureza incentivando a curiosidade formadora e informadora através das diferentes linguagens artísticas: música, pintura, teatro, dança...

Se me pedissem para resumir numa só frase como eu vejo a nossa escola, eu diria: Um lugar de criança feliz.”

Ana Sílvia Caramigo Umbelino – Professora

“Caminhar pelos espaços da EMEI Dona Leopoldina desperta um encantamento, a sensação de querer ser criança e poder usufruir de tudo que ali foi materializado. Nós, professoras desta escola, observamos e escutamos em nosso cotidiano com as crianças o desejo de ‘curiosar’, investigar, tocar, sentir, ver, cheirar, construir, criar, degustar saberes que serão guardados, revisitados e levados em suas memórias.”

Renata Honora e Mônica Oliveira Souza – professoras

“Criança tem que expressar alegria. A vivência deste projeto ao longo de quatro anos tem provocado esta felicidade em crianças e adultos nos ambientes da escola. Felicidade demonstrada através de opiniões, sorrisos, pedidos e abraços.”

Maria Luiza e Fátima – ATEs

“A palavra para descrever a escola é ‘impressionante’. Impressionante o que a gestão engajada e aberta, as famílias presentes e atuantes e os funcionários solícitos e sorridentes podem realizar com os recursos que a esfera pública proporciona, valorizando a infância, o aprendizado sem pressa e as experiências que as crianças de cidade grande não têm mais.”

Mariana Nakata, mãe do Luis, 5 anos

“Um dos primeiros motivos que nos encorajaram a matricular a Carolina na EMEI Dona Leopoldina foi o amplo espaço que a escola oferece. Rapidamente, notamos que ela é toda preenchida com núcleos educativos como a Sala Verde, a horta, o Parque Sonoro, parques, ateliês, etc. e lá nossa filha tem acesso a um mundo de vivências incríveis que não seriam possíveis em uma escola toda cimentada, sem verde e sem terra. A Carolina sempre traz para casa um relatório de danças, músicas, histórias, personagens e artistas brasileiros que, apesar de terem uma grande importância na nossa cultura, não estão presentes na grande mídia.”

Beatriz K. Higuchi e Gustavo S. Ferroni, pais da Carolina

“O encantamento pelo espaço, pela área verde e principalmente pelo discurso dos profissionais ali envolvidos foi imediato. Eu, como educadora, logo quis me envolver: ‘Preciso viver junto com meu pequeno esse lindo projeto’. Me ofereci a dar aulas de Yoga para criança. E nas reuniões percebi que mais pais se envolvem, de corpo e alma, para colaborar com o desenvolvimento desse espaço.”

Cris Vieira, mãe do Benjamim

“O Kenzo foi diagnosticado pela escola que ele frequentava na época com atraso de fala e me indicaram um tratamento com fonoaudióloga. Após 8 meses de terapia sem muito progresso, ele foi para a EMEI Dona Leopoldina. Em duas semanas a fala dele deslanchou. Ficou claro que o contato diário com a natureza, o espaço e a brincadeira sem restrições foram a melhor terapia para ele.”

Flavia Imamura, mãe do Kenzo

“O Projeto na EMEI Dona Leopoldina traz a possibilidade de transformação tanto para bons adultos observadores quanto para crianças em desenvolvimento. Quando pensamos no que uma criança de 4 a 6 anos precisa para se desenvolver pensamos em possibilidades que a façam desenvolver suas habilidades de coordenação motora, atividades de incentivo a leitura com rodas de história, atividades para desenvolver o seu lado cidadão pensando em necessidades como trazer o senso crítico, observação, criatividade, habilidades artísticas para desenvolvimento dessa criatividade, dando repertório para que a criança quando mais velha possa utilizar dessas ferramentas e interação com a terra pois é através dela que entendemos as belezas do mundo e conseguimos nos apaixonar por ele, querendo sempre o melhor. Por isso um projeto político pedagógico bem sucedido tem que pensar em todos esses aspectos e colocá-los na realidade, fazendo a escola funcionar de um modo bem orgânico.”

Estela Cunha Criscuolo – Educadora Ambiental

“Me envolvi com a EMEI Dona Leopoldina quando coordenei o desenvolvimento do projeto “Dedo Verde na Escola” realizado pelo Instituto 5 Elementos – Educação para a Sustentabilidade nos anos de 2012 e 2013, com o objetivo de promover a alfabeti-

zação ecológica dos professores, alunos, pais e demais funcionários da escola, sendo este financiado pelo FEMA – Fundo Especial de Meio Ambiente da SVMA – Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo.

Os resultados obtidos neste projeto 'Dedo Verde na Escola' potencializou a transformação do currículo com foco na 'vida', criando os espaços educadores por meio das salas verdes nas áreas externas, que valorizou o uso destes ambientes externos influenciando o atual projeto político-pedagógico 'Viveiros de Infância'."

Mônica Pilz Borba – Gestora do Instituto 5 Elementos

"O Projeto Político Pedagógico 'Construindo Viveiros de Infância', desenvolvido pela EMEI Dona Leopoldina, impressiona pelas intenções pedagógicas e coerência nas concepções relativas à Pedagogia da Infância.

Nos quatro anos que a Direção e a Equipe Escolar estão juntas, houve uma reviravolta na Unidade Educacional.

O Projeto foi pouco a pouco se consolidando, a partir, principalmente, da ênfase dada à formação de toda a Equipe Escolar, que se efetiva em ações desenvolvidas a partir de projetos organizados por cada segmento da escola, tendo todos eles como foco principal a criança, seus interesses e necessidades.

A Educação Ambiental, a Brincadeira e a Arte, principais eixos do Projeto se configuram nas ações do cotidiano escolar, com diversos desdobramentos e articulações, imbricando-se uns nos outros, um exemplo disso é a forma como o espaço tem sido organizado de forma sustentável, harmoniosa e com preocupação estética, principalmente a partir do olhar sensível da criança, afetando a todos que lá convivem.

Observamos em diversas visitas e participações em momentos festivos, como a Festa da Cultura Popular, a preocupação presente no Projeto com a ampliação e valorização do repertório cultural de toda a Comunidade Educativa."

Vera Tomasulo Bruno – Assistente Técnico Educacional – Coordenadora dos Grupos de Formação DRE Pirituba/Jaraguá

MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**Projeto Mediação e Resolução de Conflitos –
Um Novo Olhar**

Unidade Educacional:

EMEF Professor Renato Antonio Checchia

Responsável:

Rosana Silva Voigt Sampaio

RESUMO DO PROJETO

O presente projeto propõe uma reflexão e o desenvolvimento de ações preventivas e curativas que contribuam para diminuir o crescimento das diferenças sociais manifestadas em nossa sociedade através das violências físicas, verbais e psicológicas no contexto familiar e escolar, nos conflitos das relações pessoais e interpessoais, nas drogas, na intolerância, no desrespeito e exclusão de nossas crianças e jovens que invade dia a dia a nossa sociedade como um todo.

JUSTIFICATIVA

A EMEF Renato Antonio Checchia está localizada no Jardim Sydnei, na periferia da zona norte de São Paulo, está situada em um contexto social com significativo índice de violência física, verbal e psicológica, de drogas e conflitos provenientes na grande maioria por famílias desestruturadas. Diante desse quadro, se fez necessário à implantação de um projeto que desenvolvesse ações preventivas e curativas no intuito de tornar as relações e o ambiente escolar, familiar e social harmonioso, por meio da prática do diá-

logo, da Mediação e Resolução de Conflitos e que promovesse a parceria de escolas de outras Diretorias Regionais e comunidades do entorno.

Considerando esse cenário, o projeto, em sua metodologia busca instrumentos para trabalhar os conflitos em sua integralidade quer no contexto relacional, na de educação em direitos humanos, saúde, nos esportes, trabalho etc.

OBJETIVOS

Aprender a exercitar a Mediação e Resolução de conflitos através do diálogo, exercitar o respeito mútuo nas mais diferentes situações na escola, esporte, no trabalho nas relações, deve ser o primeiro compromisso a ser assumido por todos os envolvidos no processo e que acreditam no desenvolvimento pessoal e social de nossos jovens promovendo o protagonismo infanto-juvenil e de adultos.

Administrar conflitos prevenir a violência física, psicológica, verbal exigem aprender a ouvir, a dialogar construindo vínculos dentro da escola e entre a escola e o mundo.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Todos os educadores que contribuíram e acreditaram no projeto selecionando os alunos para participarem. Contribuição POIE da Unidade Prof. Paulo Sampaio.

METODOLOGIA

Metodologia: Este projeto foi realizado em ambiente escolar, respectivamente na EMEF Renato Antonio Checchia, com início em fevereiro de 2014 em continuidade. Participam deste projeto 35 alunos do Ensino Fundamental I, Fundamental II, EJA, Comunidade do entorno e alunos da EMEF Mário Lago com idades entre 07 e 55 anos. Os alunos e comunidade são divididos em grupos de 08 a 10 alunos três dias na semana, durante duas a três horas por dia.

As crianças foram inicialmente selecionadas pelos professores e deveriam ao menos apresentar ao menos uma das seguintes condições para participar do projeto:

- Dificuldades em estabelecer relações pessoais e interpessoais;
- Conflitos de qualquer natureza;

- Alto índice de violência escolar, familiar e social;
- Envolvimento com drogas;
- Baixo desempenho em sala de aula;
- Distanciamento do contexto da sala de aula;
- Alunos que não foram selecionados pelos professores, mas que após contato com alunos participantes procuraram a Profa. Para fazer parte do projeto.
- Convite a comunidade e escola do entorno.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

1. Seleção dos alunos e convite para comunidade e alunos do entorno;
2. Entrevista (anamnese) com os pais ou responsáveis pelas crianças;
3. Entrevista (anamnese) com o aluno participante;
4. Teste da família;
5. O Aprendiz;

Atividades: Dinâmicas aplicadas

- Autorretrato desenhado;
- Nome desenhado;
- Eu sou alguém;
- Imagens familiares;
- Escolha cuidadosamente suas palavras;

A dinâmica "Autorretrato desenhado" serviu de referência para que os alunos elaborassem seus projetos de vida e que me permitisse desenvolver ações como busca de parceiros que pudessem contribuir e contemplar os objetivos de vida por eles delineados.

As ações que foram realizadas durante o percurso do projeto em parceria com os pais professores, coordenação pedagógica, gestão escolar e todos os parceiros, teve um impacto que ultrapassou o muro da escola, e sintetizaram sua identidade e função social permitindo que não houvesse prazo para finalização e sim busca de novas ações para continuidade e compartilhamento do projeto em novas escolas e comunidades.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

1. A avaliação ocorre durante todo o processo do projeto através de observações e resultados alcançados em cada proposta de trabalho e nas ações desenvolvidas pelos alunos.
2. Relato dos professores das mudanças acontecidas no contexto da sala de aula bem como dos aspectos que precisam ser retomados. Em conjunto com alguns professores, buscamos outros caminhos que possam contribuir no processo de crescimento do educando.
3. É realizada uma reunião com os pais dos alunos envolvidos ou mesmo uma conversa por telefone onde eles relatam as mudanças de seus filhos no contexto familiar e social conforme mencionados através de alguns depoimentos. Esse momento é de suma importância para juntos elaborarmos estratégias e buscarmos novas ações e redes de apoio que auxiliem os alunos e suas famílias.

O projeto desenvolvido viabilizou:

- A inserção das crianças, jovens e adultos no contexto familiar, escolar e social;
- A reflexão do pape da escola;
- A educação em direitos humanos;
- A parceria dos pais contribuindo para a diminuição do índice de indisciplina e de violências no ambiente escolar e familiar;
- O diálogo frente aos conflitos utilizando a mediação;
- A abertura de canais de comunicação, e eventos para a comunidade e público em geral;
- O diálogo e respeito entre alunos, professores, e funcionários da escola;
- O resgate e apropriação de princípios fundamentais como ética, respeito, solidariedade, tolerância, não violência;
- Aumento progressivo do rendimento escolar dos alunos conforme relato dos professores;
- Parcerias como agentes transformadores da exclusão social;
- O protagonismo juvenil, jovem empreendedor – aluno construindo o seu Projeto de Vida.

DEPOIMENTOS

“Nossos netos participam do Projeto desde o início com a Rosana e até hoje frequentam todos os dias. Com o Projeto eles puderam jogar tênis, a gente nunca imaginou ver eles nesse esporte de rico, eles fazem sabonetes e vendem nas festas da escola e agora recebem encomendas até de casamentos. O dinheiro é dividido com todos que participam e também eles dão para APM da escola para ajudar. O meu neto mais velho fez o ano passado o curso de cabeleireiro recebeu certificado e tudo, e agora continua fazendo o outro. A Rosana foi até no enterro da minha filha, nem sei o que seria sem ela. Eles melhoraram muito na escola, fazem a lição, respeitam mais os professores e as pessoas estão mais calmos.”

Sra. Maria Inês e Sr Marco. Avós dos alunos Paulo, Vitor e Isabella

“Meu filho Arthur participou do projeto desde o início e saiu esse ano no primeiro semestre pois foi morar com o pai em Itaquera, mas pensa em voltar para morar comigo e para o projeto. Quando vi meu filho participando das aulas de tênis fiquei muito orgulhosa. Nunca imaginei ver ele em um lugar como aquele, saindo desse lugar onde moramos. Ter essa oportunidade para a gente que é pobre é muito importante. A Rosana sempre fala para eles a importância do esporte, do trabalho para que eles nunca deixem de acreditar que eles podem. Na escola ele melhorou um pouco também, ele é muito rebelde mas aos poucos foi respeitando mais os professores aqui em casa, foi fazendo a lição. A Rosana é brava com eles também quando precisa. Ele participa de tudo que tem no projeto. Fez o curso de cabeleireiro e recebeu o certificado que vai ajudar ele a começar a procurar um trabalho. As vezes fico tão nervosa que ligo para a Rosana ou vou na escola, falo para ela que vou desistir dele. Ela sempre calma fala não desista jamais. Falo para ela que nem sei como ela não desiste. Mas cada ano ela luta mais para ter mais parceiros. Ela não é professora dessa escola ela tem só o projeto. Já fizemos até abaixo assinado pois todo início de ano não sabemos se ela vai continuar ou não. Só temos a agradecer tudo que ela tem feito para nossos filhos.”

Sra Kelly: Mãe do Aluno Arthur

“A todos nós que compomos dia a dia o cotidiano escolar, foi perceptível às variadas significações, sentimentos e comportamentos mobilizados em nossas crianças e adolescentes através das vivências experienciadas no encontro consigo mesmo em sua singularidade e com o outro por meio das atividades desenvolvidas neste Projeto. Ressalto aqui como um dos principais aspectos positivos a sensibilidade da Psicopedagoga Prof^a Rosana ao se despir de preconceitos e esvaziar-se de si própria para receber e ouvir de coração aberto nossos alunos. A cada sorriso manifestado por ela após o término de suas atividades propostas aos alunos, sabíamos que estava nos

sinalizando uma nova conquista. Demonstra-nos sua aptidão de se colocar no lugar do outro de maneira empática e compreender as queixas que lhe são trazidas com o coração, tem a capacidade de respeitar as lágrimas que vemos e aquelas que não vemos. Com o seu compromisso e dedicação está favorecendo e contribuindo ainda que em pouco tempo, para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social daqueles que foram ao seu encontro, significando seu papel de educadora em um ato de amor, de entrega, de carinho e cuidado com os sentimentos de todos os envolvidos.”

Depoimento Profa. Diana – Coordenadora Pedagógica da Unidade Escolar

MENÇÃO HONROSA

Projeto:
Sou indígena

Unidade Educacional:
**EMEI Professora Laura da Conceição
Pereira Quintaes**

Responsáveis:
**Roseli Santos Mariano de Oliveira
e Solange Oliveira Ferreira**

RESUMO DO PROJETO

“Sou indígena” foi planejado para provocar uma desconstrução dos estereótipos de indígenas exóticos, visão que não traz consigo toda riqueza cultural, herança histórica presente na construção do povo brasileiro. Possibilitamos as crianças e suas famílias construir uma imagem de indígenas como cidadãos participativos, conhecendo a história, dando voz a esse povo e considerando a escuta das crianças enquanto protagonistas desse processo, respeitando suas singularidades e suas infâncias.

JUSTIFICATIVA

Quando pensamos em povos indígenas percebemos que a sociedade atual ainda tem uma visão muito estereotipada. A imagem de um índio ingênuo, que mora na floresta e vive da caça e da pesca é equivocada na contemporaneidade. Essa visão não traz consigo toda riqueza cultural, sabedoria milenar e herança histórica presentes na construção do povo

brasileiro. Configurando assim o desconhecimento da identidade dessas comunidades na atualidade.

O desafio é superar esse olhar generalista e cristalizado propondo uma reflexão mais profunda pautada em questões como: Existem indígenas de verdade? Como se reconhece um indígena? Onde estão os indígenas de nossa sociedade?

As crianças ativas e vivas que são, em suas interações com o mundo logo apropriam-se desse olhar que muitas vezes é reforçado pela mídia, nas relações com os adultos, outras crianças e até algumas práticas escolares cristalizadas e vão construindo sua própria imagem de indígena. E por diversas vezes trazem para a escola esse olhar.

Nesse sentido se faz necessário questionar o papel da escola que vai muito além de comemorar o dia do índio ou vestir as crianças de índio. Mas possibilitar as crianças desconstruir essa imagem universal de indígena com práticas descolonizadoras que visibilizem as especificidades dos povos indígenas, a resistência às discriminações e a manter a sua cultura, os indígenas como cidadãos participativos de uma sociedade capitalista. Assim como, conhecer a história e a cultura contada pelos próprios indígenas.

Em nossa unidade educacional algumas ações questionam esses estereótipos, tais como: repertório de histórias, músicas, livros e brincadeiras que tenham esse foco. Num processo descolonizador das datas comemorativas retiramos a comemoração do dia do índio e instituímos o projeto identidade tem como foco as questões étnico-raciais. Essas inquietações propiciaram aos educadores já acostumados a realizar o projeto identidade focar em questões indígenas, a qual foi reafirmada na discussão da auto avaliação dos Indicadores da Qualidade da Educação Infantil e encaminhada ao plano de ação.

Alguns marcos legais lei nº9394/1996, modificada pela lei nº 10.639/2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira e indígenas”.

Definida a importância de tratar as questões indígenas superando a superficialidade imposta pelas datas comemorativas, tendo como princípio a desconstrução de estereótipos, tivemos que lidar com alguns desafios, tais como: quebrar a concepção cristalizada dos próprios educadores, revelada e discutida em formação; abordar essa questão com crianças pequenas na educação infantil, de forma se aprofundar superando preconceitos e a invisibilidade desse grupo.

Esse desafio foi permeado pela escuta das crianças em seus diversos falares, as

brincadeiras, as vivências de experiências significativas que trouxeram referência a diversidade dos povos indígenas e possibilitou as crianças traçar caminhos para desconstrução de estereótipos, respeitando suas especificidades, infâncias e direitos.

Para o educador acolher as manifestações das crianças e possibilitar um maior protagonismo dos mesmos no projeto houve a necessidade superar as dificuldades em escutar que perpassam pelo numero excessivo de crianças, assim como, rever suas concepções, compreender toda a potencialidade das crianças em seus questionamentos, curiosidades ampliando olhar de meninos e meninas por meio das diversas linguagens.

OBJETIVOS

- Desmistificar mitos construídos socialmente sobre os povos indígenas
- Conhecer e reconhecer suas culturas e as diferentes etnias existentes;
- Reconhecer-se como parte pertencentes a essa cultura e etnia;
- Respeitar as infâncias e acolher as manifestações infantis.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

O PPP da unidade prevê em suas diretrizes a implementação das Questões Étnicas Raciais e de Gênero previstos da Lei 10.639/2003 e 11.649/2008 no Currículo da Educação Infantil portanto os projetos são desenvolvidos coletivamente, todos os educadores da unidade estão envolvidos , incluindo os funcionários das empresas terceirizadas.

METODOLOGIA

- Participação em seminários, congressos e formações na Diretoria Regional Educação;
- Socialização em reunião pedagógica a todos educadores;
- Formação em horários coletivos e no Projeto de Ação;
- Pesquisa sobre a diversidade dos povos indígenas;
- Seleção de bibliografia, materiais e filmes dando ênfase aos documentados pelos indígenas;

- Leitura Simultânea: organização de sessões de leituras com quatro títulos de livros diferentes, onde um abordava a temática indígena. As crianças tinham a oportunidade de escolher o livro do qual queriam ouvir a história.
- Leitura pelo professor de livros, textos, histórias;
- Pesquisa em livros, revistas e internet (site de pesquisadores, assim como, daqueles referentes aos próprios grupos indígenas);
- Pesquisa com familiares sobre o grau de parentesco com alguns povos indígenas: características físicas, culturais, hábitos, costumes, valores e arranjos indígenas enfatizando a existência de várias etnias;
- Apreciação de imagens figurativas que retratavam os povos indígenas no passado e nos dias de hoje com recurso tecnológico (Slides em power point) e fontes impressas;
- Pesquisa de brincadeiras e confecção de brinquedos;
- Plantio com a participação dos funcionários compartilhando saberes;
- Confecção de cocar, colares, releitura de trajes indígenas, instrumentos musicais, mandalas, moradias indígenas;
- Expressão corporal por meio de danças indígenas;
- Construção de tintas, pesquisas, pintura corporal e grafismo realizados pelas crianças;
- Peça teatral;
- Encontro entre as famílias, crianças, comunidade escolar e grupo indígena Wassú Cocal.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

A escola encontra-se na periferia de São Paulo, zona leste mais precisamente no bairro do Itaim Paulista; é uma unidade escolar considerada relativamente nova, pois foi inaugurada em 2003 seu atendimento conta com 16 turmas totalizando 489 crianças. Este cenário de atendimento da demanda caracteriza também um processo colonizador de corpos, de falas, da não escuta, do não pertencimento, da não referencia dos espaços.

Para realizar esse projeto iniciamos com algumas ações coletivas: a leitura simultânea, que dentre quatro histórias trazia uma indígena (Sou criança Sou indígena) e foi realizada com todas as turmas.

Alguns professores participaram de cursos oferecidos pela DRE e compartilharam com o grupo em reunião pedagógica, e o nosso Projeto Especial de ação também focou na cultura e sociedades indígenas e contamos no horário coletivo com a contribuição da professora Erika Brasil, em que há tempo trabalha com as questões indígenas.

Iniciamos o processo em busca de bibliografia que nos dessem subsídios em nosso processo de formação, não foi uma tarefa fácil, pois apenas encontrávamos imagens estereotipadas ou que não contemplassem os aspectos que subsidiaram a formação, os estudos e discussões em momentos de jornada, tais como: conhecer a história dos indígenas na atualidade a partir do olhar dos próprios indígenas superando o pensamento que índio é coisa do passado e enfatizando aspectos atuais como uso de tecnologias e questões de participação política.

Levantamos com as crianças as características físicas, culturais, hábitos, costumes, valores e arranjos familiares dos indígenas enfatizando a existência de várias etnias e que cada uma delas possui suas características próprias que contribuem para o fortalecimento de sua identidade cultural. Pesquisamos em livros, revistas e internet as referências sobre o assunto, pesquisamos com os familiares sobre o grau de parentesco com alguns povos indígenas, apreciação de imagens figurativas que retratavam os povos indígenas no passado e nos dias de hoje.

De fato, isso desencadeou o projeto nas turmas. Considerando a escuta das crianças, as especificidades de cada turma, levando em conta a autoria das crianças e a coautoria de seus educadores tivemos uma diversidade de percursos educativos que ora caminham em paralelo, ora se cruzam propiciando a meninos e meninas conhecer o percurso de outras turmas vislumbrando um trabalho qualificado junto às crianças.

Os percursos educativos de cada turma foram bem diversos e contemplaram: lendas e histórias, vídeos e filmes indígenas, plantação de alguns alimentos, conservação das plantas do parque, confecção de colares e cocares, mandalas, arco-flecha, sorvete com guaraná, desenho com carvão, confecção de roupa com tingimento de tecido.

Os percursos educativos que se cruzam e se traduzem em ações coletivas integrou as culturas indígenas, diversas linguagens onde às crianças tiveram a oportunidade vivenciar junto a outras crianças experiências significativas e o respeito a suas infâncias.

As crianças vivenciaram outros jeitos de serem crianças, o parque tornou-se um grande espaço exploratório de inúmeras possibilidades, perceberam a nossa escassa vegetação, começaram a coletar as diferentes matérias que encontravam como folhas, galhos e sementes além de compor seus desenhos, tentavam plantar com a areia do parque ou barro... Ocorreu a intervenção da professora juntamente com os outros educadores da unidade originando o processo de plantio.

As crianças atentas a todos os processos perceberam a coloração da água, após a rega das plantas... Inicia-se um novo processo de levantamento de hipóteses. As crianças junto à professora efetuaram pesquisas sobre os pigmentos naturais e descobriram que: Beterraba, colorau, açafraão, café, urucum e o jenipapo poderiam ser utilizados na construção de tintas para a pintura corporal.

Foram inúmeras as conversas sobre as pinturas corporais e seus significados, articulando a alguns saberes construído socialmente conhecemos algumas pinturas corporais africanas, os grafismos indígenas, tatuagens e sua história na humanidade, maquiagem entre egípcios, os japoneses e a na atualidade enfatizando em peles negras. De forma, a fazer um contraponto e ampliar o olhar das crianças sobre as diversas formas de pinturas corporais. As crianças como não poderia ser diferente, exploraram em seus corpos a pintura corporal como os indígenas, utilizando os diferentes elementos, incluindo o urucum, a beterraba e inventaram seus grafismos com lápis de olho. Essa foi sem dúvida, uma grande possibilidade de transgressão, onde as crianças puderam reconhecer a si e o outro, transpondo os limites, indo além, explorando seu corpo, o corpo do amigo, criando atitude de respeito para com o outro, observando e reconhecendo a sua expressão em seu próprio corpo através da pintura corporal que vai muito além de desenhos prontos, mas se traduzem em criações infantis. As crianças manifestavam em suas falas todo encanto, espanto deste momento: Nossa!!! Olha tô todo pintado!!! Minha mãe vai me matar!!!! E a sua também!!!

No planejamento dessa ação surgiram algumas inquietações dos educadores, pois para realizar essa pintura as crianças brincaram sem a camiseta. Após discussões no grupo compreendendo meninos e meninas como crianças, independente do gênero as crianças puderam explorar seu corpo por meio da pintura, tendo as mesmas oportunidades. De fato, as crianças se apropriaram desse olhar e brincaram naturalmente, sem pudores. Escolheram brincar livremente, empoderados dos seus corpos, com tops, biquínis, camisetas ou sem justificando suas escolhas relacionando a diversidade dos povos descaracterizando um padrão equivocado de indígena, pois as crianças se viram como indígena já que tinham se apoderado de todo o conhecimento pesquisado de forma simbólica.

Havíamos explorados com as crianças as muitas possibilidades das culturas indígenas, as brincadeiras e os brinquedos, objetos, artesanais, instrumentos musicais, alimentação e culinárias, músicas e danças. Foi então que realizamos a festa indígena, no sistema da brincadeira simultânea onde as crianças escolhem em qual espaço querem estar e vivenciaram um dia diferente na rotina, baseado nos rituais indígenas com degustações de alimentos servidos em cuias e com a ausência de talheres. Essa riqueza cultural presente na brincadeira foi apresentada no decorrer do projeto através de histórias, lendas contadas para as crianças, brincadeiras com petecas e bilboquês confeccionados anteriormente em oficinas, a brincadeira de caça e caçador (pega-pega), dançaram músicas indígenas com marcação do ritmo com chocalhos e brincadeira com crianças de outras turmas, proporcionando uma maior interação das crianças com todos os envolvidos no processo da atividade e pintaram o seu próprio corpo e rosto, além de ajudar os amigos a se pintar. Esse dia foi muito importante e rico culturalmente para as crianças que puderam vivenciar essa experiência proposta na forma de festa, rompendo com diversos paradigmas no processo colonizador de ser criança, possibilitando escolhas, rotinas onde elas puderam experimentar sua autonomia e as experiências enriquecedoras, nas quais as foram protagonistas.

Em nossa mostra cultural tivemos exposição das pesquisas e descobertas das crianças, apresentação de danças e jogos indígenas para a comunidade, oficina de confecção de brinquedos, histórias contadas com a participação das crianças, teatro onde todos foram envolvidos com sua própria pesquisa e culinária (sorvete de guaraná) realizada com as turmas. E o mais marcante foi o encontro entre as famílias, educadores, crianças e um grupo indígena Wassú Cocal que realizou uma conversa com a comunidade, enfatizando a história desse povo e a realidade de viver numa cidade como São Paulo preservando seus hábitos, costumes, partilhando a cultura de diversas populações e contrapondo-se ao olhar cristalizado de indígena exótico. Eles apresentaram danças e cantos, expuseram seu artesanato, realizando a pintura corporal com urucum e jenipapo com o envolvimento das famílias e crianças.

Esse grupo indígena também participou da festa de encerramento das crianças com oficina de brinquedos e brincadeiras (zarabatana, cabo de guerra, arco e flecha), apresentação de cantos e danças. Descaracterizando a expectativa de uma festa ligada a religiosidade (natal) para contemplar o encerramento de um trabalho de pesquisa e a possibilidade de meninos e meninas de terem contato com esse grupo de indígenas apresentando um olhar real de um povo, sua história, seus costumes de forma que as crianças possam

construir imagens positivas incentivando o respeito e a admiração dessa matriz de nossa cultura.

Realizamos a dramatização da história: “a mulher que se casou com o luaretê”, do livro: “As fabulosas fabulas de luaretê” que revelou toda a pesquisa realizada com as crianças a partir dos seus conhecimentos construídos com o projeto, transformados em práticas significativas. As crianças apresentaram a história, construíram o cenário com elementos que representassem a pesquisa de sua turma configurando a participação de todos.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir da realização do projeto ampliamos o olhar dos educadores em relação à pesquisa com vistas à quebra de estereótipos indígena que estão cristalizadas na história do Brasil rompendo com as barreiras colonizadoras. Assim como, a busca de bibliografia e a seleção dos materiais nos permitiu refletir acerca do acervo que já tínhamos de forma a qualificá-lo e adequá-lo a faixa etária de nossas crianças.

Nessa perspectiva, conhecendo as especificidades dos povos indígenas, desconstruindo estereótipos ampliamos o olhar de meninos e meninas oferecendo outras imagens e dando visibilidade a esses povos construindo práticas descolonizadoras.

As crianças atuam como multiplicadores destas ações reflexivas, levam seus conhecimentos e interesses para casa mesmo quando algumas famílias não participam diretamente das experiências oferecidas pela escola.

As famílias também, por sua vez, foram atingidas por essas ações, sendo convidadas a pensar sobre essa temática entre outras questões, assim como, viveram na mostra cultural junto às crianças um encontro com o grupo indígena Wassú Cocal que possibilitou fazer um contraponto ao olhar colonizado também para além dos muros da escola levando a discussão junto com as crianças.

A cultura indígena possibilitou que trouxéssemos para nosso debate as questões de gênero tão presente nas brincadeiras, mas de maneira enfática como lidamos com os corpos infantis dentro dos espaços escolares.

Concluímos que é fundamental e imprescindível tratar dentro do currículo, assim como, em seu projeto político pedagógico as questões indígenas. Reconhecer essa imagem cristalizada e estereotipada na sociedade indígena é

fundamental para propiciar práticas de forma a ampliar o olhar de meninos e meninas, da comunidade com vista a romper com um currículo colonizado reconhecer a identidade cultural desses povos.

Devemos considerar que se queremos estes meninos e meninas tendo uma educação de qualidade, a escola e seus profissionais devem assumir essa responsabilidade. Encarando, reconhecendo, discutindo e refletindo sobre essa problemática realizando intervenções que quebrem paradigmas.

DEPOIMENTOS

“Eu achei bem interessante a gente poder comer com a mão.”

Brenno

“As crianças acham boa nossa escola! Ah, aqui a gente fica assistindo você. Assistindo os amigos, assiste tudo. Agora tenho uma missão pra descobrir.”

Ruth 4 anos

“Que legal eles fazem os próprios brinquedos, eles usam facas e a gente não pode.”

Maria Eduarda

“Por que índio tem carro?”

Geovana

“Vi essas meninas andando pela escola, subindo na árvore, libertando-se do ‘seu lugar’ escolhendo o que queriam fazer, tirando a camiseta e os sapatos, resolvendo conflitos com os meninos e brincando com eles também.”

Professora Margarida

“Em visita de supervisão, constatei que :estava ocorrendo um evento cultural na unidade referente ao Projeto “Sou Indígena”, com a participação do população indígena Wassú Cocal estes realizavam diferentes atividades; observei o interesse das crianças e a participação ativa das mesmas, nas danças, nas conversas e na construção das zarabatanas com bambus trazido pelos indígenas.”

Supervisor Paulo

Comunidade:

“Nossa fiquei impressionado com a evolução dos alunos, nas perguntas com os índios, uma festa linda e criativa, amei obrigada.”

“Ela participou bem desse projeto, ela costuma dizer que é índia de cabelo enrolado.” “Ver o entusiasmo e a alegria dela nos passando suas ‘origens’ e o melhor aprendendo a respeitá-las.”

“Gostei porque aprendi um pouco mais sobre a cultura com meu filho falando.”

“Achei muito interessante é importante as crianças aprenderem sobre outras culturas, outros costumes e aceitar as diferenças. Agradeço á escola os professores, pelos projetos. Parabéns!”

“Foi muito bom as crianças conheceram realmente um pouco sobre a história dos indígenas.”

“Foi muito importante porque os alunos conheceram os índios... porque eu não conhecia!”

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

Confira a lista dos projetos inscritos no Prêmio Paulo Freire 2016

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Releitura de Ivan Cruz: brincadeira de criança	CEI	Bárbara Heliodora	Neusa Calegaretti Barros e Izidio Luiz Correia da Silva
Pequenos agentes, grandes transformadores	CEI	Chácara Bela Vista I	Fernanda e Alessandra Maia Correa
Trânsito não é brincadeira	CEI	Chácara Bela Vista I	Alessandra Maia Correa e Fernanda
Promovendo a cidadania na primeira infância	CEI	Chácara Bela Vista I	Ana Rita da Cunha Melo e Raquel Alves Ferreira
Comemorar e conhecer – Cordel em família com cores e sabores	CEI	Inácio Monteiro	Elaine Coutinho Resende Almeida e Rejane Maria da Silva Santos
Desfralde	CEI	Inácio Monteiro	Ana Rosa de Oliveira Conceição Macedo e Elaine Cristina Sabbatini Zaffarani
O que há em mim? O que há em você? O que há em nós?	CEI	Jardim Campos	Renata Gonçalves Carvalho e Claudia Silva Luzio
Água: brincar, mas com água, não!	CEI	Jardim Silva Telles	Valdelice de Oliveira Moraes e Maria Alice Pinhas Valério
Leitura de contos africanos	CEI	Maria do Carmo Pazos Fernandes	Rosangela Farina e Roseli C. M. Gomes dos Santos
ÁGORA: ocupações infantis dos processos de escolhas e tomadas de decisão acerca da rotina e do currículo	CEI	Mario Pereira Costa	Claudia Pereira de Souza e Elaine Dantas Valerio
As cores da natureza	CEI	Morada do Sol	Wanessa Maria Castro Silva e Maria A. Simidamore Ferreira
Câmera e ação	CEI	Penha	Paula Ferreira Pinto
Metamorfose	CEI	Professor Durval Miola	Eliana Alves Gaspar e Sheila Cristina de Lima
A diferença nos enriquece e o respeito nos une	CEI	Sol Nascente	Mariangela Amaral do Nascimento de Moaes e Nara Honorato
Fazendo arte, contextualizando história e apreciando vidas	CEI	Vereador Homero Domingues da Silva	Maria Cilene Lucas Vieira e Juliana Lourenço
Meninas e mulheres negras morrodocenses: um olhar apreciativo para suas vivências	CEI	Vereador Homero Domingues da Silva	Maria Cilene Lucas Vieira e Juliana Lourenço

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Cantarolando em língua inglesa na Educação Infantil: uma proposta pedagógica inovadora para as rodas de músicas	CEI	Vereador Homero Domingues da Silva	Maria Cilene Lucas Vieira
Todos contra a dengue	CEI	Vila Constança	Tania Mendes Couto e Maria da Penha Guimarães de Oliveira
Semana do bolinho	CEI	Vila Constança	Claudia Anacleto de Lima
Cores e sabores: de olho na influência da cultura afro	CEI	Yolanda de Souza Santalucia	Joana Olher da Silva e Sheyla Rodrigues Cardoso Fonseca
Viver e conviver: a arte de tecer o cotidiano	CEU CEI	Professora Silvana Aparecida Tobias	Thiago Terres e Elisandra Félix Viera
Currículo integrador na educação infantil: valorizando a diversidade com a infância	CEU CEI	Três Pontes	Claudecilia Marques Silverio
Rio Itaquera - Encontro na margem	CEU EMEF	Jambeiro	José Reinaldo de Miranda e Sousa
Você tem fome de quê?	CEU EMEF	Lajeado	Andreia Pereira dos Santos
Das vozes à autoria de meninos e meninas no Jornal Bagunça de Criança	CEU EMEI	Aricanduva	Claudia Fernandes Leite e Lilian David
Uma história verdadeira e com sentimentos em foco	CEU EMEI	Paraisópolis	Rita de Cássia Sodero Salles Turnes
Valorização e interação – vivências culturais: ações voltadas à imigração	CEU EMEI	Professora Edna Alves de Sousa	Érica Kerolin Barbosa da Silva e Maria de Fátima Rocha
Projeto Curricular Integrado Meio Ambiente e Qualidade de Vida	CIEJA	Clovis Caitano Miquelazzo	Ewerton Menezes Fernandes de Souza e Joana D'Arc Pereira de Souza
A África e a população brasileira afrodescendente: conhecendo nossas origens e problematizando as questões raciais	CIEJA	Itaquera	Marcos Vitorino da Silva e Isoldina Maria E.V. Pereti

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Currículo na EJA: reconstruindo relações na sociedade contemporânea	CIEJA	Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu	Meire Kogati Higuchi e Luciene de Paula Godoy
Sustentabilidade	CIEJA	Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu	Priscila Inácio Bueno e Maria Ivanilde Bezerra
A cidade de São Paulo como espaço para a construção da cidadania: diferentes tempos e espaços na perspectiva de seus habitantes	CIEJA	Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu	Ana Paula Rodrigues e Luiz Carlos Borges
Dengue: conhecer para combater	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Elizabeth Nunes Oliveira Di Napoli
Educação de jovens e adultos: solidariedade tá no sangue	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Edson Aparecido Gonçalves e Vildeir Rodrigues Leite
A importância do trabalho na deficiência intelectual para a formação da cidadania	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Elizabeth Nunes Oliveira Di Napoli e Ana Cláudia Rodrigues
Minhas memórias	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Rita Cássia dos Reis e Rosângela Maria Carvalho do Nascimento
Xadrez – Inclusão educacional	CIEJA	Vila Maria/Vila Guilherme	Maria Débora Vcente
Os anos de chumbo no Brasil e o seu legado educacional	DRE	Butantã	Sueli Funari
“Quarto de Despejo” – Desconstruindo narrativas hegemônicas de identidade	EMEBS	Anne Sullivan	Viviane Marques e Climeria Cordeiro
Direitos humanos na luta contra a LGBTFOBIA	EMEF	Alexandre de Gusmão	Lenilson de Souza Thomaz
Ary combate o preconceito – Preconceito não, respeito sim	EMEF	Almirante Ary Parreiras	Débora Denise Dias Garofalo
Mobilizando o Antenor	EMEF	Antenor Nascentes	Adenilza Almeida Lira e Ana Cristina Souza da Silva

Projetos Premiados 2016

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Griots, reconstrução da história	EMEF	Aurea Ribeiro Xavier Lopes	Silvana Maria dos Santos de Oliveira e Liliane Peres de Campos Almeida
Conhecendo o Brasil nas Olimpíadas Rio 2016	EMEF	Badra	Isabel Santos Silva de Oliveira
Alunos mediadores de leitura	EMEF	Bartolomeu Campos de Queirós	Estevão Marcos Armada Firmino
Roda de conversa	EMEF	Caminho do Mar - Professora Dulce Salles Cunha Braga	Luiz Carlos Lombardo Piraino
Quando protagonizo, participo e vivencio	EMEF	Coelho Neto	Jucineide Nunes Leite e Cícera do Nascimento
Canto Coral BB2: Uma experiência de educação transformadora	EMEF	Conjunto Habitacional Barro Branco II C	Vália Ferraz Monteiro de Oliveira e Igor Fernando da Costa Cavalcante
Aprender e ensinar matemática com jogos	EMEF	Doutor Abrão Huck	Hilda Cardoso Sandoval e Ana Paula Correia Neiva
Aula pública, uma forma de ocupação do espaço. Um dos princípios básicos do reconhecimento e ocupação do espaço.	EMEF	Duque de Caxias	Paulo Roberto Magalhães
Consumismo: quem paga a conta? - Brincar é ser feliz com simplicidade	EMEF	Eduardo Prado	Nádia Nunes da Silva e Antonio Andrade de Santana
Se essa praça fosse minha	EMEF	Guilherme de Almeida	Adilson Silvestre Junior e Leilane Geminiano Rodrigues
Boneca da diversidade cultural: brincando e aprendendo a entender e a respeitar a si mesmo e ao outro	EMEF	Jornalista Millôr Fernandes	Mary Aparecida Gonçalves da Silva Souza e Sandra Cordeiro de O. Soares dos Santos
Quanto vale?	EMEF	José Bonifácio	Deysa da Silva Sobrino
Criação de jogos: alunos-autores	EMEF	José Maria Whitaker	Fernanda Depizzol Paes Ferreira

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Educação para as diversidades: desdobramentos e possibilidades (questões sobre gênero e orientação sexual, étnico-racial e migração)	EMEF	Leonardo Villas Boas	Eliseu Marcolino Rosa Müzel
Produção cinematográfica na escola	EMEF	Lorenço Manuel Sparapan	Eduardo Rocha de Souza
Projeto conjunto, TCA e SAAI: Eu na Cidade de São Paulo: convivências e encontros - praças, parques e jardins & Jardinagem com reciclagem na SAAI	EMEF	M'Boi Mirim II	Vilma Aparecida Rodrigues Feliciano e Solange Maria Oliveira Ferreira
Pequenos peixinhos - Natação segura	EMEF	Maria Clara Machado	Fabio Fernando de Araújo
Justiça restaurativa na EMEF Marli Ferraz Torres Bonfim	EMEF	Marli Ferraz Torres Bonfim	Wilson Teixeira e Sonia Miotto Visotto
Despertando a consciência e desenvolvendo os seus talentos	EMEF	Olavo Fontoura	Mariza Satomi Harada Kitamura
Ginástica rítmica - transformação e protagonismo	EMEF	Olegário Mariano	Aline Aparecida da Silva Lemos
Migração: por que e para quê?	EMEF	Paulo Prado	Carolina Lemos Roland e Sarah Cazella
Clareza: canto e obra consciente	EMEF	Pracinhas da FEB	Edson dos Santos Junior
Migracultura: Somos todos migrantes - Direitos Humanos e Cidadania - práticas em sala de aula	EMEF	Presidente Prudente de Moraes	Virginia Bezerra de Souza Barbosa e Wellington dos Santos Farias
Parceiros robóticos	EMEF	Professor André Rodrigues de Alckmin	Alessandra da Silva Panduro
O Jogo Mancala Awelé: em diálogo com saberes matemáticos do 5º ano da EMEF Antônio Duarte de Almeida	EMEF	Professor Antônio Duarte de Almeida	Maria da Conceição dos Santos França

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Círculo Literário de Itaquera: a poesia que fazemos, a poesia que somos	EMEF	Professor Aurélio Arrobas Martins	Daniel Carvalho de Almeida
Capoeira e loga: ensaiando os princípios de justiça e descolonização curricular nas aulas de educação física	EMEF	Professor Carlos Pasquale	Danylo Aurélio Santos
Estudo do meio: Guarani Mbya na cidade de São Paulo	EMEF	Professor Jorge Americano	Patrícia Cerqueira dos Santos e Elaine Silva Lacerda
Praça de alimentação: o prazer para além do alimento	EMEF	Professor Mailson Delane	Silda Isabel S. Romualdo de Lima e Cristiane Aparecida da Silva
Identidade	EMEF	Professor Mailson Delane	Marcio Queiroz de Lima
Mediação e resolução de conflitos – Um novo olhar	EMEF	Professor Renato Antonio Checchia	Rosana Silva Voigt Sampaio
Conscientização sobre o mosquito Aedes Aegypti	EMEF	Professora Cecília Moraes de Vasconcelos	Edna Maria Aparecida de Andrade Cerqueira e Solange Aparecida Ribeiro da Silva
Frida-se	EMEF	Professora Célia Regina Andery Braga	Natália Raphaela dos Santos
TCA: preparação acadêmica e ação social consciente	EMEF	Professora Célia Regina Lekevicius Consolin	Flávio Aneas e Liciane Lopes
Xadrez da comunidade	EMEF	Professora Geny Maria Muniz Almeida Klein Pussinelli	Marcos Evangelista Borghi e Marcia de Oliveira Pasetto Lebkuchen
A construção de identidade do(a) educando(a) no espaço escolar, a partir do lugar	EMEF	Professora Marili Dias	Fábio Augusto Machado e Adriana da Silva Ferreira
E com um “click” começa o olhar fotográfico na escola, na rua, no bairro e na cidade de São Paulo	EMEF	Professora Marisa Moretti Câmara	Adriana Aparecida Borloth
Trilhando na cidadania: buscando caminhos através da educação em Direitos Humanos	EMEF	Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira	Alessandra Messias Cardozo

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
EMEF Dr. Sócrates Brasileiro: Democracia se constrói nas escolas e no território com consciência política e participação	EMEF	Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira	Solange Aparecida Cabrito de Amorim e Eliseu Marcolino Rosa Müzel
Água como fonte de vida	EMEF	Tarsila do Amaral	Neire Cristina de Paula e Cristiane Aparecida Artuso Barbosa
Olhares poéticos	EMEF	Teófilo Benedito Ottoni	Paula Leocádia Pinheiro Custódio
Composteira	EMEF	Teófilo Benedito Ottoni	Luís Alves Miguez
Fontes de energia	EMEF	Teresa Margarida da Silva e Orta	Sílvio Benedito
Preservação do patrimônio	EMEF	Ulysses da Sylveira Guimarães	Shirley de Lima Patriota e Solange da Silva Borba
Consumo consciente	EMEF	Ulysses da Sylveira Guimarães	Shirley de Lima Patriota e Solange da Silva Borba
Mafalda vai à escola	EMEF	Ulysses da Sylveira Guimarães	Shirley de Lima Patriota e Solange da Silva Borba
Chá com poesia	EMEF	Ulysses da Sylveira Guimarães	Nadia Machado Daenekas e Maria Carla dos Santos Pereira
Valorizando nossas raízes	EMEF	Ulysses da Sylveira Guimarães	Shirley de Lima Patriota e Solange da Silva Borba
Black (em)power	EMEF	Victor Civita	Thiago Mena e Amanda Régia da Silva Costenaro
A sustentabilidade ao alcance de todos	EMEF	Visconde de Cairu	Miriam Dias da Silva e Lucineide Bispo dos Santos
Aluno monitor, imprensa jovem e grêmio estudantil – protagonismo, integração e divulgação em busca da construção da nossa identidade	EMEF	Visconde de Cairu	Fernando Cavalli
Água, consumir com consciência	EMEFM	Guiomar Cabral	Isaura Aparecida Torse de Almeida

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
As pessoas que deixaremos para o mundo, o mundo que deixaremos para as pessoas	EMEI	Almirante Sylvio de Magalhães Figueiredo	Ana Paula de Lima
Os animais da Mata Atlântica e nós: juntos por um mundo melhor!	EMEI	Almirante Sylvio de Magalhães Figueiredo	Ellen Joyce O. S. Vieira
Música: a porta para o mundo	EMEI	Angelo Martino	Marcia Aparecida Domingues
Voz e Vez	EMEI	Campo Limpo	Alessandra Messias Cardozo
(Re) Descobrimos infâncias e transformando práticas: a educação étnico-racial, o respeito à diversidade e a promoção da igualdade na educação infantil	EMEI	Carolina Maria de Jesus	Fernanda Silva Noronha e Clélia Regina Fortini
Rex	EMEI	Cidade do Sol	Branca Sumara Marchese Rodrigues
Construindo viveiros de infância	EMEI	Dona Leopoldina	Marcia Covelo Harmbach e Beatriz Garcia Costa
“Boi de Mamão” do encantamento ao resgate da cultura popular	EMEI	Dona Maria de Lourdes Coutinho Torres	Lindalva Isabel da Silva Borges e Sirlene Socorro da Dalto de Souza
Crescendo saudável - Eu sei como!	EMEI	Fernando de Azevedo	Karen Fernandes Orefice Herrera
Minha História – Eu sou assim	EMEI	Francisco Aduino Rodrigues	Sidneia Aparecida Crepaldi Aires
São Paulo de Piratininga: nossa ancestralidade indígena	EMEI	Gabriel Prestes	Vanessa de Oliveira Santos
Exploradores da cidade	EMEI	Gabriel Prestes	Edna Conceição Monteiro
Brincando juntos e misturados	EMEI	General Miguel Costa	Rosa Maria Costa Bernardo e Elizabete Stangari Sá Borodai
Alegrias de quintal – autonomia, alegria e conhecimento	EMEI	Jardim Monte Belo	Karina dos Santos Cabral e Sandra Francisca de Oliveira
Brincadeira de capoeira	EMEI	Maria José Dupré	Silvia Regina Cruz Kudrjawzew
Cantarolando e Brincando	EMEI	Monsenhor Luis Biraghi	Claudia Aparecida Damaceno da Motta Souza

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Sou indígena	EMEI	Professora Laura da Conceição Pereira Quintaes	Roseli Santos Mariano de Oliveira e Solange Oliveira Ferreira
Literatura infantil e as relações étnico-raciais	EMEI	Professora Norimar Teixeira	Maria Estela de Almeida e Rosa Maria de Miranda Duarte
Ensina-me a captivar	EMEI	Professora Theresinha Squinca da Silva	Fernanda de Sousa e Flavia Cristina Pereira Colar



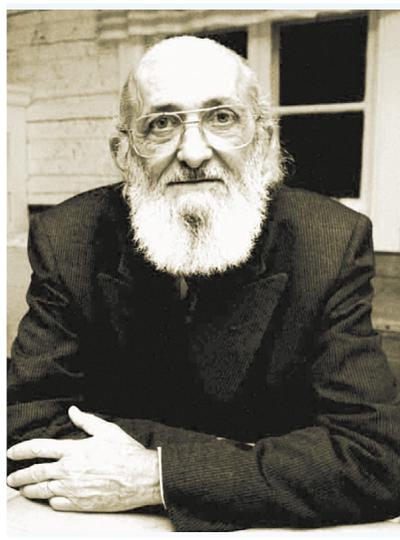
CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

Viaduto Jacareí, 100 - Bela Vista - São Paulo - SP
www.camara.sp.gov.br

Organização: Equipe de Eventos - CCI.1

Editoração: Equipe de Comunicação - CCI.3

Impressão: Equipe de Gráfica da CMSP - SGA.32



“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire, do livro: Pedagogia da Autonomia

Informações:

Câmara Municipal de São Paulo
Viaduto Jacaré, 100 - Anexo
2º andar - sala 217 - Bela Vista - SP
Telefones: 3396-4239 / 3396-4667
E-mail: eventos@camara.sp.gov.br

Apoio:

